

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA**

**A FORJA DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA
LITERATURA COLONIAL DOS SÉCULOS XV E XVI,
NAVEGANTES, CRONISTAS E RELIGIOSOS NO NOVO MUNDO.**

JUAN IGNACIO JURADO-CENTURIÓN LÓPEZ

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
RECIFE, JANEIRO DE 2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA**

**A FORJA DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA
LITERATURA COLONIAL DOS SÉCULOS XV E XVI,
NAVEGANTES, CRONISTAS E RELIGIOSOS NO NOVO MUNDO.**

JUAN IGNACIO JURADO-CENTURIÓN LÓPEZ

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras para a obtenção do grau de Mestre em Teoria da Literatura.

ORIENTADOR: PROF. DR. ALFREDO CORDIVIOLA

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
RECIFE, JANEIRO DE 2006**

Jurado-Centurión López, Juan Ignacio
A forja da identidade através da literatura colonial
dos séculos XV e XVI, navegantes, cronistas e
religiosos no Novo Mundo / Juan Ignacio Jurado-
Centurión López. – Recife : O Autor, 2006.
107 folhas : il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal
de Pernambuco. CAC. Teoria da Literatura, 2006.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Teoria da literatura – Literatura colonial
hispanoamericana – México e Caribe. 2. Formação da
identidade – Colonização – Séculos XV e XVI –
Influências europeias. 3. Utopia americana – Projeto
de um Novo Mundo – Adequação do mito –
Construção do imaginário. I. Título.

821
860

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

UFPE
BC2006-248

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A FORJA DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA
LITERATURA COLONIAL DOS SÉCULOS XV E XVI,
NAVEGANTES, CRONISTAS E RELIGIOSOS NO NOVO MUNDO.**

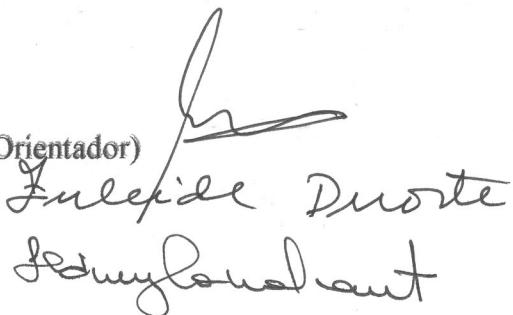
JUAN IGNACIO JURADO-CENTURIÓN LÓPEZ

BANCA EXAMINADORA

Doutor Alfredo Cordiviola, UFPE (Orientador)

Doutora Zuleide Duarte, UFPE

Doutora Ildney Cavalcanti, UFAL



Dissertação em Teoria da
Literatura apresentada ao
Departamento de Letras da
UFPE para a obtenção do
grau de Mestre em Teoria
da Literatura.

RESUMO

Nesta dissertação apresentamos uma reflexão sobre a controversa questão da identidade, tendo como ponto central da mesma o surgimento de uma possível identidade das comunidades situadas na região insular do Caribe e no vale de México, durante os primeiros setenta anos de colonização espanhola.

Assim, o *corpus* da pesquisa está conformado por uma coletânea de textos que, analisados de forma cronológica, pretendem ser uma aproximação ao processo de consolidação desta primeira identidade americana, durante o período histórico compreendido entre o ano de 1492 com a chegada de Cristóvão Colombo até 1572, data em que o Frade Franciscano Bernardino de Sahagún, devido às pressões da coroa espanhola decidiu paralisar seu trabalho. Estes dois fatos emolduram um momento histórico que teve grandes repercussões para o posterior processo de identidade da América Espanhola.

A dissertação centra sua atenção em documentos como a Carta e o Diário de Colombo, assim como nos textos produzidos pelos primeiros religiosos que se debruçaram no estudo das diferentes culturas locais, em especial a tarefa empreendida pela Ordem Franciscana em México. São também estudados os escritos dos chamados cronistas menores de México.

RESUMEN

En esta disertación presentamos una reflexión sobre la controvertida cuestión de la identidad teniendo como punto central de la misma el surgimiento de una posible identidad de las comunidades situadas en la región insular del Caribe y en el valle de México, durante los primeros setenta años de la colonización española.

Así, el corpus del estudio está conformado por un conjunto de textos que analizados de forma cronológica pretenden ser una aproximación al proceso de consolidación de esta primera identidad americana, durante el período histórico comprendido entre el año de 1492 con la llegada de Cristóbal Colombo até 1572, data en que el Fraile Franciscano Bernardino de Sahagún debido a las presiones de la Corona española decida paralizar su trabajo. Estos dos hechos enmarcan un momento histórico que tuvo grandes repercusiones para o posterior proceso de identidad de la América Española.

La disertación centrará su atención en documentos como la Carta y el Diario de Colón, así como en los textos producidos por los primeros religiosos que se dedicaron al estudio de las diferentes culturas locales, en especial la tarea emprendida por la Orden Franciscana en México. Serán también estudiados los escritos de los llamados cronistas menores de México

AGRADECIMENTOS

A Marlene, minha mulher, pelo apoio prestado desde minha chegada ao Brasil até hoje e pelo incentivo aos estudos. Inestimável presença que fez mais fáceis os momentos mais difíceis.

A minha filha Ana Carolina, pela serenidade que me emprestou para sentar a cabeça e ir para frente.

A Alfredo, meu orientador e meu amigo, por ter acreditado em mim e ter mostrado sempre o seu incondicional apoio.

A minha mãe pelo seu constante apoio desde meus parvos tempos até hoje nas vésperas de meu mestrado.

A José Manuel, meu irmão, por ser o laço entre dois mundos e por não colocar nunca obstáculos para resolver as minhas muitas petições.

À Margarida, minha amiga, por ter me acompanhado durante toda a graduação e ser minha guia no, então, estranho mundo da língua portuguesa.

La mejor cosa después de la creación del mundo,
sacando la encarnación y muerte del que lo creó, es el
descubrimiento de las Indias; y así las llaman Nuevo
Mundo.

Francisco López de Gomara.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

Pág. 1

INTRODUÇÃO

Pág. 7

CAPÍTULO 1. A QUESTÃO DA IDENTIDADE

1.1 A identidade nacional	Pág. 12
1.2 A forja da identidade	Pág. 13
1.3 Identidade e identificação	Pág. 17
1.4 Os mitos em debate	Pág. 19
1.5 Ver e Comparar. O olhar europeu	Pág. 22

CAPÍTULO 2. AS SOCIEDADES PRÉ-COLOMBIANAS

2.1 A Cultura híbrida	Pág. 30
2.3 O indígena revistado	Pág. 32

CAPÍTULO 3. IDENTIDADE, CRONISTAS E IDEOLOGIA Pág. 38

CAP 4. A INVENÇÃO DE AMÉRICA, O CONTINENTE AMERICANO NO CENÁRIO EUROPEU DOS SÉCULOS XV – XVI

4.1 O processo de invenção de América	Pág. 45
---------------------------------------	---------

CAPÍTULO 5. OS DISCURSOS DA IDENTIDADE

5.1 Cristóvão Colombo, a adequação do mito.	Pág 49
5.2 As outras crônicas da conquista de México	Pág. 63

CAPÍTULO 6. A CONQUISTA ESPIRITUAL DE AMÉRICA.

6.1 Identidade e ordens religiosas	Pág. 71
6.2 Os Franciscanos.	Pág. 74
6.2.1 Fray Bernardino de Sahún	Pág. 77
6.3 Os Jesuítas	Pág. 82
6.3.1 O Padre Anchieta	Pág. 84
6.4 Os Dominicanos	Pág. 86
6.4.1 Bartolomé de las Casas	Pág. 86

CAPÍTULO 7. CONCLUSÃO	Pág. 89
------------------------------	---------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Pág. 93
-----------------------------------	---------

ANEXOS	Pág. 98
---------------	---------

ÍNDICE DE IMAGENS

- 1) A Cosmogonia Asteca 20
- 2) Llegada de Colón a América. Theodoro de Bry..... 23
- 3) El dios Tezcatlipoca. (Códice Florentino) 31
- 4) Cartel IV Centenário. Alegoría del Descubrimiento de América 41
- 5) Ilustração de um Bestiário de índias do século XVI 50
- 6) Cristóvão Colombo segundo Alipando de Caprioli, século XV ... 52
- 7) O Juízo final. Jeronimus Bosch. 60
- 8) Carta assinada por Hernán Cortés..... 65
- 9) La Gran Tenochtitlan (Recreação) 66
- 10) Encontro de Hernán Cortés e Moctezuma 67
- 11) Fray Bernardino de Sahagún 78

PRÓLOGO

Em 1978, quando o meu pai morreu aos sessenta anos, vítima do câncer, deixou sem concluir um sonho que o acompanharia durante os últimos anos da sua vida: marujo de profissão e nascido em terras andaluzas, aos dezessete anos, foi obrigado, por causa da iminente guerra civil espanhola (1936-1939), a abandonar seus estudos para se alistar no exército e lutar durante os seguintes três anos.

Concluída a contenda, como muitos outros jovens, optou por continuar a serviço do exército e fazer carreira nele. Nos seguintes quarenta anos como marinheiro de guerra viajou pelo mundo, ao mesmo tempo em que construía uma das tradicionais famílias numerosas, que após as grandes perdas humanas derivadas da guerra lotaram novamente o país de crianças.

Nas suas viagens, visitou lugares remotos como Japão, Estados Unidos ou lugares mais próximos na distância, porém distantes ao nosso conhecimento, como o continente africano. Durante as viagens teve a oportunidade de conhecer novos mundos e novas formas de viver e assim, com o tempo reafirmou seu gosto pelo estudo dos assuntos relacionados com as viagens ultramarinas e, em especial, com aquelas que têm a ver com a chamada Conquista de América.

Entre viagem e viagem foi reunindo os volumes que completam, até hoje, a sua biblioteca colombina, desde autores clássicos como Gomara ou Cortés, até estudos mais importantes da época sobre a América Latina, como os de Morales Padrón ou de Salvador de Madariaga. A paixão pelo assunto e a oportunidade que lhe oferece para trabalhar no entorno da marinha o levam a estudar com profundidade e participar de eventos que têm como tema de fundo a descoberta de América e, principalmente, a primeira viagem

colombiana. Foi deste momento histórico que partiu esse seu último sonho que tristemente não teve oportunidade de cumprir.

Casado com uma mulher nascida na onubense cidade de Cartaya, localidade esta, vizinha da atual Palos de Moguer, ponto de partida das três caravelas colombianas, surgiu a hipótese de que tendo tanto Colombo como os irmãos Pinzón recrutado marinheiros nas localidades próximas a Palos, poderia ter entre os marinheiros participantes da pioneira viagem, algum membro da família de minha mãe. Poucas evidências comprovavam esta hipótese mas a dúvida já estava levantada e o caminho para a pesquisa foi aberto. Lamentavelmente naquela época eram poucas as informações que se tinham sobre a tripulação que acompanhou Colombo durante a primeira viagem e nada se comprovou antes do falecimento do meu pai. Mas a semente da discórdia já tinha sido semeada e agora nada ia impedir que ela brotasse mesmo que esta ainda demorasse mais de três décadas em fazê-lo e em terras bem distantes, porém intimamente ligadas a este último desejo.

Isto veio acontecer justamente quando se cumpriam 500 anos da chegada de Colombo ao chamado “Novo” mundo: Em 1992, um pouco cansado da monótona e pouco produtiva vida em Madri, decidi, junto com meu irmão e um amigo deixar para trás trabalho, família, amigos, assim como a comodidade de uma vida na casa, no caso, materna e ir atrás de um velho sonho ancorado no subconsciente de todo espanhol que alguma vez sonhou em sair da rotina e conhecer outras realidades.

A escolha do destino veio marcada por uma série de acontecimentos de ordem pessoal e principalmente pelo grande desejo que despertava nos três o continente americano e principalmente o Brasil, um país que na imaginação de qualquer espanhol é um prato cheio de referenciais positivos, desde a música até as paisagens, sem desdenhar, claro está, as suas mulheres. As notícias que nos falavam de violência e pobreza passaram a um segundo plano.

Foi assim que depois de vários meses de preparação e de bater, inutilmente, em muitas portas à procura de patrocínio como três herdeiros da tradição colombina, partimos da capital da Espanha rumo à América, exatamente à cidade brasileira de Recife. Essa cidade seria o ponto de partida de uma viagem que, com uma duração estimada de seis meses, tinha como principais metas: conhecer diferentes aspectos dentro dos campos da fotografia, botânica e artes cênicas, preocupações estas de cada um dos três integrantes da

viagem ou falando do modo certo, essas eram as três falsas justificativas que nos levaram a deixar nosso país em busca de novos desafios e principalmente de aventura.

Chegando a Recife, a surpresa foi maiúscula ao descobrir que, contrariamente ao que alguns brasileiros que moravam na Espanha nos tinham contado, a cidade não era exatamente como nos tinha sido retratada; nem tinha grupos armados no aeroporto dispostos a roubar a todos os estrangeiros desavisados, nem as cidades eram palco de guerra. Esta primeira surpresa mudou radicalmente a nossa prévia planificação feita na Espanha antes da partida, e em pouco tempo o Brasil se revelou como uma terra mágica, cheia de cores e sem o aspecto lúgubre que esperávamos após os relatos dos brasileiros na Espanha.

A sensação de poder caminhar livremente pelas ruas de Recife e em muitos casos, a semelhança com o modo de vida espanhol, dissiparam nossos medos e imaginamos que esta sensação se repetiria pelas outras cidades do roteiro previsto. Isto nos levou a abandonar a idéia de viajar de avião e optar pelo transporte terrestre. Teríamos assim maior chance de conhecer as diferentes cidades até nosso destino final, a região amazonense, e ao mesmo tempo uma maior interação com suas gentes.

Cidades como Fortaleza, São Luís ou Belém do Pará nos desvendaram uma impressão de Brasil que dificilmente tínhamos encontrado nos muitos livros consultados durante a preparação da viagem. Desde a admiração causada pela paisagem tropical até o contato direto com as pessoas; tudo evidenciava uma forma diferente de entender a vida.

Uma existência, em muitos casos, marcada pela pobreza e pela miséria, mas que nem por isso deixava de ser vivida de modo otimista. Essa esperançosa primeira imagem recebida, tristemente, mudaria parcialmente com o tempo e aproximaria em alguns pontos as duas culturas, a nossa e a local; a febre de consumismo e a valoração dos bens materiais já estavam presentes na vida de determinado setor da população local.

Depois de passar quatro meses viajando pelo norte e nordeste do país, filmando, fotografando e anotando as incidências da viagem, a equipe acabou se separando e tomando seus próprios rumos. No meu caso, este me levou de volta para a cidade de Recife, onde a excursão tinha começado. Animado com a iminência da festa do carnaval e com a intensa atividade festiva prévia a este acontecimento, optei por não viajar mais a outros estados e assistir a esta grandiosa celebração na capital pernambucana. O que já me tinha encantado

meses antes, agora me deixou deslumbrado; a cultura brasileira me deixou uma marca que dificilmente esquecerei. A celebração do carnaval, que ironicamente tinha vindo com os colonizadores europeus e tinha a suas raízes ancoradas na Península Ibérica, não guardava muita relação, pelo menos à primeira vista, com a folia de Momo de minha cidade de origem, onde era preciso ir atrás para encontrar a festa. No Recife, ficava difícil escapar desta, pois estava presente em toda a cidade, desde as grandiosas festas nos clubes até as saídas de pequenos blocos de bairro nos cantos mais inusitados da capital e da cidade vizinha, Olinda, onde eu tinha alugado um quarto bem no meio da farra.

De volta à Espanha, na terça de carnaval, a idéia de voltar ao Brasil se tinha afixado na minha mente como a purpurina da fantasia a minha pele. Esta idéia de retorno fez com que seis meses após minha chegada já estivesse com as malas prontas para voltar ao Recife, assim como, portando um projeto que justificasse do aspecto cultural a minha viagem.

Desta vez parti da Espanha sozinho com a intenção de estudar e filmar os cultos afro-brasileiros que tinha conhecido vagamente na primeira viagem. A possibilidade de estudar uma cultura tão rica e por outro lado misteriosa me enchia de emoção e me abria a porta a um mundo até então desconhecido para mim.

Após recopilar uma vasta bibliografia entre autores brasileiros, espanhóis e cubanos comecei os trabalhos de pesquisa e filmagem que me levaram a entrar em contato com numerosas pessoas vinculadas a este culto que foi trazido pelas nações africanas.

Os meses de trabalho e o contato com as diferentes entidades tiveram como resultado a realização de um pequeno documentário que tristemente não teve repercussão posterior, pois meus planos para o futuro já estavam se orientando mais para permanecer em terras brasileiras que voltar à velha Europa com o que a divulgação deste foi praticamente impossível pelo fato de eu estar ausente da Espanha.

Nos seguintes dois anos, entre viagem e viagem, foi se consolidando a idéia de morar definitivamente no Brasil e dar saída a minha curiosidade, procurando alguma atividade cultural que por um lado me rendesse algum dinheiro para sobreviver e por outro me permitisse trabalhar dentro do campo da cultura.

Foi nesse momento que conheci a minha atual mulher, fato que sem dúvida ajudou na decisão de permanecer definitivamente no Brasil e foi precisamente através dela que entrei em contato com o que seria meu primeiro emprego.

Em 1994 comecei a trabalhar como coordenador cultural do Centro Brasil-España, cargo que ocupo até hoje, e tive a oportunidade de realizar numerosas atividades culturais dentro dos mais diversos campos; desde a direção do grupo de teatro do Centro entre os anos de 1994 a 2004, com a apresentação de mais de quinze peças dramáticas, até a montagem de diferentes exposições de artes plásticas, fotografia, escultura, etc.

Em 1999 decidi retomar na UFPE os estudos de filologia (letras) que tinha deixado em 1985 na Universidade Autônoma de Madri por problemas pessoais. No quarto período fui convidado pelo Professor Alfredo Cordivíola a fazer parte de seu grupo de estudos que, tendo como tema de pesquisa as identidades americanas participaria, no ano seguinte, do Congresso Nacional de Iniciação Científica. Esse convite para participar do grupo me permitiu entrar em contato com um outro aspecto da cultura Americana que está vinculada diretamente com Espanha e que com o tempo me levaria a descobrir que não era o primeiro na minha família a mostrar interesse pelo tema.

A possibilidade de estudar esse nexo comum entre a cultura ibérica e a americana me fez aceitar imediatamente e passar, nos meses seguintes, a ler numerosa bibliografia sobre o assunto em questão. Documentação que em muitos casos já fazia parte de minha, por então, reduzida biblioteca.

Na apresentação dos resultados da pesquisa durante o CONIC 2003 me foi concedido o primeiro prêmio, fato que me animou a dar continuidade ao trabalho apresentado e estendê-lo após a minha graduação em Letras nesse mesmo ano. Para a convocação do Mestrado de 2004 pela Universidade Federal de Pernambuco, reformulei o projeto de pesquisa de estudo e o apresentei para apreciação pela banca examinadora.

Apesar desse projeto vir de uma pesquisa anterior, a oportunidade de trabalhá-lo desde uma abordagem mais ampla fez com que a reformulação atingisse alguns pontos que não tinha nem sequer imaginado durante o estudo prévio. Campos como a Antropologia, Sociologia e a História ganharam agora espaço dentro de uma análise inicialmente mais voltada para o campo literário.

Pouco a pouco a minha biblioteca colombiana ia ganhando novos volumes comprados a um lado e outro do Atlântico reunindo atualmente quase 200 livros, além de DVD'S, fitas de vídeo e alguns Cd-rom sobre o tema da colonização espanhola da América.

Mas, durante os quatorze anos que já passei no Brasil não só foram os laços culturais que me uniram a este e à América Latina , mas também o laço familiar na pessoa de minha mulher e fruto de esta relação nasceu a minha filha Ana Carolina, que desde o seu primeiro dia de vida foi uma ponte estabelecida entre as duas culturas, criada desde seu primeiro dia de vida de forma bilíngüe. Temos-lhe ensinado o amor pelo dois mundos, num exemplo vivo da tolerância, que reconhecidamente é a chave para o entendimento entre os povos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar alguns dos textos produzidos pelos chamados “autores da colônia” entre os séculos XV e XVI, exatamente entre os anos de 1492 e 1572, momentos históricos que abrem e fecham um período crucial no processo de colonização do continente americano.

O trabalho de análise foi dividido em duas partes, assim como o *corpus* que conforma o estudo.

Na sua primeira parte, a pesquisa contou com o apoio de uma série de obras e ensaios que estudaram o assunto da identidade e do processo colonizador a partir de uma perspectiva teórica, com a pretensão de explicar o fenômeno da conquista a partir de uma visão atual, analisando os diferentes fatores que conformaram o até hoje difícil processo da formação do novo imaginário americano. Estudos que vão desde aqueles que centraram sua pesquisa no impacto da conquista no pensamento europeu, como é o caso de Edmundo O`Gorman ou Fernando Ainsa, entre outros, até aqueles que concentraram suas reflexões em aspectos afins ao processo colonizador no Novo Mundo, mais concretamente durante os primeiros momentos deste momento histórico; Autores como Serge Gruzinski ou a monumental obra *Império* do escritor Henri Kamen. Além destes textos foram considerados também outros investigadores que, juntos com os primeiros citados, deram um importante subsídio à pesquisa.

A segunda parte corresponde à análise das fontes diretas dos autores da época em questão e entre os quais se encontram os textos dos navegantes e soldados, escritos durante os dois primeiros séculos da mal conceituada “Conquista”. Escritos como a Carta de Colombo ou as Cartas de Relação de Hernán Cortés, assim como outros relatos contemporâneos ao conquistador de México, escritos pelos chamados cronistas menores.

Foram também selecionadas outras narrações produzidas dentro do marco das diferentes ordens religiosas que chegaram ao Novo Mundo. Pela importância do texto, a pesquisa prestará maior atenção ao trabalho da Ordem dos Franciscanos, representada nesta reflexão pela obra do Frade Bernardino de Sahagún.

A divisão do *corpus* entre os livros de referência e o *corpus* propriamente da pesquisa fez com que esta fosse dividida, por sua vez, em duas partes essenciais: num primeiro momento, a questão da identidade é examinada a partir de uma perspectiva geral para depois tentar uma aproximação ao período histórico em que se situa a pesquisa. Seguiu-se a análise dos diferentes textos através dos discursos dos diversos autores do período histórico considerado.

Durante o andamento do trabalho foram surgindo algumas questões que se mostravam complexas e de difícil abordagem: Quais seriam as reais influências que foram configurando esta primeira identidade? E onde poderíamos encontrá-las? Que elementos do substrato indígena ajudaram neste processo de formação?

Essas perguntas, assim como outros questionamentos afins, foram definindo o objetivo principal da pesquisa. Depois das reflexões derivadas do trabalho, frutos da comparação dos textos teóricos e das diversas narrativas dos séculos XV e XVI, foram alcançados alguns resultados parciais.

A primeira conclusão a que chegamos foi a comprovação do fato de que a partir de uma perspectiva atual, resultaria difícil demarcar um modelo de identidade analisando unicamente as produções histórico-literárias dos primeiros momentos da colonização, pois é evidente que não estava entre os objetivos dos autores a reflexão sobre esta questão, e sim, a de informar aos monarcas, descrever as paisagens ou estudar os costumes locais com fins evangelizadores.

O papel dos chamados cronistas ou dos navegantes era somente descrever com maior ou menor detalhe o que encontraram no novo mundo, assim como os acontecimentos posteriores à chegada dos conquistadores. Já o trabalho inicial dos religiosos das diferentes ordens foi, em muitos casos, o de observadores dos costumes locais como elemento de auxílio na futura conversão do gentio.

A abordagem dos diferentes estudos atuais sobre a controversa questão da identidade que ia se forjando nos primórdios da colonização através da convivência das

duas culturas nos deu a certeza de que, como afirma Gruzinski; pode parecer paradoxal estudar o produto, investigar a prática antes de investigar ao autor, mas a própria natureza da fonte não nos dá escolha. (1988: p.96)

Tomando como base esta análise retrospectiva por parte dos historiadores atuais foi estabelecido o recorte definitivo dos textos que servem de *corpus* do projeto considerando, entre os textos escritos neste primeiro momento da colonização e mais concretamente nas duas regiões específicas do território americano para as quais está voltado o estudo, as produções que poderiam ser mais indicadas para atingir nosso objetivo de contextualizar a pesquisa dentro do período histórico predeterminado para a mesma.

No primeiro capítulo da análise centraremos a nossa atenção nos textos considerados como as atas de fundação da literatura americana, a carta e os diários de Colombo, na tentativa de entender como o discurso do Almirante foi preparando o terreno para o futuro projeto colonizador e provar que as primeiras imagens reveladas da realidade americana pela pena do navegador serviram para forjar uma imagem estereotipada dos indígenas e da paisagem local que perdurou durante séculos e em certo modo até hoje são referenciais na hora de retratar a América.

No subcapítulo dedicado aos cronistas vemos como a fusão de realidade e fantasia deram como resultado um gênero, que vinha da tradição literária européia, porém que no encontro com as novas terras ganhou uma nova conotação: a crônica de Índias.

Esta subdivisão do gênero literário surgido na Europa na Idade Média, mais com caráter burocrático que literário, ganha uma nova conotação, exclusiva do continente americano. Uma forma nova de fazer literatura, baseada na paixão do momento e no relato carregado de emoção e fantasia, que para muitos é considerada a precursora da posterior literatura fantástica sul-americana.

Foi definida, entre os objetivos principais desta pesquisa, a análise das descrições feitas pelos diferentes autores, comparativas na sua maioria, tentando encontrar o que delas se pode extrair na tentativa de localizar nelas as possíveis configurações de uma possível identidade que ia se forjando na América Espanhola nestas primeiras décadas de colonização.

Por outro lado serão também considerados outros aspectos dentro do discurso dos autores do *corpus*, como as diferentes apreciações dos povos indígenas. Visões que vão

desde a doçura do índio até a descrição de seus cruéis costumes sem desconsiderar alguns aspectos que, fruto do desconhecimento, mais parecem ser do gênero fantástico que da crônica histórica.

O pensamento dos cronistas esteve sempre caracterizado por um estranho sentimento de predestinação e de missão divina da colonização que marcou os primeiros contatos diretos entre os europeus e as povoações indígenas.

A difícil relação entre duas civilizações pouco a pouco irá aproximando os conquistadores das elites indígenas e terá como resultado a primeira geração de artistas, que como defende Alejo Carpentier, assimilou rapidamente os costumes e a cultura do povo visitante. Uma classe social predestinada a ser a portadora da nova identidade híbrida que caracterizará todo o continente sul-americano e que, com o decorrer dos séculos, será a alavanca do movimento de independência, que no século XIX procurará nas raízes pré-colombianas alguns dos elementos de identidade apagados pela colonização espanhola.

O minucioso estudo levado a cabo pelo Frade Franciscano Bernardino de Sahagún é o expoente do papel crucial que as diferentes ordens religiosas tiveram na hora da transculturação que se deu durante os primeiros momentos da colônia. A porta aberta pelo religioso não somente permitiu o contato dos europeus com as diferentes culturas locais senão que da mesma forma os índios tiveram a oportunidade de conhecer, pelo menos parcialmente, a cultura dos recém chegados. O contato dos indígenas com a língua dos colonizadores derivou, com o passar do tempo, num grande problema para a coroa espanhola e, por conseguinte, para o projeto colonizador. Os nativos mostraram uma capacidade assustadora para apreender o idioma castelhano, o que provocou que a coroa colocasse muitas travas para impedir o acesso dos indígenas ao poder. Por outro lado, a insistência dos religiosos em doutrinar os indígenas em Nahuatl provocaria outro problema para a Coroa.

Sem o esforço dos padres das diferentes ordens em ensinar a língua aos indígenas é muito possível que o contato entre as duas civilizações tivesse sido marcado ainda mais pela negação do outro que pela tentativa de compreensão que caracterizou o trabalho dos religiosos. Podemos afirmar, sem medo de cair no erro, que foi Sahagún, através de seu trabalho de aproximação e posterior estudo das culturas locais, um dos pioneiros nos estudos antropológicos da população indígena, e, por sua vez, o aliciador do processo de

transculturação que marcará para sempre a convivência dos dois povos, o europeu e o agora chamado americano.

A instauração em 1571 do Tribunal do Santo Ofício na América colocou um ponto final no sonho dos Franciscanos de um “Novo Mundo”, construído através da convivência pacífica entre os espanhóis e os indígenas.

CAPITULO 1.

A QUESTÃO DA IDENTIDADE

América fue construida a partir de la identidad (la perspectiva del yo) y no la alteridad (la perspectiva del otro)

Rolena Adorno

1.1 A identidade nacional

A identidade nacional tem sido, durante as últimas décadas, objeto de intensa controvérsia devido a diferentes fatores. Por um lado, observa-se o grande fluxo de massas humanas de um continente para outro, principalmente saindo dos países de baixa renda com destino às nações mais ricas do planeta. Por outro lado, há o avanço tecnológico que tem favorecido, nos últimos anos, a disseminação mundial de diferentes manifestações culturais através dos mais diversos suportes, propiciando assim uma fusão de culturas ao redor do planeta, fato que, por sua vez, tem provocado a retomada dos estudos sobre a identidade nacional, um tema nem sempre fácil de ser abordado pela abstração que supõe muitas vezes a conceituação de um determinado modelo de identidade.

Na América do século XV a realidade era muito diferente do exposto no parágrafo anterior, mas é preciso considerar que durante as primeiras décadas de colonização os espanhóis se esforçaram para estabelecer, através do estudo das culturas locais, uma série

de vínculos que lhes permitissem uma aproximação às comunidades indígenas num panorama que para muitas delas se apresentava desolador. Por um lado, precisavam aceitar o novo imaginário e por outro tentaram preservar, da melhor maneira possível, a sua cultura, agora considerada pelo poder dos conquistadores como idólatra.

Segundo o filósofo alemão Johann Herder (Apud Agra. 2001), todo agrupamento humano é demarcado por uma tradição cultural e principalmente por uma língua comum. Estas duas noções, fundamentais para o surgimento de qualquer identidade, estavam fora de cogitação na América dos séculos XV e XVI mas dentro do projeto de fusão das duas culturas, os religiosos nunca deixaram de observar a tradição pré-hispânica na procura de elementos análogos que servissem de base para a implantação do novo imaginário cristão. Pode-se verificar assim que de acordo com o pensamento de Herder, a presença da tradição cultural, mesmo que bipartida, foi também algo essencial para o processo de formação desta identidade.

Entende-se por identidade a soma dos elementos culturais, comportamentais próprios e alheios num encontro que tem como resultado um tipo de vínculo capaz de unificar e identificar um determinado grupo social. Este vínculo referencial pode se dar das mais diferentes maneiras. Porém existem alguns destes traços comuns que são inerentes a qualquer sociedade e que conformam os possíveis traços identificadores de uma identidade comum a todos os grupos sociais. Estes traços foram se consolidando, no novo mundo, diante da necessidade do convívio das duas culturas e, apesar da diluição com o passar do tempo, foram preservados muitos dos aspectos da cultura indígena, tais como a culinária, toponímia e, no caso de México, até rituais que têm na América pré-hispânica as suas raízes.

1.2 A forja da identidade

Na tentativa de dar uma explicação lírica ao seu labor como escritor, o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto escolhe como veículo de expressão nada melhor que uma composição poética: o poema intitulado “O ferrageiro de Carmona”. (Ver anexo. Pág. 103)

Através deste poema o autor explica a semelhança que existe entre a labor do ferrageiro e o modo de criar do verdadeiro poeta.

O ferrageiro, ao contrário do fundidor que trabalha com formas já pré-fabricadas, produz suas obras através do contato direto com o metal; nas palavras do poeta, domando-o, forçando-o até alcançar o modelo imaginado previamente.

Para Cabral, a criação poética não é senão um processo de forja, do duro trabalho com a matéria bruta, a palavra. Desde a difícil escolha dos vocábulos à imprevisível fusão destes, até chegar finalmente à composição poética.

A tarefa do forjador é, sob a visão cabralina, um árduo labor que faz com que o artista selecione cuidadosamente os elementos que conformaram sua obra final. A seleção e combinação dos elementos que culminaram no objetivo desejado são partes integrantes de uma técnica que se assemelha muito ao processo pelo qual passa a identidade até alcançar aquilo que Benedict Anderson um dia nomeou como “comunidade imaginada”.

A forja da identidade não é senão o produto do trabalho de triagem de uma série de elementos escolhidos, através de uma não sempre fácil seleção, na qual intervêm elementos próprios e alheios, até conformar uma determinada identidade.

Como se pode pensar num modelo de identidade comum aos dois povos que se encontram, quando o europeu, imbuído de um sentimento de superioridade frente à civilização pagã americana, nunca sai de si mesmo em busca do outro?

Sensação parecida foi a que deve ter tido o indígena ao se deparar com o europeu. Num primeiro momento este chegou a considerar o recém chegado de terras estranhas como um deus. Fato propiciado pelas antigas profecias pré-colombianas que anunciam a visita de uns seres superiores provenientes do outro lado do mar com características físicas semelhantes às dos espanhóis, o que nos remete a uma possível visita dos povos do norte de Europa séculos antes. Em pouco tempo esta idéia de endeusamento dos recém-chegados vai mudar radicalmente e o indígena passaria a vê-lo como um demônio e principalmente como um inimigo que tinha como único objetivo o lucro e não duvidava em massacrar comunidades inteiras só para alcançar seu pouco divino fim.

A partir desta perspectiva, que pontos em comum poderiam ter os dois povos se tanto um quanto outro se anulavam mutuamente?

É importante notar que no processo de consolidação de uma determinada identidade são numerosos os fatores que interveem, desde a complexidade do aspecto ideológico até a calculada escolha de determinados elementos que supostamente unificaram o grupo social. Como já foi observado anteriormente, toda identidade é precedida de uma identidade cultural concreta. Esse processo se dá em todos os agrupamentos humanos, porém nem por isso quer dizer que todos os integrantes destes participem na escolha dos elementos de identidade; grande parte dos participantes deste grupo social nem se conhecem nem se conheceram nunca, porém se identificarão ante uma série de elementos que lhes são familiares e que lhes fazem sentir a previamente estipulada comunhão entre todos os membros de uma determinada sociedade. Mas cabe aqui um questionamento fundamental para tentar entender o processo de consolidação da identidade: a quem cabe o poder de decisão sobre quais fatores determinarão essa identidade?

Para Serge Gruzinski (2003), os primeiros momentos da colonização do Novo Mundo estão marcados pela situação caótica provocada pela imposição de um novo imaginário que é cruzado constantemente com o mundo pré-hispânico. Nesta situação de desordem resulta de uma grande complexidade encontrar elementos comuns que ajudem na formação de uma identidade válida para as duas comunidades.

Para Benedict Anderson (apud Silva. 2001) “A nacionalidade ou a qualidade de nação (...) do mesmo modo que o nacionalismo, são artefatos culturais de uma determinada classe”

Classe que nos alvores da colonização foi integrada na quase totalidade por espanhóis, mas sem desconsiderar que, nas primeiras décadas, os indígenas que tinham desempenhado uma função importante foram aproveitados por um lado, como intermediários entre os dois povos, para o controle político e a manutenção da recolhida de tributos, algo essencial para sustentar o número reduzido de espanhóis sempre temerosos de uma revolta indígena contra eles, e por outro, para tentar mudar o modo de representação do mundo indígena, a alfabetização de alguns indígenas foi fundamental para conectar os dois mundos.

Este fato se mostra relevante na hora de considerar a identidade americana ter sido um produto mais de uma imposição autoritária que fruto de uma unanimidade ou consenso geral. Porém, esta questão está neste momento fora de cogitação, considerando que a

preocupação, por parte do povo e concretamente dentro das elites, com uma identidade nacional na América Latina só viria aparecer no século XIX, no período das independências sul-americanas, diante da necessidade de se diferenciar do modelo instaurado à força pela nação dominante européia e ante a constante ameaça por parte de potências como Estados Unidos ou a França, que através de seus ideários comprometiam a consolidação de um modelo próprio de identidade para as jovens nações centro e sul-americanas.

Já desde os primeiros momentos da conquista vai se formando, através da miscigenação, um novo grupo racial formado pelos mestiços que posteriormente terão nos “mestiços” a sua máxima representação na hierarquia indiana. A mestiçagem foi fundamental para o processo de formação da nova identidade, pois facilitou o encontro dos diferentes povos que chegaram as terras do novo mundo:

El mestizaje, no obstante, ha tenido una importancia indirecta fundamental por haber facilitado en América un proceso social de enorme envergadura: la aculturación, o sea, la mezcla de elementos culturales. En América, el mestizaje se convirtió, con toda probabilidad, en el principal vehículo de aculturación, ya que coincidieron, por lo general, cruzamiento racial y fusión cultural. (MÖRNER, 1992: 42)

A nova organização social vai se conformando sendo, num primeiro momento, liderada por uma classe dominante formada pelos espanhóis e pelos filhos de espanhóis e índios. Serão eles os encarregados de ocupar alguns dos principais postos na pirâmide social da colônia, mas em pouco tempo pode se notar entre estes dois grupos uma certa tensão marcada pelo sentimento de superioridade dos espanhóis frente aos já nascidos na América.:

El esquema global de la sociedad tipo, configurada en las Indias podría hacerse a base de estos grandes sectores: Superior o elite, medio o pueblo llano, inferior o plebe y esclavos.

El estrato superior, grupo dominante o elite, que monopoliza todo el poder político y económico esta ocupado sólo por blancos, tanto europeos como criollos. Estos últimos forman la mayor parte del grupo dominante por su condición socioeconómica, pero su arraigo americano y la dificultad de acceso a la burocracia colonial los coloca en una situación de inferioridad. (CUETOS, 1996: 72)

Durante séculos esta rivalidade alimentará os sonhos de uma classe social considerada elitista, porém, marcada pelo desprezo dos peninsulares. Algo que se evidenciará durante a independência das colônias já no século XIX.

1.3 Identidade e identificação

Segundo Walter Mignolo (2001) é imprescindível para o estudo das relações Europa – América saber diferenciar no olhar europeu o que é a identidade é o que é a identificação dentro do processo de formação do novo imaginário latino-americano. Esses dois termos se confundem pelo grau de aproximação semântica , mas diferem, no contexto americano, a partir do olhar do europeu que, movido pela curiosidade, percorre os caminhos de território desconhecido e estranho tentando identificar o que encontra ao seu redor, porém sem por isso criar um traço de identidade com a paisagem e as suas gentes.

Para a historiadora Janice Theodoro, a natureza brasileira foi vista pelos olhos europeus através de um reflexo comparativo com seu próprio mundo e assim América se converte, nos primeiros momentos da colonização, na mera reprodução de elementos já conhecidos, ao mesmo tempo em que lhe é outorgado ao homem o direito de usufruir as riquezas da terra:

Toda a narrativa elaborada sobre o descobrimento e colonização de Brasil organiza o que é semelhante. O narrador procura elementos que devam ser ajustados, aproximando as relações entre o mundo vegetal e animal. Delegando ao homem o direito de hierarquizar e utilizar em seu próprio benefício todas as espécies. Assim os vegetais e os animais existem para serem consumidos pelo homem. Diversamente para o indígena, as espécies devem manter o equilíbrio da natureza, equilíbrio identificado com a barbárie. (THEODORO, 1992: Cap.3. http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab/)

Todorov reflete, na sua *Conquista de América, a questão do outro*, sobre este encontro, a aproximação entre as duas civilizações, fato que foi provocado pela viagem de Colombo, e conclui que este encontro nunca chegou realmente a materializar-se. Os espanhóis, na maioria dos casos, nunca enxergaram os indígenas como eles eram realmente e sim, em muitos casos, sob uma imagem única e estereotipada para todos; a de seres

selvagens e idólatras, de cruéis costumes que deveriam ser exterminados como justo pago por seus pecados

De acordo com Todorov o conquistador olha, porém não enxerga o indígena que tem na sua frente: “No início do século XVI, os índios da América estão ali, bem presentes, mas deles nada se sabe, ainda que como é de esperar sejam projetadas sobre os seres recém descobertos imagens e idéias relacionadas a outras populações distantes” (TODOROV, 1999: 6).

Ironicamente, a primeira imagem desenhada do indígena nos primórdios da colonização é caracterizada pela mansidão deste e pela sua boa aparência física. Este discurso, mais próprio dos primeiros anos da conquista, não sobrevivera por muito tempo. O olhar aparentemente ingênuo de Colombo é questionado por outras testemunhas que já na segunda viagem não vêem o indígena da mesma maneira que o Almirante. O Doctor Chanca, que acompanha o Almirante na sua segunda travessia e tem a oportunidade de conhecer os temidos Caribes, nos deixa, através da sua famosa carta, uma nova visão da realidade americana; a paisagem continua exuberante, mas seus habitantes não são já tão mansos como Colombo os tinha retratado:

La costumbre desta gente de Caribes es bestial (...) Dicen que la carne del hombre es tan buena que no hay tal cosa en el mundo; y bien paresce porque los huesos que en estas casas hallamos todo lo que se puede roer todo lo tenían roido, que no había en ellos sino lo que su mucha dureza no se podía comer. Allí se halló en una casa cociendo en una olla un pescuezo de un hombre. Los mochachos que cativan córtanlos el miembro, é sírvense dellos fasta que son hombres, y después cuando quieren hacer fiesta matanlos é cómenselos, porque dicen que la carne de los mochachos é de las mujeres no es buena para comer. Destos mochachos se vinieron para nosotros huyendo tres, todos tres cortados sus miembros.

(Carta de Diego Alvarez Chanca. Www.fortunecity.com/victorian/churchmews/1216/Chanca.html)

Este relato bem menos benevolente será um dos que, com o tempo, assinala a grande diferença entre os diferentes relatos de Índias. Por um lado aqueles de caráter informativo, que caracterizaram estes primeiros anos da conquista e se distinguem pelo tom realista. Por outro lado, os relatos que se seguiram, entre os que se encontram os

produzidos pelos soldados, estarão liberados desta função e abertos à imaginação desbordada dos autores que, diante do desconhecido, recorreram ao processo de identificação, tomando como referência as mais inusitadas fontes e provocando uma subversão da realidade local que renasce agora como um reflexo da mitologia grego-romana em terras austrais.

1.4 Os mitos em debate

Um dos fatores mais relevantes no estudo da identidade dos povos indígenas como passo prévio para a posterior formação de uma nova identidade de caráter latino americano é a urgente necessidade de desmistificar o conceito histórico e estereotipado da mansidão do índio e a sua completa desorganização. Mitos que segundo Chiavenato (1992) nos remetem respectivamente às teorias do bom selvagem mantidas pelo pensador francês Jean Jacques Rousseau e à difícil tarefa de assimilar a consideração do índio como um ser bárbaro e ignorante que, em muitos casos, era a imagem idealizada do indígena pelos europeus.

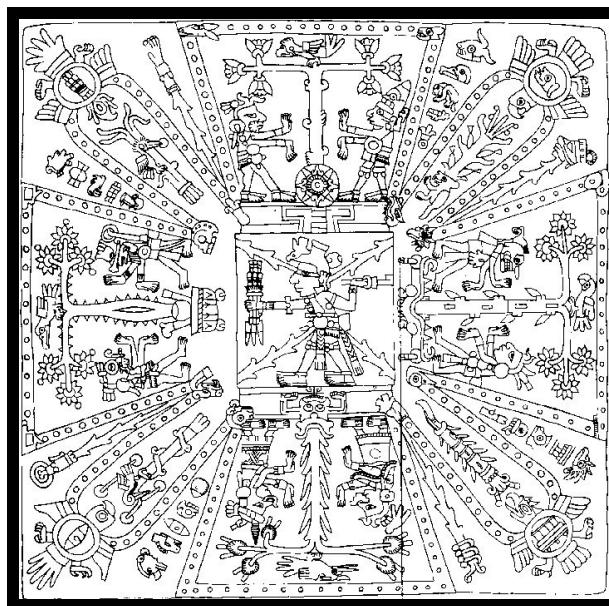
Tratam-se de modelos padronizados de apreciação do ser americano que se adequaram perfeitamente ao projeto de dominação ou simplesmente de eliminação dos povos indígenas; pela mansidão se justificava a inocência, virtude que permitiria por um lado a rápida conversão à fé cristã, e por outro, o trabalho escravo. A crença na falta de organização social e política dos índios abre o caminho para a implantação do modelo trazido de Europa, o qual será imposto sem considerar as culturas locais, porém não significará a completa eliminação destas.

Segundo o recentemente falecido filósofo espanhol Julián Marías é preciso diferenciar o modelo de identidade que foi implantando em América do Sul e em América do Norte. Esta diferença é fundamental para entender o processo de acomodação das duas culturas, a local e a européia, no continente sul americano:

He descubierto hace algunos años. (...) de un hecho que es también inmenso. La diferencia entre América del Norte y América del Sur. En América del Norte se produce un transplante de sociedades europeas, principalmente inglesas, secundariamente holandesas y

francesas, al continente americano para fundar allí sociedades europeas que no tienen nada con América, más que el territorio. (...)

En el caso de España es algo distinto, se produce un injerto, las sociedades americanas no son europeas, no son españolas, siguen siendo americanas, injertadas, hispanizadas, europeizadas claro. (...) Esto es lo que ocurre con las sociedades de América, siguen siendo americanas, conservan sus caracteres en gran medida. (MARÍAS, 1980: 14)



A Cosmogonia asteca

Este sentimento de preservação do americano, apesar da notória influência européia é o mesmo que sente a historiadora Janice Theodoro, quem também estabelece o contraste entre a colonização ibérica e a inglesa, quando visita América latina pela primeira vez:

Em Lima, em Bolívia, na cidade de México, em pequenos “pueblitos” perdidos no mapa, encontrei crianças brincando em línguas indígenas. Fui ao mercado, a praça, e ouvi outros linguajares novamente. Admirei um rosto, cabelos e olhos, centenas de gestos, posturas e maneiras que decididamente não era européias. (...) Quanto mais vivia entre eles percebia que não pensavam como Europeus, não eram fruto de terra arrasada, não haviam rompido com suas tradições ancestrais. (...) Também não me faziam crer serem apenas sobreviventes. (THEODORO, 1992: Cap. 3 http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab/)

Poderia se pensar que a cultura imposta pelos europeus apagaria qualquer traço da tradição pré-colombiana. O poder da cruz e da espada emudeceu, parcialmente, a voz do povo indígena e a história deles passou a um segundo plano. Porém, não foi isso o que realmente aconteceu; como afirma Gruzinski, a lembrança indígena pré-hispânica ficou impregnada em todos os aspectos da renovada cultura americana e assim séculos depois da chegada do primeiro europeu ,determinadas tradições continuavam muito presentes no dia a dia de algumas comunidades:

Em *Coatepec*, no vale de Toluca, em 1756, os índios continuavam adorando uma serpente que encarnava o guardião da comunidade e recebia oferendas de vinho e aguardente. Prova de que o velho *Calpulteotl*, protetor tutelar, ainda não tinha morrido. Só depois de serem arrancados de suas terras e migrarem para uma vida miserável nas cidades efervescentes do pós-guerra, o elo desses grupos com o meio natural começaria a se dissolver. (GRUZINSKI, 2003:339)

O processo de aculturação que se deu nos primeiros momentos após a chegada do europeu criou uma imagem distorcida do indígena. Um retrato que não somente se distanciava da realidade, senão que afastava o próprio conquistador de qualquer possível aproximação cultural entre os dois povos. A distância provocada por esta imagem pouco favorável do indígena favorecia a atitude de prepotência que a empresa colonial precisava para obter sucesso na sua ânsia por riquezas.

É importante notar aqui uma distinção no modo de ver os indígenas por partes dos espanhóis: Por um lado, aqueles que já conviviam com os conquistadores nas suas cidades recém fundadas, e por outro lado, os que ainda não tinham tido um contato com os europeus. Será determinante, no processo de dominação deste segundo grupo, a manutenção desta imagem, em certo modo, distorcida e útil para os objetivos da conquista. Para os índios já evangelizados ou pelo menos submetidos, a realidade será outra.

Considerando a história americana a partir de uma perspectiva atual e liberada das pressões da história, resulta evidente que está fora de tom a consideração geral e

estereotipada destes dois caracteres, mansidão e desorganização social, no seio das comunidades indígenas.

Uma revisão histórica da estrutura política e social de civilizações mais representativas do mundo pré-hispânico nos poderá ajudar a entender como se deu o processo de adaptação do arquétipo trazido pelos espanhóis dentro do marco local de grandes civilizações que em poucas décadas verão seu mundo derruir ante o poder da potência conquistadora.

1.5 Ver e comparar. O olhar europeu.

Uma das principais teses que se apresentam na hora de tentar compreender como se deu o processo de implantação do modelo trazido de Europa no solo americano deriva, sem dúvida, numa pergunta que até hoje é motivo de polêmico debate: Como o viajante lidou no seu primeiro encontro com a paisagem e os costumes locais nestas novas latitudes? É na possível resposta a esta e outras muitas questões que se faz imprescindível o estudo das diversas narrativas dos séculos XV e XVI pois, em muitos casos, são elas as únicas fontes diretas que temos da visão dos espanhóis durante as décadas imediatamente posteriores à chegada de Colombo.

Cartas, crônicas e demais narrativas produzidas pelos próprios protagonistas da empresa colonizadora se convertem assim nas testemunhas que retrataram de modo mais ou menos fidedigno o processo de conquista do território americano. Estes “escritores” são também os primeiros “historiadores” do Novo mundo.

Levado pela necessidade urgente de traduzir uma realidade muito diferente da sua, o europeu emprega como estratégia de aproximação semântica a comparação com o seu próprio imaginário, com aquilo que já conhece no mundo de onde veio.

Assim, Colombo, no seu relato dos primeiros contatos com o solo americano, recorre à comparação, tomando como principal referencial as fontes bíblicas das quais era fervoroso leitor. Estas referências lhe servem para pintar o primeiro retrato dos índios e da exuberante natureza local.



Theodore de Bry
Llegada de Colón a América, Siglo XV

Na sua terceira viagem, ao se deparar com a paisagem do rio Orinoco e as suas gentes, o Almirante acredita ter chegado ao mítico e desejado Jardim do Éden, o paraíso onde o homem e natureza vivem em harmonia e paz, longe do pecado e mais próximos ao criador.

O indígena, apesar do breve contato com os recém chegados, ganha uma descrição que inclui características tais como a sua notada inocência, a mansidão, a beleza corporal, etc. Já para se aproximar da paisagem, Colombo faz constantes alusões comparativas às terras que deixou atrás na sua saída da Península Ibérica. O cenário andaluz e suas paisagens mediterrâneas se revelam várias vezes durante o seu relato e servem como referencial estético e, por sua vez, como elemento de aproximação ao mundo conhecido pelos seus futuros leitores.

Resulta estranho que, em tão pouco tempo, o navegador consiga fazer um retrato do indígena e de seus costumes. Isto nos leva a pensar numa questão amplamente discutida ao longo destes últimos cinco séculos e que mais adiante estudaremos com maior detalhe no sub-capítulo chamado “A adequação do mito”. O Almirante já trazia na mente uma série de idéias preestabelecidas que irá adequando à realidade local de acordo com as necessidades,

que incluíam descrições tanto da terra a encontrar, como dos seus possíveis habitantes. Para alguns historiadores, o Novo Mundo era um mito esperando a oportunidade de ser materializado e foi Colombo o primeiro a tentar concretizá-lo.

Do mesmo modo, com maior ou menor benevolência, os relatos que se seguiram nas próximas décadas fizeram uso também da comparação com as fontes européias como recurso para ilustrar, aos olhos do Velho Mundo, a nova e imprevisível realidade americana.

Para a professora Janice Theodoro, América foi desenhada, nestes primeiros momentos da conquista, sem contar com o conhecimento das culturas locais senão diretamente através da comparação com os modelos clássicos importados de Europa, da tradição grega e romana. Estes serão os encarregados de compor o novo quadro da renovada mitologia americana.

A seleção, realizada através de séculos, deu origem a uma organização e hierarquização seqüencial dos fatos históricos, bastante aprumada ante as transformações ocorridas na Europa. Nesse sentido, os descobrimentos, por exemplo, tornaram-se marcos da integração da história americana à história européia. O que veio antes, a história das civilizações pré-colombianas, é, apenas, antecedente das descobertas. A nossa história não se compõe através de uma busca às raízes indígenas, mas dos referenciais gregos e romanos que, através da linguagem, transformaram-se na história antiga que precisamos conhecer. Por que sabemos tão pouco sobre Teotihuacán? Esta cidade, cujas ruínas podemos visitar, corresponde ao modelo ideal de metrópole meso-americana e seu significado não faz parte de nossas indagações. Por que não estudamos estas sociedades americanas ao mesmo tempo em que refletimos sobre a Idade Média, se foram contemporâneas? Que ordem estaríamos rompendo? De que lado do Atlântico encontrariam a civilização e de que lado a barbárie? Seriam estas categorias explicativas para se analisarem culturas tão diferentes? (THEODORO, 1992: Cap5 http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab/)

Mais adiante, a autora esclarece como foi, no seu modo de ver, a ordenação do novo imaginário americano, como foi determinada a seleção dos elementos que irão compor este imaginário, uma escolha que marcará inicialmente o discurso dos cronistas e depois toda historiografia americana.

Na América, a crônica e, posteriormente a história, foram elaboradas a partir de um princípio ordenador, importado da Europa. As histórias das províncias de ultramar representaram a composição e a cristalização, de um único eixo narrativo, bastante uniforme, capaz de abarcar todos os fatos que diziam respeito ao processo de conquista e colonização da América. A partir desse grande eixo, todos os elos foram feitos, tanto para frente (de 1492) quanto para trás. A data de 1492 representou a ampliação e a integração na Europa de histórias americanas, similares àquelas cujo berço era o Velho Mundo. (THEODORO. 1992: Cap. 5 http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab/)

Porém, este recurso discursivo marcado pelos referenciais europeus nos apresenta uma série de questionamentos a serem resolvidos: Quais foram as diretrizes que serviram de referência na hora da escolha dos elementos de comparação do referencial europeu?

A suposta inocência dos indígenas revelada nas imagens do relato colombiano e dos muitos outros textos posteriores não escondia por trás uma outra intenção carregada de ideologia? Ou podemos considerar que este retrato é somente um produto da época?

Refletindo sobre estas duas interrogações pode se pensar numa outra questão que pode ser considerada produto do encontro das perguntas anteriores: Como se deve lidar com o fator fidelidade na hora de analisar os discursos dos diferentes autores do período colonial latino-americano? Será que é realmente necessário duvidar dos textos ou isto é irrelevante na hora de tentar uma aproximação ao que realmente aconteceu nos alvores da colonização do chamado novo mundo?

No contraste destes textos dos cronistas e dos navegantes com os dados que pouco a pouco os historiadores vão revelando são evidenciados muitos elementos de incoerência entre uns relatos e outros. Isto corrobora algo que já era imaginável e que é considerado como algo lógico por quase todos os pesquisadores; a história rara vez é contada como realmente ocorreu e em contadas ocasiões, aquela que León Portilla (2000) chama de “*Voz de los vencidos*”, encontra seu devido espaço no discurso oficial.

Até esta “Voz dos Vencidos”, como a denomina o escritor mexicano, é também passível de ser questionada. Segundo o historiador Vázquez Chamorro, a objetividade do discurso de Leon Portilla é questionável por causa da paixão que este tem pela causa mexicana:

Desgraciadamente, la loable objetividad demostrada por León Portilla, quien se situaba de manera voluntaria más allá de filias y fobias, no se ha respetado. Por eso puede decirse que una considerable parte de lo publicado sobre el tema carece de validez, pues presenta una marcada tendencia a la subjetividad. Hay dos razones para explicar esta falta de objetividad: el humanitarismo y las creencias políticas. (CHAMORRO, 1985: 4)

É preciso pensar que a controvérsia suscitada pela veracidade ou não das fontes coloniais é algo que, neste estudo, está fora de cogitação, passa a um plano secundário. No estudo do estabelecimento de um determinado modelo de identidade, visto a partir de uma perspectiva geral que nos remete a uma América como um todo, considerar a veracidade ou não dos fatos narrados é algo que somente prejudicaria a adequada visão do processo de formação do novo imaginário.

É precisamente nesse amálgama de imagens trazidas de terras longínquas, no amplo leque de elementos vindos de terras distantes que se fusionaram, num determinado momento e sob uma circunstância concreta com os valores locais, que é possível estudar de modo mais coerente como se forjou a nova identidade americana. Neste estudo, todos os fatores devem ser considerados: a não fidelidade com o que realmente aconteceu é também um elemento a mais a ser discutido, pois só naquele contexto com suas verdades e suas fantasias, poderemos entender este momento histórico e os motivos que levaram os cronistas a usar um determinado discurso marcado por uma ideologia vigente.

Todos estes determinantes são essenciais para atingir o objetivo desejado: a apreciação, do modo mais abrangente possível, do processo de consolidação da identidade neste novo paraíso idealizado pelos europeus.

No projeto utópico que com o tempo veio a se chamar América, a terra onde se sublimariam muitos dos antigos desejos da cristandade; em pouco tempo se evidenciara que construir uma nova terra, baseando-se naquilo que o professor Antonio Carlos Amador tem chamado de discurso de espelho, não faria senão reproduzir grande parte dos erros que marcaram a trajetória histórica do continente do qual se pretendia distanciar. O desejo de construir um Novo Mundo faliu, pelos menos em determinados aspectos e América refletiu, como num espelho, muitos dos vícios e subversões do Velho Mundo.

Em termos de análise do discurso, os relatos dos europeus no momento da conquista, podem ser entendidos como um espaço dialético em que o território do outro se estrutura num discurso de espelho, onde o mundo social europeu marca profundamente a imagem do mundo, até então, desconhecido. A descrição da natureza física, por exemplo, é profundamente marcada pela procura de semelhanças com a natureza européia. O critério da semelhança e as comparações são extremamente constantes. Na ausência de qualquer paralelismo que permita fazer a interpretação, o desejo assume um lugar privilegiado. Neste caso, o olhar do colonizador é intensamente marcado pela perspectiva mercantil e o seu desejo está sempre associado à necessidade de encontrar evidências da existência de ouro.

(AMADOR. O choque cultural e a questão do outro.) <http://www.tomgil.hpg.ig.com.br/colombo.htm>

Que fatores históricos condicionaram a escolha dos elementos que conformaram um modelo concreto de identidade? Como o imaginário foi usado para um fim determinado?

O controle do imaginário, como um dia o chamou Luiz Costa Lima, será o divisor de águas entre o que era adequado ou não o era na formação da identidade (19...). A seleção das imagens que comporão este ideal de pensamento não é senão o produto de uma calculada análise que visava o controle dos indígenas e a necessidade de submeter tanto as populações locais como os próprios recém chegados a uma ordem coerente com os objetivos de dominação das coroas espanhola e portuguesa. Dominação que nestes momentos era marcada, como observou Gruzinski, pela situação caótica que significou o encontro dos dois continentes.

Um fator que escapa da visão mística da Conquista e que determinou o modo de entender a América foi sem dúvida a esperança de encontrar riquezas, da futura exploração comercial do imenso continente, do sonho fantástico da mítica “*El Dorado*” até o encontro de ricas jazidas de ouro, prata, diamantes, etc.

Cada um destes fatores observados derivou num olhar particular da terra; desde a perspectiva da urgente necessidade de dar uma explicação passível de ser assimilada pelo público europeu, na chamada literatura informativa, se justifica o abuso dos termos comparativos entre o novo e o velho mundo. Algo que, como explica Costa Lima, somente estará presente na primeira narrativa da Colônia. Em poucas décadas o leitor europeu pedirá maiores garantias no relato: “Já em 1533, Gonzalo de Oviedo publicava versão da primeira parte da *Historia general y natural de las Indias*. (...) e explicita a preocupação em distinguir

seu próprio relato das aventuras maravilhosas dos romances de cavalaria” (COSTA LIMA, 1997: 215).

O próprio Oviedo diz:

(...) La cosa que más conserva las obra de natura en la memoria de los mortales, son las historias y libros en que se hallan escritas; y aquellas que por más verdaderas y autenticas se estiman; que por vistas de ojos el comedido entendimiento del hombre que por el mundo ha andado se ocupo en escribirlas (...) Esta fue la opinión de Plinio, (...) Imitando al mismo, quiero yo en esta breve suma, traer a la real memoria de vuestra majestad lo que he visto (...) (OVIEDO, 2002:55)

A preocupação do cronista em não ter seu escrito confundido com os relatos fantasiosos da época, com aqueles textos que serviram para criar o termo acunhado nos próprios alvores da “Conquista” como “mentira de viajante”, revela uma primeira tentativa de separação entre os livros que podem ser considerados como literários em vez de históricos ou científicos, como no caso de Oviedo.

Tomando como ponto de partida a velha divisão aristotélica entre a imitação das ações humanas e o relato das ações ocorridas, Oviedo apresenta a inquietação de que seu texto preserve o caráter de um relato do que foi apreendido pelos olhos e não pela imaginação ou através de informações indiretas que quase sempre fantasiavam a realidade para agradar ao leitor. Apesar da forte crítica recebida na sua época, Gonzalo de Oviedo mostrou com seu livro um compêndio de informações sobre as Índias, que, pelo seu modo espontâneo e direto, converteu-se no modelo de muitas publicações que preanunciavam que o relato fantástico já não era de muita credibilidade entre os leitores do velho mundo. A herança dos velhos livros de cavalaria chega a seu fim, poucas décadas depois, com o remate colocado por Miguel de Cervantes através da crítica a este gênero feita através das páginas de seu *Don Quixote*. O celebre *Amadis de Gaula*, livro de cabeceira da soldadesca castelhana, deixará em breve de cavalgar com a tropa para dar passo a uma nova forma de concepção da literatura *indiana*.

Com a chegada do século XVII e a ampliação de conhecimentos sobre o novo mundo, os ávidos leitores procuravam relatos com fontes mais verídicas e menos carregadas de fantasias. Os famosos “Bestiários de Índias” vão perdendo espaço para as

Histórias naturais que, surgidas nestes anos, anunciam o que desde então será o modelo histórico – literário que vai marcar os próximos séculos: “Com o avanço do século, o aumento de possibilidades de se engajar em viagens que prometiam aventuras e riquezas, junto com o do acesso às informações geográficas, “tornavam inadequadas as velhas estratégias retóricas” e passavam ao relato que contivesse fonte mais direta de credibilidade” (Campbell apud Costa Lima, 1997: 216)

A brecha aberta por Oviedo marcará os cronistas de América durante os dois seguintes séculos e abrirá o caminho para os próximos autores que procurarão dar continuidade a seu pensamento e ao mesmo tempo demonstrar novas inquietações na hora de construir seus relatos. Esta preocupação com a veracidade não se restringiria ao público leitor da península ibérica. No resto dos países europeus se deu um fenômeno similar como nos diz Costa Lima: “Mas a confusão não se restringiria ao público espanhol. (...) Assim, em 1609, William Bidulph se queixava dos leitores que ‘dificilmente crêem em qualquer coisa, exceto aquelas que eles próprios tenham visto’” (COSTA LIMA, 1997: 215).

Para o autor, o velho relato fantástico justificava-se pela idéia da concepção por parte do criador de um mundo bem ordenado. Isto justificaria a veracidade das maravilhas e do aparente verossímil (p. 216).

CAPITULO 2.

AS VISÕES AMERICANAS

“La presencia europea en las tierras históricamente vírgenes del continente americano permitió la topización de la utopía renacentista sobre el buen salvaje y su aurea edad, con la que habían soñado los poetas y filósofos clásicos de Grecia y Roma.”

Roberto Blancarte

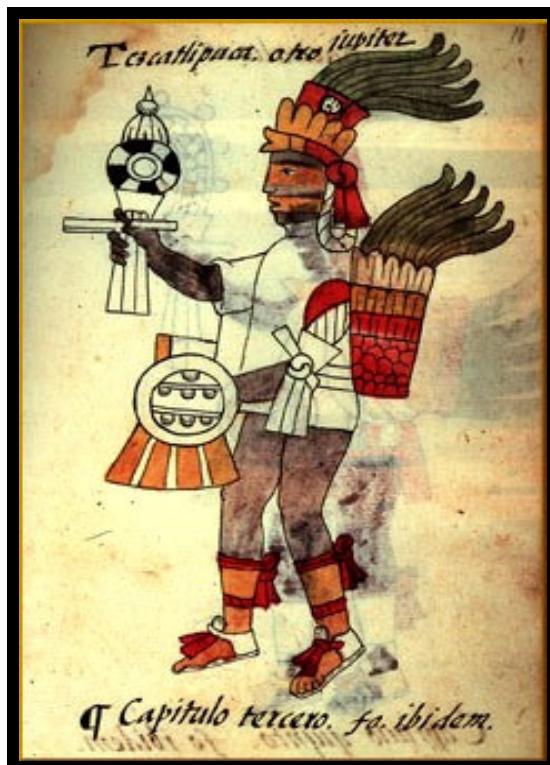
2.1 A cultura híbrida

A primeira notícia sobre assentamentos humanos nos territórios da atual América do Sul, mais concretamente em México e Peru, está datada no ano 2100 antes de Cristo. Os vestígios mais antigos que evidenciam a presença das primeiras grandes organizações sociais no continente se situam no século treze antes de Cristo, com o surgimento da cultura Olmeca no atual território de México.

O período que vai desde estes primeiros assentamentos até a chegada dos europeus compreende uma distância temporal de mais de trinta e cinco séculos. Durante este dilatado tempo floresceram no sul do continente americano numerosas culturas que em muitos casos

tinham um modelo de sociedade e de produção artística que em alguns aspectos estavam mais desenvolvidas que muitas outras civilizações da época.

Este argumento é por si suficiente para acabar com o controverso termo de descoberta do território americano. Ao contrário do que tradicionalmente se pensa, o continente americano não precisou ser descoberto e muito menos conquistado, pelo menos do modo como foi realizada a invasão estrangeira das novas terras. O continente já tinha, de muitos séculos atrás, uma prodigiosa organização social e cultural que até hoje, como argumenta Theodoro, se preserva parcialmente viva na pele dos milhares de descendentes dos Astecas ou Incas que até o presente vivem nas terras que já foram ocupadas séculos atrás por seus antepassados.



El dios Tezcatlipoca (códice Florentino)

O grande processo de aculturação que se seguiu à chegada dos europeus veio a calar a voz de grande parte destes povos, que em silêncio e principalmente marcados pelo processo de transculturação, que caracteriza até hoje muitas das manifestações religiosas e culturais sul-americanas, deram continuidade a suas culturas ancestrais.

Segundo Serge Gruzinski, vários séculos após a chegada dos europeus, e em certo modo até hoje, é possível encontrar numerosos resquícios dos cultos pré-colombianos. Resquícios que em alguns casos preservaram-se vivendo em perfeita harmonia com a religião imposta pelos cristãos: “O que acontecia com a idolatria no século XVIII? Esvaíase tragada pela dispersão das memórias e a proliferação dos sincretismos? (...) Mesmo em regiões aculturadas, como Morelos, a idolatria subsistia como estruturação do real mas estava relegada a margens e periferia” (GRUZINSKI, 2003: 337)

Os cultos ancestrais vão perdendo espaço, porém não desaparecem, irão se diluindo dentro do imaginário cristão tomando novas formas híbridas que evidenciaram deste modo a presença de uma forma de resistência cultural que se perpetua até hoje em diferentes pontos da geografia ibero-americana. Grande parte do universo da América pré-colombiana silenciou a sua voz e permaneceu à margem do poder imposto pelos europeus, mas não deixou de existir.

Já faz várias décadas que, com o auxílio do trabalho de historiadores e arqueólogos, estas vozes caladas vão, pouco a pouco, recobrando sua força e muitos dos aspectos da vida cultural nas sociedades pré-colombianas vão saindo da noite obscura dos tempos.

A estrutura hierárquica de algumas destas sociedades indígenas que se desenvolveram no continente nos séculos precedentes à chegada do europeu, a sua organização em classes sociais, não oferecia muitas diferenças com a vigente na época na Península Ibérica. Em muitos casos não só a organização política , mas também a religiosa guardava semelhanças. (ver, Pág. 99)

2.2 O indígena revistado

Nas páginas precedentes temos observado algumas semelhanças entre a organização das sociedades pré-colombianas e o modelo trazido pelos espanhóis.

. Estudos atuais têm, pouco a pouco, revelado a prodigiosa organização social destas diferentes civilizações da América pré-colombiana. Isto vem, sem dúvida a rebater por sua

vez o pensamento que considerava, como já foi visto, o indígena como um ser selvagem sem organização alguma.

A idéia do selvagem cruel, assassino e devorador de sua própria gente, considerado como herdeiro direto do demônio, alimentou durante séculos a visão que o europeu tinha do ser americano e que prevalecera até bem entrado o século XVIII.

Num dos livros editados sob a influência desta controverso pensamento, o autor nos apresenta, através da voz de seu protagonista, Robson Crusoe, um panorama das idéias derivadas do pensamento do filósofo francês, idéias que, em alguns aspectos, estão vigentes até hoje. A docilidade do indígena que já tinha sido observada, de modo mais ou menos controverso, por Colombo no primeiro texto escrito sobre o novo mundo, volta de novo à tona no livro de *Daniel Defoe*, desta vez como uma extensão da teoria do bom selvagem desenvolvida por Rousseau. Esta teoria pregava uma nova concepção do índio que, sem tirar muito da culpa deste, pelo menos refletia sobre a sua natureza e a sua conduta, algo que durante séculos tinha sido quase desconsiderado. Pela primeira vez a alma do índio merecia ser observada:

Na realidade, todas estas precauções não eram necessárias, pois jamais homem algum teve servidor mais fiel, carinhoso e sincero quanto Sexta-feira. Absolutamente carente de paixões, obstinações e projetos, era totalmente submisso e afável e me queria como uma criança a seu pai. Atrevo-me a dizer que teria sacrificado a sua vida para me salvar em qualquer circunstância e me deu tantas provas disso, que me convenceu de que não tinha razão para duvidar nem me proteger dele. (DEFOE, 2002: 207)

Mais adiante Crusoe, numa clara visão ocidentalizada, reflete sobre o fato de Deus ter dado ao europeu algumas capacidades de ordem espiritual e não ter dado estas aos povos selvagens. Evidencia-se aqui a anulação do outro que marca a visão do naufrago e, por extensão, do pensamento europeu:

Isto me deu a oportunidade de reconhecer com assombro que se Deus, na sua providência, no governo de toda a sua criação, tinha decidido privar a tantas criaturas do bom uso que poderiam fazer das suas faculdades e de seu espírito, não obstante, lhes tinha dotado das mesmas capacidades, a mesma razão, os mesmos afeitos, a mesma bondade e lealdade, as

mesmas paixões e ressentimentos com o mal. A mesma gratidão, sinceridade, fidelidade e demais faculdades de fazer e receber o bem do mesmo modo que a nós. E, se a Ele lhe satisfazia, dar a oportunidade de eles exercerem, estavam tão dispostos como nós, inclusive mais que nós mesmos, a utilizar estas capacidades corretamente. Às vezes, sentia uma grande melancolia ao pensar no uso tão medíocre que fazemos de nossas faculdades, mesmo quando nosso entendimento está iluminado por a grande luz da instrução, o espírito de Deus e o conhecimento da sua palavra. Perguntava-me por que Deus se tinha satisfeito em ocultar este conhecimento salvador a tantos milhões de seres que, a julgar por este selvagem, teriam feito muito melhor uso dele que nós.(DEFOE, 2002: 207)

Segundo Said, a sociedade européia sempre viu o continente americano desde uma dentro de uma ideologia marcadamente imperialista. Assim Robson Crusoe, como representante da cultura deste, não parece estar muito interessado no que o novo mundo pode oferecer, senão mais bem na possibilidade de acomodar dentro da sua realidade importada:

Todos los novelistas, críticos o teóricos de la novela europea han advertido su carácter institucional. Fundamentalmente ligada a la sociedad burguesa, la novela, según la frase de Charles Morazé, acompaña y de hecho forma parte de la conquista de la sociedad colonial por parte de los que él denomina *les bourgeois conquérants*. No menos significativo es que en Inglaterra la novela sea inaugurada por Robinson Crusoe, cuyo protagonista es el fundador de un nuevo mundo que domina y al que reclama para Inglaterra y la cristiandad. Es verdad que mientras Crusoe está, de modo explícito, enrolado en la ideología de la expansión de ultramar, lo cual se conecta directamente, en estilo y forma, con los relatos de viajes y exploración de los siglos XVI y XVII que sentaron las bases de los grandes imperios coloniales, las novelas mayores que vienen después de la de Defoe, y también las obras posteriores del mismo Defoe, no parecen estar muy obsesionadas por las estimulantes posibilidades de ultramar. A pesar de que Captain Singleton es la historia de un pirata que ha viajado mucho por la India y por África y que en Moll Flanders aparece la posibilidad, tas una vida de crímenes, de una tardía redención, de la heroína en el Nuevo Mundo, Fielding, Richardson, Smollett y Sterne no vinculan tan directamente sus relatos con el acto de acumulación de riquezas y territorios lejanos.

No obstante todos ellos sitúan su obra dentro del territorio cuidadosamente vigilado de una Inglaterra más extensa, y eso se relaciona, sin duda, con lo iniciado tan proféticamente por Defoe. (SAID, 1996:126-127)

Considerando o fato da proximidade hierárquica entre o modelo social americano e o europeu, poderemos entender, pelo menos em parte, como seu deu o processo de adaptação e fusão dos dois povos.

A hierarquia das diversas civilizações americanas vai servir de base para a consolidação de uma renovada concepção política baseada, por um lado, na analogia com o modelo anterior e, por outro, pelo arquétipo trazido do velho mundo.

Não se deve pensar que não houve uma aproximação interesseira dos grandes capitães da “conquista” aos principais líderes das diferentes nações americanas, tanto Pizarro no Peru como Hernán Cortés no México procuraram se relacionar com as classes privilegiadas na tentativa de alcançar o poder central.

Segundo Gruzinski, nos primeiros momentos da conquista, os espanhóis aproveitaram aqueles indígenas que tinham cargos de poder, para servir de intermediários ante a grande massa de população que dificilmente teriam controlado, se não fosse com a ajuda destes “aliados”:

A Coroa procurou defender o status dos nobres, concedendo-lhes privilégios, favores e bens, e o fez tanto pelo respeito à ordem estabelecida – qualquer que fosse sua origem – como porque não podia dispensar esses preciosos intermediários, de quem dependiam a coleta dos tributos e a obediência das massas. Aos descendentes dos senhores pré-hispânicos e aos que se tinham infiltrado em seu meio a Coroa concedeu o título de cacique e ofereceu a função de governador. (GRUZINSKI. 2003, p.104-5)

Uma vez atingida esta aproximação às elites americanas, os espanhóis tiveram a possibilidade de utilizar os membros da elite indígena no seu próprio benefício. Os grandes nomes da “Conquista” como Cortés, Pizarro, etc se relacionaram com a elite governante, sendo este o primeiro passo para instituir a nova raça americana, a elite “mestiça” que em pouco tempo teria assimilado os costumes espanhóis, deixando para trás muitas das

tradições dos seus antepassados. Abria-se a porta para o processo de transculturação e da construção de uma nova identidade.

Nas últimas páginas de seu livro, O' Gorman (1995) defende que o espanhol, levado pela boa fé e apesar das críticas que sua controversa gestão suscitou, tentou dentro de seu novo modelo social implantado a inclusão do índio. Porém, pouco depois acrescenta que uma das dificuldades que os modelos político e religioso a serem implantados tiveram como principal obstáculo a presença de indígenas provenientes de grandes civilizações organizadas como a Inca ou a Asteca: “Ciertamente, la convivencia con una nutrida población indígena, que había alcanzado en algunas regiones un alto grado de civilización fue el mayor obstáculo para realizar en pureza aquel programa” (O` GORMAN, 2001: 154).

A implantação de um modelo social que incluísse as populações indígenas nos permite refletir sobre os objetivos, como se verá mais adiante, de cada um dos grupos que chegaram à América. Da visão edênica e prática do almirante até a visão humanista das diferentes ordens religiosas, as diferentes visões nos permitem imaginar uma possível estrutura de análise dos diferentes textos que serão tratados neste trabalho.

Através do discurso colombiano vai se configurando o modelo a ser implantado, Porém, na ingenuidade dos primeiros momentos da colonização, o indígena é observado como um mero ator secundário dentro da paisagem americana. Colombo, levado pela necessidade de acreditar que está no “paraíso”, atribui ao indígena algumas qualidades retiradas do modelo bíblico e senta as bases do olhar distante que até hoje se tem do ameríndio.

Nas palavras de Marco Pólo ao descrever a fabulosa cidade de Tâmara a Kublai Kan, o mítico viajante se refere a ela como a terra sob uma visão que bem poderia ser adotada para explicar os primeiros anos da colonização americana e a dificuldade de enxergar a realidade tal e como se lhe apresenta na sua frente: “O olho não vê coisas, mas imagem de coisas, que significam outras coisas” (Calvino, Italo Apud Theodoro. Cap. 4. Disponível em: www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab/)

Assim, para Colombo é difícil ver as “coisas” como são, primeiro porque não as entende e segundo porque não quer e nem precisa entendê-las. A sua percepção é

estimulada pelo seu desejo de considerar as novas terras dentro de um plano já prefigurado. No capítulo dedicado ao Almirante examinaremos como se deu este processo mimético assimilação da realidade americana e o resultado da combinação dos três elementos do que Ricoeur chamara de representação mimética: a prefiguração, a configuração e a refiguração.

Nas décadas seguintes, com a chegada das primeiras levas de soldados capitaneados por homens como Hernán Cortés ou Francisco de Pizarro, estas trazem consigo uma nova apreciação sobre como deveria ser feita a colonização das terras e controle das suas populações. Amparados pelo sentimento de superioridade e com o respaldo da igreja no seu empenho de acabar com o paganismo, os militares darão começo ao aniquilamento indiscriminado dos indígenas.

De modo mais benevolente a presença das ordens religiosas no continente e nas ilhas recém-descobertas tentou amenizar a brutalidade dos “conquistadores”. Jesuítas, Franciscanos e Dominicanos se esforçaram no trabalho de aprender não só as diferentes línguas locais, senão de estudar os costumes e os cultos das comunidades, mesmo que fosse para depois usar o aprendizado como elemento para estabelecer contato com eles e fazer com que abandonassem a sua vida de idolatria.

CAPITULO 3.

IDENTIDADE, CRONISTAS E IDEOLOGIA

Diré algunas cosas de las que vi que, aunque mal dichas, bien sé que serán de tanta admiración que no se podrán creer, porque los que acá con nuestros propios ojos las vemos no las podemos con el entendimiento comprender.

(Hernán Cortés)

Desde a chegada do primeiro navegador no continente americano, o europeu, fosse para render contas à coroa espanhola ou portuguesa ou por pura curiosidade, sempre sentiu

a necessidade de relatar tudo o que encontrava no seu caminho. Da própria viagem inaugural da odisséia americana temos vários relatos, além da carta oficial de Cristóvão Colombo.

De acordo com Caetano (apud Mendonça 2002), a mola para o processo de conquista do continente americano seria a curiosidade, curiosidade esta que, se considerada desde diferentes perspectivas e objetivos, marcará os diversos discursos, desde o cronista entusiasmado com a flora e fauna, no caso de Gonzalo de Oviedo, até o militar preocupado com a estrutura da cidade que terá que conquistar como no caso de Hernán Cortés.

As primeiras viagens foram ricamente narradas pelo chamados Cronistas de Índias. Este cargo para ser preenchido precisava, na maioria das nomeações, como único requisito ser letrado. Esta, em muitos casos, a falta de preparação tanto literária como científica, sem dúvida, influiria muito na visão dos autores e por extensão nos próprios relatos.

Mas não foi unicamente a pena do cronista a encarregada de narrar os fatos relativos à chegada ao novo continente. Existem outras fontes não oficiais que hoje nos servem de referência, por serem, em muitos casos, bem mais objetivas do que as outras. Trata-se daquelas procedentes da soldadesca que relatava, desde uma ótica bem diferente da oficial os diferentes acontecimentos da conquista de América.

É muito importante ressaltar que, na visão de muitos historiadores, a mal chamada “Conquista” ou como mais tarde viria a chamar o próprio Rei da Espanha Felipe II, a “pacificação” das terras americanas não foi senão uma grande ofensiva militar, uma ação opressora contra as populações indígenas, consideradas pelo europeu como selvagens e pagãs, às quais era preciso controlar, fosse pela cruz ou pela espada.

Num período de pouco mais de meio século desde a chegada de Colombo, o continente seria testemunha do derrube de grandes impérios como o Asteca ou o Inca, de nações indígenas de menor porte na sua totalidade, como o caso das tribos insulares do Caribe, e evidentemente de muitos dos costumes locais de muitas outras nações que, se não desapareceram completamente, perderam muitas de suas senhas de identidade.

Numerosas tradições indígenas desapareceram sem que o europeu tivesse a oportunidade sequer de conhecê-las. Alguns relatos como os levantados por Miguel León Portilla nos trazem uma luz sobre parte do que se veio a perder com a chegada do europeu e a imposição de uma nova ideologia. Grande parte do legado histórico destas civilizações

como os códices, a sua imaginária, seus templos, foram destruídos em praça pública, por serem considerados obra do mesmo demônio.

O fogo purificador do pensamento europeu não só apagará da memória uma grande parte das culturas locais senão que, como no mito da ave Fênix, fará ressurgir das cinzas do passado uma nova visão, um olhar, que nos dias de hoje pode parecer distorcido, marcado por uma clara ideologia opressora. Desta maneira, os relatos que iam chegando ao velho continente, vão criando no imaginário europeu uma visão do novo mundo carregada de uma linha de pensamento apontada pela igreja e pelo Estado. Fazia-se necessário mostrar as novas terras dentro de uma perspectiva coerente com os objetivos que estes dois poderes tinham em mente para o processo colonizador.

A presença do continente americano no imaginário europeu traz consigo uma forte problemática; como apresentar este ao leitor do outro lado do oceano e principalmente como dar uma explicação coerente com a ideologia praticada no Novo Mundo.

Para o historiador Edmundo O’Gorman, a América precisou ser “inventada” pois nem o próprio Colombo tinha a noção de ter chegado num novo território senão que a sua imaginação e seu desejo lhe situam nas costas de Cipango (atual Japão).

Para o Almirante das Índias ia ser difícil admitir que, apesar das muitas evidências que mostravam o contrário: a paisagem, os traços faciais dos indígenas, assim como a sua cor de pele deixavam claro para Colombo que não se encontrava no país do Grande Kan; o grande imperador asiático que somente dois séculos atrás tinha sido visitado e retratado pelo viajante italiano Marco Pólo.

Colombo, grande leitor dos relatos do viajante italiano e principalmente das Sagradas Escrituras, reluta na hora de admitir seu erro e até o final de sua vida nunca reconheceria que as terras em que tinha chegado na manhã do dia doze de outubro de mil quatrocentos noventa e dois não eram do domínio do Grande Kan; as míticas Cipango e Catay estavam muito longe dali. A obstinação do almirante atinge um tom de conotações quase hilariantes.

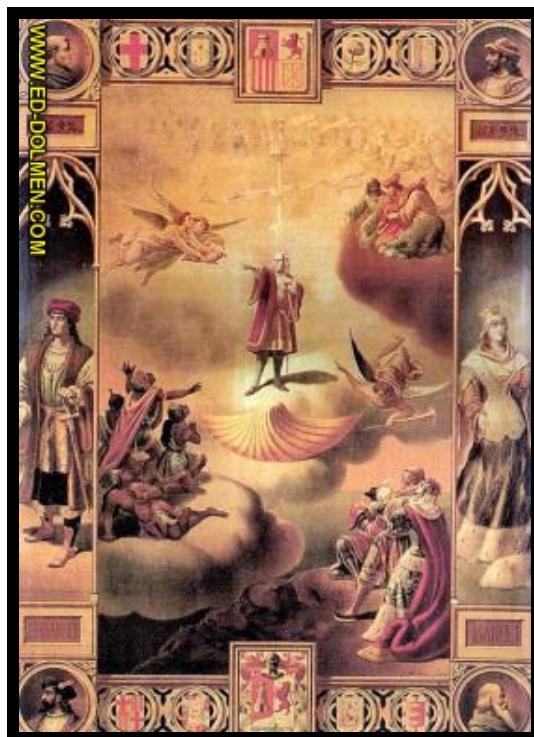
Como numa espécie de troco dialético o escritor cubano Alejo Carpentier, no seu romance “El arpa y la sombra”, atualiza o discurso colombiano e ironiza sobre alguns aspectos do pensamento do descobridor que, numa perspectiva atual, poderiam ser considerados até cômicos. A recusa de Colombo em admitir o fato de não ter achado o tão

ansiado caminho às Índias ganha, sob a pena do escritor caribenho, um admirável tom de comédia.

Naquele que Carpentier chama de Repertório de boas novas e Catálogo de reluzentes prognósticos, no seu diário o Colombo revistado escreve:

Y aseguro – me aseguro a mi mismo que muy pronto le veré la cara al Gran Khan (Eso del Gran Khan suena a oro, oro en polvo, oro en barras, oro en arcas, oro en toneles, dulce música del oro acuñado cayendo, rebrincando, sobre la mesa del banquero, música celestial (CARPENTIER, 1987:131)

A paródia do discurso colombiano presente no romance de Carpentier deixa agora transparecer uma outra realidade, distinta à oficial, por trás do pensamento do descobridor que, obsessivo pela idéia das riquezas que esperava encontrar, nega-se a aceitar os fatos que lhe evidenciam não estar nas terras descritas pelo viajante veneziano nem estar na terra na qual o ouro está por todas partes.



Cartel del IV Centenario

Título: Alegoría del Descubrimiento de América, 1892

Não encontrar seu tesouro dourado seria para o almirante algo mais que a desonra e a burla. O endividamento contraído com os banqueiros italianos faz com que encontrar fortuna se torne algo imprescindível. O próprio Almirante, na sua quarta carta aos Reis Católicos, datada em 1503, faz referência às muitas riquezas que espera encontrar apesar de se terem passados nove anos entre a data da sua primeira viagem e a data em escreve esta nova carta:

En todos estos lugares adonde yo había estado fallé verdad todo lo que yo había oído: esto me certificó que es así de la provincia de Ciguare, que según ellos es descrita nueve jornadas de andadura por tierra al Poniente: allí dicen que hay infinito oro y que traen corales en las cabezas, manillas a los pies y a los brazos de ello y bien gordas, y de él, sillas, arcas y mesas las guarnecen y enforran. También dijeron que las mujeres de allí traían collares colgados de la cabeza a las espaldas. En esto que yo digo, la gente toda de estos lugares conciertan en ello, y dicen tanto que yo sería contento con el diezmo. (COLÓN, 1985 : 211-212)

Carpentier, numa outra passagem de seu livro mostra a grande preocupação com o que poderia acontecer se não achasse os esperados tesouros:

No he visto árboles de especias e auguro que aquí deber haber especias. Hablo de minas de oro pero no sé de ninguna. Hablo de perlas, muchas perlas, tan sólo porque vi algunas almejas “que son señal de ellas”. Sólo he dicho algo cierto: que aquí los perros parece que no ladran. Pero con perros que ni siquiera saben ladrar no voy a pagar el millón que debo a los malditos genoveses de Sevilla, capaces de mandar a su madre a galeras por una deuda de cincuenta maravedíes. (CARPENTIER, 1987: 130)

Na visão do escritor cubano, existe algo mais que a pretendida missão divina ou a necessária evangelização por trás do discurso do Almirante. No próximo capítulo, num estudo mais aprofundado, analisaremos os outros fatores que condicionaram o relato do

navegador e qual foi o legado que este deixou para o processo de formação da nova identidade americana.

Porém, nem tudo é tom de comédia no pensamento do autor caribenho. Pertence a ele a reflexão sobre o caráter híbrido da formação da identidade cultural americana, teoria que ganhará pertinência no sub-capítulo 5.3.5, deste trabalho, dedicado às ordens religiosas e em especial ao labor desenvolvido pelo frade franciscano Fray Bernardino de Sahagún.

Para O`Gorman, América nunca poderia ser apresentada tal como era pelo fato do europeu, neste momento de conquista, não ter, por um lado, a intenção de se debruçar sobre o estudo dos costumes locais, o que poderia ter ajudado a ter uma visão diferente dos povos indígenas, e, por outro lado, por, como já foi observado, não ajudar muito ao processo de conquista e exploração das riquezas das terras recém descobertas.

A idealização de América começa desde a primeira carta escrita por Colombo, considerada por unanimidade como o texto inaugural das letras americanas. Nesta, o futuro Almirante mostra uma visão edênica das terras encontradas, assemelhando estas ao paraíso retratado nas páginas da Bíblia, a luxuriosa paisagem e a pulcra presença dos indígenas que, devido a sua docilidade, facilmente poderão ser catequizados. Esta visão idealizada do território recém descoberto será a marca constante nos relatos das primeiras décadas da colonização. No Brasil, a Carta de Caminha será também influenciada por esta idílica visão do “Paraíso”. Somente décadas depois, o discurso dos cronistas tomará um novo rumo e terá como tema central de controvérsia a consideração sobre como devem ser tratados os índios.

Para a historiadora Janice Theodoro

A descoberta da América, realizada por Colombo, é um tema que deu origem a muita polêmica. A mais conhecida e difundida nestes anos que precedem as comemorações dizem respeito ao fato de que a América não necessitava dos europeus para existir. E, nesse sentido, nada se tem a comemorar. A América encontrada, achada por Colombo, em meio a “mares nunca dantes navegados”, incorporou-se ao imaginário europeu com uma série de atributos que já haviam sido delegados a ela muito antes de ser descoberta. Ou seja, a América já fazia parte do imaginário europeu, representando para Colombo apenas a

comprovação de tudo o que havia sido produzido pela sua imaginação e pela imaginação de seus contemporâneos.

(THEODORO, 1992: Cap.5 http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab/)

Segundo a autora a aproximação intercultural se fez através de analogias dos elementos americanos com o mito greco-romano, num fenômeno que o escritor cubano Alejo Carpentier denominou como o “Imaginário Trasladado”. Na reflexão do autor cubano, a cultura latino-americana ganha uma nova significação no encontro dos mitos locais e os importados das culturas gregas e romanas. Nesse encontro, que teve seu momento álgido no período barroco, o artista americano, em muitos casos os próprios indígenas, desenvolvera uma arte resultado da fusão de elementos próprios e alheios que culminaram numa produção artística bem diferente das fontes de origem.

No campo literário, a produção se restringiu aos autores relacionados com o velho mundo e, por conseguinte, de uma marcada visão européia. São relativamente escassas as testemunhas deixadas por autores indígenas. Os cronistas chegados da Europa foram principalmente religiosos das três ordens mais importantes na época: Jesuítas, Dominicanos Franciscanos e agostinianos.

Cada uma destas ordens tinha seu próprio modelo discursivo, modelo que era marcado pelos objetivos perseguidos pelas ordens religiosas.

Dentre estas três ordens prestaremos especial atenção à obra desenvolvida pelo frade franciscano em terras mexicanas que teve como fruto seu livro *Historia general de las cosas de la Nueva España*.

CAP 4. A INVENÇÃO DE AMÉRICA, O CONTINENTE AMERICANO NO CENÁRIO EUROPEU DOS SÉCULOS XV - XVI

“Y por ser estas tierras, lo oriental ignoto de la India y no tener nombre particular, le atribuyo aquel nombre que tenía la más propincua tierra, llamándola Indias occidentales, mayormente que como él supiese que a todos era manifiesta la riqueza y grande fama de la india, quería provocar con aquel nombre a los Reyes Católicos que estaban dudosos de su empresa, diciéndoles que iba a buscar y hallar las indias por la vía de occidente.”

(Bartolomé de las Casas)

4.1 O processo de invenção de América

Em 1958 Edmundo O' Gorman publica o livro *O processo de invenção de América*. Apesar da sua proposta não ser muito inovadora para muitos historiadores, ele representa um momento importante dentro dos estudos americanistas. Em pouco menos de sessenta páginas o autor questiona o mito que desde os tempos da descoberta vinha sendo considerado como a “história oficial da Conquista de América”. Grande parte das

personagens desta são revistadas, assim como os fatos que emolduraram aquele momento histórico.

O'Gorman, através de seu livro, tenta justificar como depois da descoberta do novo continente o europeu tentou enquadrar as Índias dentro do padrão de idéias do velho mundo.

A controversa expressão “Conquista de América” vem revelar não só o empenho das coroas espanhola e portuguesa por expandir as suas possessões além dos mares, senão que traz à tona o maior processo de aculturação em massa que a história já conheceu. Em pouco mais de um século, grande parte do território americano, desde o norte até o sul do continente tinha perdido as suas principais senhas de identidade. Grandes civilizações, como a Inca ou a Asteca, tinham perdido, em poucas décadas, a sua força imperial para serem seguidamente submetidas pela nova ordem cristã.

As duas coroas, amparadas pelas contínuas Bulas papais, garantiram o direito à posse e posterior colonização do vasto continente ainda desconhecido. Através do Tratado de Tordesilhas, celebrado em 1494, os dois governos peninsulares, apesar dos sentimentos desfavoráveis da França e Inglaterra, dividem o mundo em duas partes, sendo entregue a cada um dos países que conformam a Península Ibérica, uma destas porções de uma terra ainda por explorar e portanto imprevisível.

Num processo inédito até então, as duas nações se lançam, com maior ou menor empenho, à aventura colonizadora neste agora chamado “Novo Mundo” e poucas décadas mais tarde já reconhecido como continente americano. Espanhóis e Portugueses adentram nas misteriosas terras numa mistura de surpresa e espanto ante a realidade que este novo mundo apresenta diante dos seus olhos incrédulos.

A “visão do paraíso”, estudada por Sergio Buarque séculos mais tarde, significou para o europeu a esperança de criar um novo mundo, a possibilidade de sonhar com a redenção da degradada Europa numa nova terra que se apresentava como inocente e livre dos pecados e vícios endêmicos da erroneamente denominada sociedade civilizada.

Uma aventura que poderia se pensar que teve como único e exclusivo desejo o de saldar uma antiga dívida do homem para consigo mesmo; depois de séculos de lutas, de corrupção nos seus mais diversos campos; o homem, sumido na perdição, tem por fim uma chance de se redimir perante ele mesmo e perante Deus. Porém, por trás desta idéia, se

esconde o não tão romântico argumento da conquista de novos territórios, e por conseguinte, da realização dos anseios pelas possíveis riquezas e o poder por parte das duas coroas. A suposta procura de uma rota alternativa às Índias, um outro caminho que evitasse o passo pelos portos turcos se revelou, com o tempo, como outro claro exemplo da eterna cobiça humana.

Nesta aparente combinação entre o divino e o terreal, entre o espiritual e o material, a utopia vai encontrar no continente recém descoberto o solo propício para a sua materialização. Mas a corrente utópica, herdeira da tradição filosófica grega, que recupera o pensamento platônico na tentativa de imaginar a “polis” ideal, esconderá por trás da sua procura de um mundo novo, a disfarçada, e por vezes ácida, crítica ao modelo de sociedade contemporânea dos diferentes autores.

Por este motivo, não todos estes idealizadores do sonho utópico podem ser considerados dentro de uma linha de pensamento que tentava ajudar aos indígenas frente ao massacre que viria pouco depois da vinda dos europeus.

Desde a chegada do primeiro europeu, o discurso americano foi marcado pela utopia e o desejo do europeu de encontrar nele o tão desejado “paraíso”, uma terra cheia de riquezas e com uma aparência semelhante à desenhada na bíblia para o lar dos míticos Adão e Eva.

Através de seu discurso, Colombo enfatiza a docilidade e os bons costumes dos índios que sem muitas dificuldades serão prontamente catequizados. Enfatiza também a luxuriante natureza, que apresenta todo tipo de riquezas, desde os variados tipos de frutas até o ouro que já na primeira carta do almirante faz ato de presença. Apesar do navegador ter se deparado com pouca quantidade do ansiado metal; a procura por este cobiçado tesouro será outro dos elementos narrativos que caracterizarão o discurso colombiano.

Apesar das evidências que mostravam ao navegante a possibilidade de não ter chegado, como ele pensava, às “Índias”, Colombo opta por fazer caso omisso delas e dar continuidade a sua ilusão de ter achado a via alternativa para chegar à costa da Ásia e debruçar-se na procura pelos tesouros anunciados por Marco Pólo no seu famoso Livro das Maravilhas.

Esta atitude, o fato de não aceitar a verdade apesar de que tudo revelava que o Almirante não tinha alcançado o seu ansiado destino demonstra como durante todo o

processo de colonização o discurso do Europeu foi marcado pela imaginação como uma ferramenta útil para dar explicação não somente ao desconhecido, mas também para tentar justificar o que não se queria admitir como evidente.

Os Bestiários de Índias serão os livros nos quais os autores voltaram a sua imaginação para relatar as maravilhas encontradas nas novas terras descobertas. Um conjunto de relatos, que nos dias de hoje nos poderia parecer literatura fantástica, mas que na sua época, nos alvores da conquista, no mistério dos primeiros momentos desta.

Exemplo disto pode ser visto na História Natural, escrita em 1525, Gonzalo Fernandez de Oviedo, quem, nos deixa um retrato da fauna local, tigres, unicórnios e demais seres que na mente dos primeiros conquistadores habitavam estas terras.

Produto desta imaginação e posteriormente da pouca aproximação às culturas locais, surgirá o estilo narrativo que o Cronista de Índias empregará para levar a mensagem sobre o Novo Mundo ao velho continente; a um público ávido de notícias sobre este novo território imprevisível e muito longe da imaginação do Europeu do Século XVI.

CAPITULO 5.

OS DISCURSOS DA IDENTIDADE

“Los cronistas que desde España escriben las cosas de las Indias sepan que tan lejos de entenderlas (ni de entenderse ellos mismos) cuanto tienen apartados los ojos de ver las cosas de acá”

(Gonzalo de Oviedo)

5.1 Cristóvão Colombo, a adequação do mito

Para a história tradicional, a considerada como oficial, a saga americana começa oficialmente no dia 12 de outubro de 1492 com a tumultuada e até hoje pouco esclarecida chegada do navegador europeu Cristóvão Colombo às atuais ilhas das Bahamas.

A descoberta das novas terras, a aparição do até então inimaginável quarto continente, situado do outro lado do Atlântico, vai revolucionar de forma extraordinária não só a concepção geográfica do planeta senão que vai provocar, com o passar das décadas, o estabelecimento de uma nova ordem mundial.

A descoberta de novas terras no espaço em que até então somente existia o “mar tenebroso” muda radicalmente a visão do planeta e principalmente o universo do conhecimento científico marcado até então por uma visão de forte influência religiosa.

Colombo, apesar de seu fervoroso catolicismo, desafiará com sua descoberta, mesmo que indiretamente, muitos dos postulados que desde séculos atrás a igreja considerava como verdades imutáveis. Colombo derrubará mitos antigos e apresentará novas verdades, como a forma da terra, a distância entre os continentes e principalmente a existência de novas terras onde se acreditava que só existia água. Estes e outros questionamentos colocaram a viagem colombiana dentro da lista das grandes descobertas humanas.



Ilustração de um Bestiário de Índias do Século XVI.

Depois de 1492, justamente no período da renascença que colocará o homem no centro do universo frente à vetusta teoria que situava Deus no centro do universo, o mundo não será mais o mesmo. A notícia, o aparecimento de novas terras, colocará em risco toda a concepção que se tinha do mundo e questionará mitos que até então seria difícil colocar em teia de juízo. O pensamento cristão e a sua particular visão do mundo ficarão em evidência na presença de um novo componente no imaginário coletivo. Está aberta a porta, pelo menos temporalmente, para colocar em xeque muitas das idéias, consideradas superadas, da velha cristandade. É o tempo das descobertas científicas, dos avanços na navegação e portanto da procura por novas terras e novos caminhos a navegar.

Mas para Cristóvão Colombo estes fatos, derivados da sua descoberta, não parecem afetar-lhe. A forte influência provocada pelo velho ideário cristão e a forte convicção na sua divina missão não permite que ele entre em novas controvérsias e desafios. Seu empenho agora será procurar as míticas ilhas asiáticas e principalmente demonstrar que ele era o enviado por Deus para descobrir as novas terras.

Anos depois da primeira viagem e ainda imbuído da incumbência de conquistar outras terras do ainda inominado continente americano, Colombo, junto com o Padre Gaspar Gorricio, decide analisar as escrituras sagradas e buscar nelas a confirmação de que a sua viagem já estava anunciada nas profecias e que ele só cumpriu, como estava previamente vaticinado, a sua divina missão de encontrar as novas terras, que ele considerava como o reino Messiânico. O seu verdadeiro objetivo seria, nas palavras do próprio Colombo, “A conquista de Jerusalém”.

Resultado dos estudos levados a cabo junto com o Padre, o Almirante compilara uma série de profecias que tentaram confirmar a sua divina missão de trazer de volta à cristandade a Cidade Santa e o Monte de Deus de Sião.

Colombo encontra nos escritos de Isaías, aquilo que ele considera como uma clara referência a sua aventura ultramarina e às terras que teria a ventura de descobrir: “*Em efecto, las islás me aguardan y las naves Del mar em primer lugar, para que conduzca a tus hijos desde lo lejos*” Isaías 60 (COLÓN, 1992: 127).

Neste breve fragmento, sem dúvida extraído de um texto maior, o Almirante se identifica com aquele que haverá de conduzir aos “*hijos*” através do mar até as ilhas. Ilhas estas que são, sem dúvida, as mesmas a que ele chega em uma manhã de doze de outubro de 1492.

Em Jeremias 31, Colombo vislumbra o que para ele é, sem nenhuma dúvida, o aviso para empreender a sua missão evangelizadora nas novas terras por desvendar: “*Oid, gentes, la palabra Del Señor, y anunciadla en las islas que están lejos*” Jeremias, 31 (COLÓN, 1992: 128)

Não se pode nem deve pensar que foi Colombo que deu sentido às terras recém descobertas. É o conjunto de relatos que, durante os séculos subseqüentes à chegada do Almirante, que irá moldando o novo ideário americano. Mas não é aventurado nem desacertado considerar que dentro do discurso colombiano estivesse já sintetizado todo o

pensamento da época no que se refere à concretização do velho sonho europeu de encontrar o tão desejado paraíso na terra.

Achar o jardim do éden idealizado pelos antigos significaria, como já foi observado previamente, ter em mãos a oportunidade do homem se redimir das suas culpas e começar uma nova vida longe dos vícios do desde então velho continente. Parece que nestas terras americanas Colombo tem encontrado os elementos precisos que confirmam o achado.



Cristóvão Colombo segundo Alipando de Caprioli, Século XV

Mas fora do encontro mítico do paraíso, a chegada de Colombo significou a descoberta de novas terras e posteriormente o encontro com novas civilizações, e com estas, a revelação de novas formas de viver, de entender o mundo e principalmente a possibilidade de ampliar a reduzida visão do mundo do europeu.

Com um novo continente se abre a porta para a revelação através do contraste de dois mundos que se apresentam inicialmente como muito diferentes.

Ironicamente não foi assim para o já nomeado almirante das Índias. Para Colombo, convicto de sua missão divina, pré-anunciada já nas justificadoras e lendárias profecias de Isaías, a chegada a estas novas terras não foi senão a verificação de algo já conhecido há

muito tempo e que ele teve o privilégio de confirmar e anunciar aos seus benfeiteiros, os reis da Espanha.

No convencimento de sua missão divina, o navegador, no seu diário da primeira viagem, não duvida em se comparar às personagens míticas das sagradas escrituras como Moisés ou o Rei David:

Cansado, me dormecí gimiendo. Una voz muy piadosa oí, diciendo: «¡Oh estulto y tardo a creer y a servir a tu Dios, Dios de todos! ¿Qué hizo Él más por Moysés o por David su siervo? Des que naciste, siempre Él tuvo de ti muy grande cargo. Cuando te vido en edad de que Él fue contento, maravillosamente hizo sonar tu nombre en la tierra. Las Indias, que son parte del mundo tan ricas, te las dio por tuyas; tú las repartiste adonde te plugo y te dio poder para ello. De los atamientos de la mar océana, que estaban cerrados con cadenas tan fuertes, te dio las llaves; y fuiste obedecido en tantas tierras y de los cristianos cobraste tan honrada fama. ¿Qué hizo el más alto pueblo de Israel cuando le sacó de Egipto? ¿Ni por David, que de pastor hizo Rey en Judea? (COLÓN, 1985 : 215)

Amparado também por pensamentos agostinianos tais como a proximidade do fim do mundo, a localização do paraíso na terra, o almirante vai dando forma, através de seu ideário, ao modelo de colonização que será praticado no continente recém descoberto durante os próximos séculos.

Como no mundo helênico, a futura América não tem questões a serem resolvidas pois todas as perguntas já têm sua resposta prévia. Assim, Colombo tenta decifrar todos os sinais e quando algum não lhe convém por evidenciar este outra coisa além do esperado, simplesmente o descarta.

Como já foi constatado, a chegada ao território americano foi, para o almirante, mais a verificação de algo já conhecido que uma descoberta em si. Abria-se assim o terreno para a consolidação do sonho utópico americano, a chegada de novos europeus com novos ideais se encarregaria de ir dando forma a este mundo previsível para um, imprevisível para muitos.

A pena do navegador traz dois diferentes tipos de gênero discursivo, por um lado, as cartas que anunciam as descobertas de novos territórios, por outro lado o diário que Colombo escreveu durante a primeira viagem, que apesar de ter nos chegado através da

pena de outro autor, Fray Bartolome de las Casas, é uma importante fonte de informação para entender o pensamento não só do autor, senão da época que influenciou o mesmo. Estes diários, dos quais se tem conservado os pertencentes à primeira e terceira viagens, são a mais aproximada relação das primeiras aventuras ultramarinas com destino ao Novo Mundo e, como já foi observado, um retrato aproximado do mundo das idéias da época da descoberta.

Estes dois gêneros, apesar de sua distância estilística, têm como elemento de semelhança o fato de ambos terem sido escritos sobre a grande convicção de ter chegado às Índias e a consideração das terras e seus habitantes como pertencentes ao paraíso bíblico tão sonhado pelo homem.

A análise destes fatores é fundamental na hora de entender isto que temos chamado de adequação do mito. Cristóvão Colombo, imbuído de uma série de pensamentos pré-estabelecidos, trazidos na sua bagagem medievalista, e com uma forte influência dos preceitos cristãos que garantiam a divina tarefa que lhe tinha sido encomendada e que ele chegou até a vaticinar fazendo referência ao seu próprio nome Cristo - vão, dentro do qual estaria augurada a sua missão de levar a palavra de Cristo às terras pagãs do outro lado do mar oceano. Com este pensamento na sua mente, o navegador chega às terras deste novo mundo desconhecido e pouco a pouco vai adequando o seu discurso prévio, seu mundo de idéias à nova realidade com que se depara. E como veremos, a mitologia trazida por Colombo se adequara quase perfeitamente, num primeiro momento, à terra recém-descoberta.

O navegador alcança as costas da futura América com grande parte de seu discurso já imaginado e à espera de ver plasmado no papel e no imaginário coletivo de uma Europa ávida por notícias e, por conseguinte, do futuro modelo de colonização. É importante também ter em conta que o futuro Almirante das Índias alcança as costas das Índias com a necessária obrigação de informar os resultados favoráveis da sua expedição, independente destes serem positivos ou não. No só a coroa espanhola como os banqueiros, principalmente de origem italiana, que tinham financiado grande parte da viagem aguardavam as boas novas do intrépido navegante.

Se considerarmos os antecedentes de ordem espiritual e os de ordem econômica, teremos completado a soma de fatores que condicionaram o olhar pouco objetivo de Colombo e, por conseguinte, a veracidade de toda sua produção textual.

A narrativa colombiana traz uma série de descrições que podem ser consideradas dentro do que Paul Ricoeur chama de mundo preestabelecido.

Para Ricoeur, todo discurso está baseado numa representação mimética, assim qualquer narrativa deve ser considerada dentro de um mundo preestabelecido. A composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação, de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal.

Qualquer leitor para alcançar a compreensão do texto deve ter capacidade de entender os três traços fundamentais que conformam a composição mimética:

TRAMA CONCEITUAL (Estrutural) + MEDIAÇÃO SIMBÓLICA + CARÁTER TEMPORAL

Nos aspectos estruturais, assim como na mediação simbólica, o relato de Colombo se apropria dos discursos vigentes da sua época para dar forma a sua narrativa. Desta maneira são encontrados no diário, e principalmente na carta, traços discursivos derivados dos textos bíblicos (A visão adâmica do paraíso) ou das vidas de santos. As duas fontes auxiliam o futuro Almirante na hora de compor seu retrato virtual do novo mundo e mostrá-lo como algo próximo à realidade conhecida ,o que estabelece o seu caráter temporal.

Na relação da primeira viagem, relato que foi redigido a partir do texto original pelo padre Bartolomé de las Casas, Colombo abusa das comparações para tentar explicar uma paisagem que não consegue representar se não for através da procura de semelhanças com seu mundo já conhecido:

Miércoles 17 de octubre: (...)En este tiempo anduve así por aquellos árboles, que era la cosa más fermosa de ver que otra se haya visto, veyendo tanta verdura en tanto grado como en el mes de mayo en el Andalucía, y los árboles todos están tan disformes de los nuestros como el día de la noche; y así las frutas y así las hierbas y las piedras y todas las cosas. Verdad es que algunos árboles eran de la naturaleza de otros que hay en Castilla: por ende había muy gran diferencia, y los otros árboles de otras maneras eran tantos que no hay persona que lo pueda decir ni asemejar a otros en Castilla. (COLÒN, 1985 : 52)

Estas descrições, apesar de trazerem imagens inéditas para o público europeu, estão baseadas em elementos já conhecidos e assim são facilmente aceitas como válidas tanto pelo autor como pelo seu público. Descrições comparativas entre o novo e o velho mundo auxiliaram os cronistas na hora de encontrar referências conhecidas pelos seus futuros leitores. Para Colombo a natureza exuberante lembra em alguns casos a paisagem verde de algumas regiões espanholas. Através destas comparações o público europeu foi se aproximando de uma América reinventada, como denominará O'Gorman o processo de colonização das terras descobertas por Colombo.

Segundo Theodoro, o europeu se lança a descrever as novas terras a partir da comparação com o mundo já conhecido:

O colonizador, ao se dar conta da perda do paraíso terrestre, do maravilhoso, lançou-se à reprodução da cenografia européia na América. Iniciou esta obra, renunciando a descobrir novas relações entre coisas, negando o que pudesse parecer novo, preferindo ver apenas o seu reflexo no espelho da história.

(Theodoro, 1992 : Cap. 4 http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab/)

Num estilo discursivo que alguns têm considerado como precursor do movimento romântico a surgir três séculos mais tarde, Colombo detalha com minúcia a inocência dos índios. E principalmente a exuberância das paisagens que o almirante vai descrevendo nos remete diretamente à visão dos primeiros cristãos num mundo visivelmente perfeito, longe dos vícios e dos pecados próprios das sociedades modernas ao navegador.

Esta imagem idílica, desenhada pelos primeiros viajantes durante os primórdios da colonização, não resistirá por muito tempo, e já na primeira metade do século XVII terá se diluído diante da cobrança da veracidade dos fatos narrados que é feita pelos leitores europeus. O discurso dos diferentes autores passará, a partir deste momento, a ser questionado e vai ganhando outras características menos românticas, como a detalhada e cruenta descrição dos costumes bárbaros dos indígenas, que alguns cronistas passam a incluir nos seus escritos. A ingenuidade dos encontros iniciais derivará, já nas primeiras

décadas do século XVI, em crus relatos dos modos de viver locais, com suas cerimônias antropófagas e seus rituais pouco cristãos.

Apesar da mudança, a marca deixada por estes escritores pioneiros será muito difícil de apagar. O legado que estas primeiras descrições deixou é algo que se pode sentir até hoje na idealização que o europeu tem das terras americanas. Aquelas primeiras imagens narradas por Colombo na sua carta aos reis da Espanha, e posteriormente no seu diário, coincidem em muitos pontos com a carta escrita poucos anos depois pelo cronista da expedição portuguesa, que alcançou as atuais costas brasileiras. Na carta – informe de Pero Vaz de Caminha, assim como na missiva de Colombo, podem se encontrar traços discursivos que ainda hoje servem de estereotipada referência quando nos remetemos ao continente latino-americano como um todo.

Na Carta do navegador, a serviço da coroa castelhana, o discurso do Almirante é sobre carregado de descrições detalhadas da rica paisagem:

(...) en ella hay muchos puertos en la costa de la mar sin comparación de otros que yo sepa en cristianos, y farto ríos y buenos y grandes que es maravilla: las tierras della son altas y en ella muy buenas sierras y montañas altísimas, sin comparación de la isla de Teneryfe, todas fermosísimas, de mil fechuras, y todas andables y llenas de árboles de mil maneras y altas, y parecen que llegan al cielo; y tengo por dicho que jamás pierden la foja, según lo pude comprender, que los vi tan verdes y tan hermosos como son por mayo en España.

(COLÓN, Carta anunciando el descubrimiento Del Nuevo Mundo)

Na carta do cronista português se faz novamente referência à paisagem luxuriante, assim como à docilidade dos indígenas, algo que Colombo também tinha reparado nos seus primeiros escritos:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé (...) (CAMILHA, 2000. p.50)

O retrato idealizado escolhido pelos autores para identificar a paisagem e o gentio do Novo Mundo enlaça diretamente com objetivos mais mercantilistas, e menos religiosos, das duas Coroas ibéricas, como se evidenciará depois no processo “colonizador”.

Para o historiador Anthony Pagden o discurso colombiano não só visava dar fé de sua missão divina, senão que revelava de modo implícito o seu objetivo de explorar a terra tirando proveito de toda matéria prima possível, humana ou não: “*Colón describió a los primeros nativos como amables y capaces de aprender nuestra fe*”, pero añadió que también podrían ser unos esclavos útiles (...)” (PAGDEN, 1992 : 14 – 15)

Mais adiante, o historiador resume o pensamento da época no que respeita à realidade americana, uma visão induzida notavelmente pela imaginação desbordada de cronistas como Orellana, Vespucio ou o próprio Colombo:

Todo esto contribuyó a fomentar la imagen de América como un espacio vacío, escasamente poblado por unos cuantos miles de “salvajes” en quienes los europeos podían proyectar no sólo las bagatelas mitológicas de la antigüedad, sino también sus esperanzas de fomentar un mundo mejor. Tras el descubrimiento de los grandes imperios amerindios entre 1521 y 1532, esa imagen de una tierra beneficiaria, por amables y serviciales salvajes, cambió. (PAGDEN, 1992 : 15)

A necessidade de dar explicaçāo às imagens que os europeus iam encontrando na sua frente propiciou o levantamento de muitos elementos da mitologia greco-romana e das fontes bíblicas que justificassem de modo inteligível esta nova realidade que de outra maneira não teria encontrado fácil explicação. O futuro continente americano ia se configurando através dos empréstimos que, vindos do imaginário europeu, reforçavam o relato daqueles que, de forma convincente, tentaram explicar a nova e inimaginável realidade.

Foi exatamente assim que aconteceu no relato colombiano. No imaginário do Almirante, imbuído no pensamento da época, são numerosos os elementos do fantástico popular que já estavam presentes na sua cabeça, quando empreendeu a sua pioneira odisséia ultramarina e se materializou no encontro da, em muitos casos, indecifrável nova realidade. As lacunas do desconhecimento que apresentava a paisagem americana vão ser preenchidas

com os mitos derivados da tradição greco-romana, que de modo mais ou menos convincente tinham sido apropriados pelo ideário cristão.

O Real maravilhoso, como mais tarde o definiria o escritor cubano Alejo Carpentier, se converterá na principal fonte de auxílio na hora de compreender a cosmovisão americana e na tentativa de atingir um primeiro modelo de identidade.

(...) lo maravilloso comienza a serlo de manera inequívoca cuando surge de una inesperada alteración de la realidad (el milagro) de una revelación privilegiada de la realidad, de una iluminación inhabitual o singularmente favorecedora de las inadvertidas riquezas de la realidad, de una ampliación de las escalas y categorías de la realidad, percibidas con particular intensidad en virtud de una exaltación del espíritu (...) (CARPENTIER, 1967: p.5)

Os primeiros contatos com os indígenas, retratados, principalmente, na chamada Literatura Informativa pelos próprios navegadores ou pelos cronistas oficiais e, às vezes, pela soldadesca, dão conta, durante os primeiros anos da colonização, de uma visão idílica das populações encontradas.

Se, em alguns destes relatos a visão apresentada é fruto de uma calculada analogia com as sagradas escrituras, unido à própria convicção dos autores da mansidão do “gentio”, em outros textos que deixaram o testemunho deste primeiro olhar sobre o continente, a apreciação não é já tão inocente, senão que de modo contrário, a descrição dos indígenas aparece carregada da ideologia precisa para revelar ao mundo a simplicidade e a inocência dos índios, mas agora com uma outra intenção menos indulgente e cristã, senão aterradora e reveladora dos mais cruéis costumes dos povos indígenas.

Da benevolente visão dos primeiros momentos se passará a uma descrição marcada pela sinistra marca da antropofagia, do sacrifício humano, etc. A Europa reverterá paulatinamente a sua compreensão sobre o novo mundo e passará de enxergá-lo como o paraíso imaginado por Colombo a vislumbrar as terras recém descobertas como a representação do inferno imaginada pelo pintor Jerônimo Bosch no seu quadro “O juízo final”.



O Juízo Final. Jerônimus Bosch.

A narrativa colombina, como já foi dito, traz uma série de descrições baseadas nas paisagens previamente conhecidas pelo Almirante. Estas descrições, às vezes cheias de ricos detalhes são válidas como a imagem pioneira do novo mundo inimaginável até então.

A inocência dos índios e a exuberância das paisagens que o almirante vai descrevendo nos remetem diretamente à visão dos primeiros cristãos num mundo visivelmente perfeito, longe dos vícios e dos pecados próprios das sociedades modernas ao navegador. Estas descrições guardam, sem dúvida, uma outra escondida intenção que revela as não tão nobres intenções da empresa colombiana.

Sem querer aprofundar agora nessas “outras” intenções do discurso colombiano, existe algo, derivado delas, que como marca indelével ficará para sempre registrado no ideário americano; uma série de descrições do caráter e dos costumes dos indígenas, que facilitaram a transposição da concepção utópica, assim como a materialização de diferentes projetos baseados neste fantasioso doutrinário. São elas: a docilidade dos índios, os quais facilmente, na visão do Almirante, serão catequizados e portanto passíveis de serem dominados inicialmente pelo lado espiritual e depois no aspecto físico, por outro lado a constante presença da enumeração das riquezas da terra. Estes dois elementos serão a

alavanca para a idealização dos projetos utópicos que nos próximos séculos inundaram a literatura européia e a americana e até hoje se confundem na hora de recriar a paisagem de determinadas regiões do sul do continente americano, em especial, Brasil.

Na descrição da selva e dos índios registrados no primeiro relato sobre América já estarão presentes as marcas de uma possível identidade marcada pela ideologia da época e as necessidades do Almirante.

No decorrer dos séculos e principalmente com a chegada de novos visitantes e por conseguinte de novos discursos, outros elementos, de uma inexata identidade, completarão o estereotipado retrato das terras situadas embaixo do Equador.

Nas palavras do escritor Julio José Chiavenato, resulta impossível separar à figura mítica de Colombo de seu ideário na hora de empreender a sua viagem. Sem este conhecimento da ideologia por trás do Almirante teríamos somente a visão idílica que durante séculos se teve da viagem da descoberta:

Se formos desprezar o ideário de Colombo e trabalhar apenas com os “fatos concretos” da história, ficaremos repetindo os velhos relatos, transformados em cronistas que mostram como as coisas aconteceram e não explicam porque. O porquê é fundamental para entender o futuro da colonização da América. Porque Colombo transplantava, mesmo inconscientemente, uma ideologia que foi imposta para permitir o genocídio que se seguiu. Colombo foi fantasticamente, a despeito dele, a peça que se encaixou perfeitamente no sistema de conquista. (CHIAVENATO, 1992 : 93)

Colombo foi o tradutor de todo um ideário que, recolhido da tradição clássica, veio a dar sentido ao futuro processo de colonização de América. As fontes colombianas unidas ao próprio discurso do navegante serviram de justificativa para os atos que se seguiram durante os seguintes séculos. Colombo não só abriu o caminho através dos mares que levaria ao “paraíso” senão que iria dar o primeiro e certeiro passo para pôr ponto final a um mundo, que ironicamente passara a ser chamado de Novo, e implantar um outro modelo no qual dificilmente ia ter muito espaço o anterior.

Os próximos navegantes irão pouco a pouco revelando as surpresas que estas terras tinham escondidas no seu imenso território.

A aportação de Colombo a nova identidade americana, algo que só se consolidará nos séculos subsequentes, será a abertura para o sonho utópico num novo mundo pouco ou nada comprehensível para a mentalidade européia do século XVI, mas que, graças ao discurso do almirante, vai sendo decifrado de modo que possa ser assimilada da forma mais adequada para a concretização dos objetivos inicialmente da coroa espanhola e mais tarde da Europa lançada a colonização do novo continente.

Como já foi observado anteriormente; na Carta que Colombo escreve aos Monarcas espanhóis Isabel e Fernando, documento que pode ser considerado como a ata de “fundação” do “novo” velho mundo, já podem ser encontrados dois dos sinais de identidade que até hoje aparecem como marca indelével de identificação da América Latina entre a população européia e, por extensão, da América do Norte e dos países asiáticos.

O modo de descrever os índios, a sua inocência, docilidade e a facilidade com que estes serão convertidos à nova fé imposta convertem até hoje o latino-americano, numa visão que engloba todo o continente sul-americano, em pessoa acomodada, cordial, muito festiva e talvez um pouco preguiçosa e irresponsável. Pode doer a alguém, mas tristemente é assim como, muitas vezes, o europeu enxerga o descendente direto dos povos indígenas que Colombo encontrou na sua primeira viagem.

A deslumbrante paisagem relatada pelo Almirante deixa seqüelas que nos remetem diretamente à controversa teoria do clima de Montesquieu, ou aos postulados de outros teóricos que encontraram no excessivo calor dos trópicos a justificativa perfeita para o atraso natural da zona tórrida, retardamento este que não só afetou a raça humana, senão também ao resto das espécies animais e vegetais encontradas nesta região. O condicionamento do estado da alma e, por tanto, do caráter das pessoas pelos estados climáticos será para alguns o motivo que justificaria o retardamento natural das comunidades americanas marcadas por uma conduta preguiçosa e cobarde.

Assim, podemos concluir que, se por um lado, a primeira viagem colombiana serviu para dar a conhecer um novo território dentro do planeta, por outro lado o próprio discurso do descobridor colocou a pedra base para a abertura do processo que O`Gorman denomina de Invenção de América e que tristemente permitiu a destruição de muitos elementos nativos que até hoje poderiam conformar um outro modelo de identidade mais natural e menos forçado.

El ser concedido a las nuevas tierras, el de la posibilidad de llegar a la posibilidad de llegar a ser otra Europa, encontró su formula adecuada en la designación de “Nuevo Mundo” que, desde entonces se emplea como sinónimo de América. Esa designación, en efecto, indica precisamente, la diferencia específica que individualizó el “orden histórico” a la ”cuarta parte” del mundo frente al conjunto de las otras tres partes, correlativamente designadas en su conjunto como el “Viejo Mundo”. (O’GORMAN, 2001 : 151)

5.2 As outras crônicas da conquista México

Citando ao crítico Angel Rosemblat, o historiador Francisco Morales Padrón oferece uma nítida imagem dos membros que conformavam o, se pode chamar assim, exército imperial que participou de campanhas como a de México ou Peru:

Un especialista contemporáneo, Angel Rosemblat, ha escrito, para hablar quienes eran los hombres que hicieron la conquista, lo siguiente: “La conquista de las Indias no la hicieron Capitanías del Ejercito Real, sino expediciones de constitución muy compleja. Por lo común, un caudillo alistaba voluntarios, autorizado por una capitulaciones, y nombraba capitanes. Los soldados acudían con sus armas, vestimentas y matalotaje, y no percibían soldada, sino participación en los beneficios. A esas expediciones se incorporaban a veces con sus armas y caballos una buena proporción de hidalgos, entre ellos capitanes y soldados (...), hasta los labradores y menestrales, los marinos y grumetes, y también venteros y mercaderes” (PADRÓN,1988: p.208)

Conhece-se como Crônica de Índias o gênero literário no qual o autor é testemunha direto dos fatos que está narrando. De modo contrário aos historiadores que darão continuidade a este gênero, o cronista se inspira nas fontes diretas para estabelecer a sua narrativa.

De acordo com o historiador Sanchez Barba, na sua introdução às Cartas de Relação de Hernán Cortés, são somente as dezenove obras datadas no século XVI que podem ser consideradas propriamente como Crônicas. Entre os textos destes primeiros momentos da Conquista que ficam excluídos do gênero crônica estão as próprias Cartas de relação de

Cortés, a Carta de Colombo, assim como os textos produzidos pelas diferentes ordens religiosas que serão tratados no final deste trabalho.

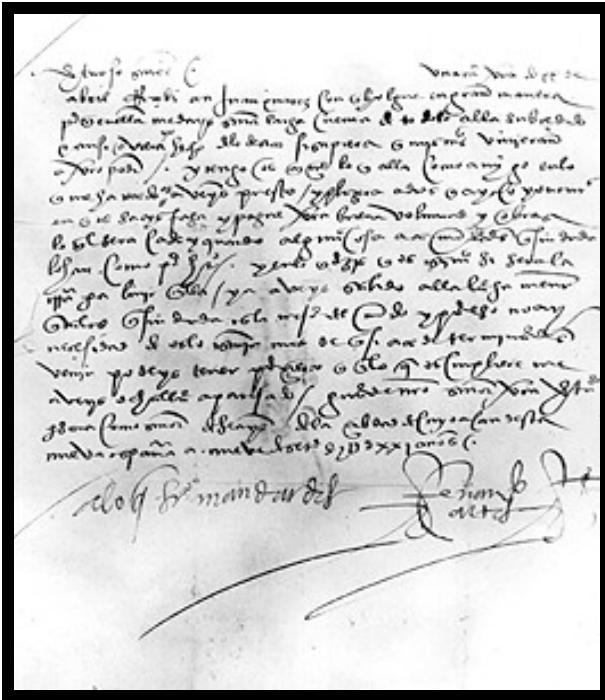
Foram elas as encarregadas de formar uma imagem mais verossímil da América que pouco a pouco ia se revelando e que gradualmente, através labor destes autores foi se consolidando no imaginário europeu dos primórdios da colonização:

En efecto, la primera nota significativa que destaca en las crónicas escritas por los conquistadores, es que con sus notas y descripciones sobre la realidad, produce el conocimiento real, despejando de ese modo la imagen intelectual mítica, que de América se iba forjando en la Europa del renacimiento, (...) La objetivación plena de América pertenece al conquistador, al realismo descriptivo de sus crónicas. (BARBA, 2002 : 8)

Mas, nem todas as Crônicas de Índias podem ser consideradas dentro deste padrão de suposta veracidade que afirma Sanchez Barba. Muitas das narrações dos primeiros momentos da Conquista foram marcadas pela necessidade de mostrar o relato das vitórias e das vantagens da futura colonização das terras tomadas aos indígenas. Algo que, sem dúvida, agradaria tanto aos reis como aos patrocinadores das viagens, em muitos casos banqueiros italianos muito pouco preocupados com os fatos decorrentes da conquista ou colonização, e sim, com as muito anunciadas ganâncias. Em algumas ocasiões, o objetivo do autor era simplesmente enaltecer a sua própria imagem dentro do marco de uns determinados acontecimentos, considerando que sua participação nos eventos não tinha sido devidamente ilustrada pelos cronistas oficiais.

O relato dos cronistas, seja influenciado pelo assombro ante as novas terras ou pela visão estratégica necessária para a futura conquista, fez com que muitas das narrações se afastassem da objetividade e centraram seu relato em aspectos menos realistas. Apesar disto, como afirma Barba, coube a eles a incumbência de traçar os primeiros retratos da Conquista de México e o relato dos costumes astecas nos momentos imediatamente anteriores a esta.

Segundo o historiador Menendez Pidal (Apud BARBA, Cartas de Relación 2000 : 20), pertence a Hernán Cortés o mérito de ter sido o primeiro europeu a considerar América não como uma terra selvagem senão como o berço de uma grande civilização. Algo que até então só era possível quando se fazia referência ao velho continente europeu:



Carta assinada por Hernán Cortés

O desejo de conquistar a capital asteca e alcançar as riquezas da cidade é revelado nas Cartas de Relação do conquistador de México. Num fragmento da segunda carta, nos meses prévios à tomada definitiva da cidade imperial, o capitão da minguada tropa de castelhanos deixa transparecer a sua inquietude com a estratégia a usar na hora de entrar nesta:

Esta gran ciudad de Temixtitán está fundada en esta laguna salada, y desde la tierra firme hasta el cuerpo de la dicha ciudad, por cualquiera parte que quisieren entrar a ella, hay dos leguas. Tiene cuatro entradas, todas de calzada hecha a mano, tan ancha como dos lanzas jinetas. Es tan grande la ciudad como Sevilla y Córdoba. Son las calles de ella, digo las principales, muy anchas y muy derechas, y algunas de éstas y todas las demás son la mitad de tierra y por la otra mitad es agua, por la cual andan en sus canoas, y todas las calles de trecho a trecho están abiertas por do atraviesa el agua de las unas a las otras, y en todas estas aberturas, que algunas son muy anchas, hay sus puentes de muy anchas y muy grandes vigas, juntas y recias y bien labradas, y tales, que por muchas de ellas pueden pasar diez de a caballo juntos a la par. (CORTÉS, 2000 : 66)



LA GRAN TENOCHTITLAN (Recreação)

Porém, fora da visão militarista de Hernán Cortés, outros soldados que acompanharam o ataque e posterior tomada da cidade mexicana de Tecnothitlan deixaram nas suas crônicas o relato pormenorizado dos diferentes traços que compunham a identidade de uma das civilizações mais importantes da história. Será através destes autores, considerados menores, que tentaremos resgatar, nas entrelinhas, o modelo de identidade que pouco a pouco foi se consolidando no vasto continente americano.

A simbiose entre o pensamento europeu e as tradições indígenas vai dar como fruto um novo modo de relacionamento, um caminho sem volta no qual nenhum dos dois povos ficou imune às mudanças. Tanto os europeus como as diversas comunidades indígenas terão um antes e um depois do encontro.

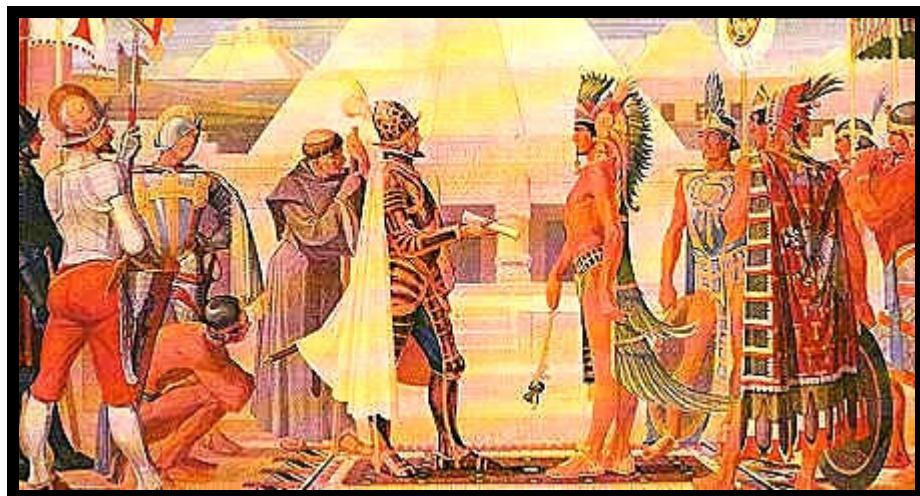
Esta aproximação veio marcada inevitavelmente pelo conceito de alteridade, conceito que nos remete a antigas civilizações como a grega e a romana. Para o mundo helênico, o conceito de alteridade remete diretamente a um processo de falsa alteridade pelo qual se considera o outro como inimigo.

Os soldados, saídos do imaginário castelhano, do misticismo de crenças populares, da literatura de cavalaria e provocados pelo sentimento da divina missão e da superioridade dos espanhóis; sentimento que o recém criado império tinha tido todo o cuidado de divulgar no coração de cada um dos aventureiros que se atreveram a cruzar o oceano e adentrar

numa terra desconhecida e por vezes inóspita e sem a certeza do regresso à terra de origem, colocaram a sua imaginação a trabalhar para produzir como já foi observado uma nova forma de escrever crônicas, nas quais o elemento fantástico seria protagonista onipresente:

La realidad sobrepasaba las fantasías de las novelas de caballería, que se habían puesto de moda por el Amadis de Gaula, de Montalvo y cuyo mundo maravilloso imaginativo creían ver ante sí los conquistadores en los exóticos paisajes de ultramar. Los descubridores e conquistadores españoles podían incluso sentirse como caballeros andantes, que con su valentía personal vencían los mayores obstáculos, con estoica serenidad soportaban contrariedades y heridas y cobraban honor y fama en lucha contra los infieles.

(KONETZKE, 1968 : 143)



Encontro de Hernán Cortés e Moctezuma.

As primeiras levas de homens que chegaram às terras do continente americano trazem na sua bagagem toda uma série de elementos que com o tempo marcarão o início das difíceis relações entre os dois continentes.

Estes pioneiros desde a chegada das caravelas colombianas deixaram uma marca, que até hoje perdura, em alguns aspectos, na visão estereotipada do mundo americano. Uma visão que parte desde a posição alta e por vezes arrogante do viajante europeu, que prefere anular a visão do outro antes de tentar entendê-lo.

A idealização que o europeu fez do índio e das terras por ele agora ocupadas não é senão a mera representação do seu velho mundo, agora libertado do caduco modelo que lhe

tocou viver. A soma dos valores importados e a concepção de uma nova visão mediante a qual pode ser retirado de forma um tanto aleatória tudo aquilo que não alcança uma clara identificação. O conceito de novo mundo deixa atrás não um velho mundo europeu, senão também um velho mundo americano; nem a terra chamada agora de América voltará a ser a mesma, nem o modelo europeu estará imune à influência do novo mundo.

O labor literário dos cronistas servira não só para ilustrar a terra americana fora dos padrões estabelecidos em décadas anteriores pela chamada literatura informativa, como também para ir desmistificando gradualmente a imagem desenhada pelos primeiros navegantes. Serão estes, junto com os religiosos, os primeiros a revelar o lado humano da conquista e os primeiros passos das difíceis inter-relações entre os dois povos.

Será obra dos soldados a primeira aproximação corpo a corpo com os agora chamados índios. Depois da conquista pelas armas dos territórios, vira agora a “conquista erótica”, como a denomina o escritor Ricardo Herren no seu polêmico livro *La conquista erótica de América*. Para o autor, será a soldadesca e não os altos cargos militares nem as ordens religiosas os que se aproximam da população indígena para se amancebar e assim dar início ao processo de miscigenação que até hoje caracteriza a América latina. Do contato das duas elites, a espanhola e a indígena, surgirá uma nova classe “mestiça” que marcará o começo de uma nova identidade, produto da fusão das duas culturas:

Las indias cuando descubren a los españoles, parecen preferirlos y no sólo por razones eróticas, que, sin duda, también importaron mucho. Intuyen que un hijo mestizo tendrá mejor cabida en el nuevo mundo en formación que un hijo puramente indio. Su vástago miscegenado le sirve, además, para adaptarse al universo de los nuevos amos, establecer lazos de sangre y poder, hasta cierto punto, transculturarse, con más facilidad que los varones indígenas, algo que en muchas culturas autóctonas, aún hoy, les resulta prácticamente imposible. (HERREN, 1997 : 55)

Resultado da reflexão sobre as difíceis relações entre os espanhóis e os indígenas, nasce a polêmica estabelecida entre *Bartolomé de Las Casas* e *Juan Ginés de Sepúlveda*, debate dialético estabelecido entre os dois para tentar chegar a um acordo sobre como deviam ser tratados os índios e qual seria a melhor forma de preservá-los da zona de influência dos soldados e capitães espanhóis. Se para Sepúlveda o índio não passa de um

ser irracional, para *Las Casas* nada justifica o extermínio dos indígenas e muito menos quando a finalidade última deste vandálico ato é unicamente a ânsia pela suposta riqueza das terras. A pugna dialética entre os dois intelectuais serve de claro exemplo para revelar como entre o indígena era visto por uns e por outros dentro do processo colonizador.

Tristemente e apesar da perseverança do frade Dominicano, o pensamento de Sepúlveda marcará durante séculos o ritmo das tensas relações entre europeus e indígenas.

Segundo Henry Kamen, as relações entre europeus e indígenas sempre estiveram marcadas por um lado pelo sentimento de arrogância proveniente por sua vez da crença de ser os portadores da boa nova, da palavra de Deus que deveria acabar definitivamente a idolatria nas terras pagãs. Este sentimento de predestinação tinha influências do imaginário islâmico que durante oito séculos prevaleceu na península. Imperava entre os espanhóis a idéia que seriam eles os encarregados de levar a fé cristã a estas terras inóspitas. O fazer parte desta missão divina encorajava os exércitos e em pouco tempo a conquista revelou um fenômeno inesperado, porém preciso para atingir o objetivo da nova cruzada do bem contra o mal. A crença estendida desta divina aventura fez com que pouco tempo depois da chegada no novo continente aparecessem sinais em forma de milagres ou visões que evidenciavam que Deus estava do lado dos espanhóis. De um lado a outro se sucediam as histórias de milagres como a presença de Santiago, que cruzando o campo de batalha ajudou na vitória do minúsculo exército, se comparado com o mexicano, que conquistou a capital do império asteca.

Porém, nem tudo eram avisos divinos que favoreciam os exércitos imperiais. O alto grau de superstição dos espanhóis, mais próprio da época medieval que do renascimento vigente, os soldados espanhóis tinham pavor de tudo aquilo que desconheciam e consideravam como mau augúrio tudo o que lhes parecia desfavorável. Alguns dos fatos mais importantes da conquista tiveram a influência destes presságios, que em muitas ocasiões em vez de ajudar os espanhóis os sentenciaram a um fim cruel. O famoso episódio da Noite Triste, na qual os espanhóis tentaram escapar de forma precipitada da capital asteca e foram encravados pelos mexicanos que dizimaram as tropas de Cortés, foi produto de um mau presságio tido por um dos taumaturgos presentes na conquista do México. Como afirma Chamorro, ao descrever a Blas Botello o papel destes adivinhos foi

de crucial importância em determinados momentos, mesmo que algumas vezes estas predições erradas tivessem mau fim:

Curioso e interesante personaje el tal Botello (...) era un hombre de bien, aficionado a desvelar os arcanos astrológicos. Al parecer, el montañés vaticinaba incansablemente; pero sus pronósticos sólo se tomaron en consideración cuando un inesperado acontecimiento confirmó la bondad de las suertes y astrologías. (...) Transformado en aliado del maligno por obra de la supersticiosa hueste. Blas Botello jugaría un papel decisivo en los dramáticos sucesos que hoy conocemos como la Noche Triste. (CHAMORRO, 2002 :11-12)

É importante observar que a superstição dos espanhóis, assim como o medo ao desconhecido, foi um grande empecilho na hora de tentar entender o outro. Esta dificuldade fez com que o indígena e os seus costumes fossem sempre vistos desde uma perspectiva negativa que em certo modo retomava o conceito clássico de alteridade, no qual o estrangeiro é sempre visto como o inimigo. O conceito de bárbaro dado na antiga Grécia a todo estrangeiro poderia ser perfeitamente aplicado no período da conquista de América.

CAPITULO 6.

A CONQUISTA ESPIRITUAL DE AMÉRICA.

“La Conquista espiritual y la identidad católica fue el mayor legado colonial de España”

Henry Kamen

6.1 Os religiosos no Novo Mundo

Na primeira viagem de Colombo, entre a sua tripulação, já se encontravam alguns religiosos que tinham como missão acompanhar a descoberta das novas terras e celebrar a costumeira primeira missa que simbolizava o início da evangelização destas.

A ação evangelizadora no Novo Mundo demoraria ainda várias décadas para consolidar-se. Segundo o historiador Borges Morán (1998. p.145-162), a evangelização, destes momentos iniciais da colonização, passa por dois períodos importantes antes de entrar na etapa da conquista; o período de tenteio entre os anos de 1493 e 1508 e o período de consolidação e evolução entre os anos 1508 e 1520.

O primeiro período corresponde, segundo o autor, ao momento de focalização de como serão as futuras missões evangelizadoras, que vão começar na área geográfica

restringida da Ilha Espanhola (atuais República Dominicana e Haiti) e estará caracterizada pela falta de religiosos, assim como a carência de uma organização. Restaram poucos documentos relativos a este período.

Um dos acontecimentos mais importantes deste momento inicial da evangelização no Novo Mundo data de 1496, ano em se produz a primeira conversão que se conhece nas novas terras: a da família do cacique local Guanaoboconel na ilha de Stº Domingo.

Personagens importantes deste período foram Fernando Boil, primeiro religioso a chegar à América com faculdades pontifícias e o ermitão Ramón Pane, autor de um dos primeiros tratados sobre uma comunidade indígena: *Relación acerca de las antigüedades de los Índios*. Pane foi também um dos primeiros religiosos a estudar as línguas indígenas.

O segundo período, segundo Morán, é o da consolidação e evolução e se caracterizou pela ampliação do campo de abrangência das ordens religiosas assim como a própria missa destas, que passa da mera conversão e fim das idolatrias a os trabalhos de educação do gentio através da fundação de diversos colégios em Stº Domingo.

O alunado destes colégios estava formado por crianças provenientes das famílias nobres. Os estudantes passavam quatro anos no colégio para depois voltarem a seus lugares de origem com o objetivo de disseminar os ensinamentos cristãos.

Pertencem a este período, religiosos como Antonio Montesinos e Fray Pedro de Córdoba. Dentro os alunos indígenas que se destacaram está o famoso Enriquillo que com o tempo será o Cacique Dom Enrique, protagonista de uma das primeiras rebeliões contra os espanhóis.

Na tentativa de explicar o caos imperante na sociedade da Nova Espanha, Gruzinski situa no ano de 1520, imediatamente após os períodos expostos por Morán, o surgimento das sociedades fractais que caracterizaram estes momentos iniciais da conquista. De acordo com o autor, a justaposição das duas culturas, assim como as incertezas e a instabilidade provocadas pelo encontro dos dois mundos, da origem a este tipo de sociedade fractal:

Sociedades fractais tinham emergido nas ilhas do Caribe depois de 1492; sociedades desse tipo eclodem ao longo da década de 1530 no Peru das Guerras civis. Nesses meio novos e em gestão de que o México dos anos de 1520 constitui o arquétipo, as relações sociais e os papéis culturais estão expostos a curtos-circuitos de todo tipo e

a turbulências incessantes: ruptura de obediência, bagunça administrativa, conflitos abertos ou larvais, semiguerras civis ou guerras sangrentas. Nesses universos caóticos, com escalas bem distintas – a do indivíduo, a do grupo, ou a da população local -, os comportamentos escapam sempre das normas e dos hábitos em vigor na península Ibérica. (GRUZINSKI. 1993: p.78)

Para Gruzinski, estas sociedades fractais marcam para sempre as culturas coloniais pois através delas se consagra a predominância da “recepção fragmentada” e por conseguinte a perda e dissolução dos referenciais originais e a elaboração de novas marcas. (p. 79)

Fora desta periodização, podemos citar várias datas importantes que marcam o primeiros momentos da evangelização no Novo Mundo:

Em 1508, através da Bula *Universalis Eclessiae*, o Papa Julio II concede à Coroa Espanhola a perpetuidade na organização da igreja nas Índias. Em 1538, pelo “Passe régio” se determina que todos os documentos entre o Papa e as Índias deverão passar primeiro pelo Conselho de Índias. Em 1569 é ordenada a implantação nos territórios americanos do Tribunal do Santo Oficio. A presença deste colocará um ponto final no primeiro estágio do processo evangelizador na América espanhola. Um período controverso que se caracterizou principalmente pela pertinaz tentativa dos religiosos de colocar os indígenas dentro do projeto colonizador.

Nos séculos seguintes serão várias as tentativas de recuperar este espírito de inclusão, porém sempre encontraram a resistência da Coroa Espanhola e das elites dominantes. Nos próximos sub-capítulos observaremos o trabalho das diferentes ordens religiosas, enfatizando o labor da Ordem Franciscana nos territórios da Nova Espanha com as figuras de Fray Toribio de Benavente e de Fray Bernardino de Sahagún.

6.2 Identidade e ordens religiosas

Na hora de analisar o conjunto de textos que conformam a literatura correspondente aos primórdios da colonização americana é imprescindível considerar a origem e a formação intelectual dos diferentes autores que revelaram para o mundo as magnificências e as desgraças do continente que com o tempo veio a se chamar de América. Por um lado, a pouca formação intelectual de alguns cronistas afetou seriamente a tarefa destes. A fantasia desmedida e a incapacidade de retratar o desconhecido poderiam as ter relegado ao esquecimento se não fosse pelo fato de ser uma das poucas fontes diretas do que resta da época pré-colombiana e dos primeiros momentos da conquista.

Por outro lado temos os relatos dos padres escritores das diferentes ordens religiosas que chegaram à América nas primeiras décadas do século XVI. Com um discurso predeterminado para cada ordem, os religiosos deixaram um importante testemunho escrito destes primeiros momentos da colonização, e foram os pintores, através da sua pena, que retrataram o momento fulgurante do impacto do encontro das duas civilizações.

Em 1524, na sua quarta Carta de Relação, o conquistador de México Hernán Cortés, solicita à coroa espanhola o envio de exatamente 12 frades, numa clara alusão numérica aos apostóis das sagradas escrituras.

Todas las veces que a vuestra sacra majestad he escrito, he dicho a vuestra alteza el aparejo que hay en algunos de los naturales de estas partes para se convertir a nuestra santa fe católica y ser cristianos; y he enviado a suplicar a vuestra cesárea majestad, para ello, mandase proveer de personas religiosas de buena vida y ejemplo. Y porque hasta ahora han venido muy pocos, a casi ningunos, y es cierto que harían grandísimo fruto, lo torno a traer a la memoria a vuestra alteza y le suplico lo mande proveer con toda brevedad, porque de ellos Dios Nuestro Señor será muy servido y se cumplirá el deseo que vuestra alteza en este caso, como católico, tiene. (CORTÉS 2000: 346)

Atendendo ao pedido, o rei da Espanha Felipe II manda os doze religiosos solicitados, todos eles pertencentes à ordem franciscana. A chegada destas primeiras levas de religiosos marca um divisor de águas no processo de colonização do continente.

Pode-se dizer que a vinda destes religiosos simboliza o início do que mais tarde se denominará com o controverso nome da “conquista espiritual das Índias”. As naves

colombianas, que descobriram as primeiras ilhas americanas, já tinham entre seus tripulantes alguns religiosos, porém seu papel restringia-se à celebração de missas e em alguns casos a narrar os fatos importantes da viagem. A missão evangelizadora só começara décadas mais tarde quando o contato com as populações locais vai se estreitando.

Si la burocracia fue uno de los pilares del imperio español, el otro fue la iglesia, cuya estrecha colaboración y alianza con el Estado se configura como una simbiosis que conduce al mutuo reforzamiento, aunque siempre bajo control estatal. La evangelización llevada a cabo por diversas ordenes religiosas fue el aliado indispensable de la conquista y la colonización, proporcionaba el marco ideológico para justificar el papel dominante de los españoles y a la vez permitía ordenar la sociedad de acuerdo con los padrones europeos. (CUETOS, 1996: 100)

A união entre o estado e a religião fez com que as diferentes ordens participassem plenamente da consolidação de um determinado modelo de identidade que, auspiciado pela palavra de Deus, disfarçava, de alguma maneira, a ideologia que imperou durante todo o processo de colonização do continente sul-americano. Mas como já foi visto, foi obra dos missionários a incumbência de educar os indígenas na tentativa, nestas primeiras décadas da colonização, de inserir estes no processo de formação da estrutura social do Novo Mundo.

O controle do imaginário, apesar de ter uma idéia comum marcadamente religiosa foi exercido de modo diferente por cada uma das três ordens que chegaram ao novo mundo durante as primeiras décadas da colonização.

É importante refletir sobre o papel dos missionários na América. Qual foi a transcendência da chegada das diferentes ordens fora dos limites do seu labor evangelizador? Nas próximas páginas tentaremos nos aprofundar no trabalho desenvolvido pelas três principais ordens religiosas que aportaram no continente durante as primeiras décadas do século XVI, e quais foram as contribuições de cada uma delas no processo de formação da nova identidade americana.

6.1 Os franciscanos

Ao contrário das outras duas ordens, mais preocupadas em explicar a realidade do continente americano a partir de uma visão confrontada com os textos bíblicos, os Franciscanos mostraram também durante toda sua obra evangelizadora uma grande preocupação por se aproximar da realidade local, permitindo-lhes uma adequação menos violenta do modo de vida dos povos indígenas a o modo de vida cristão.

Sem escapar totalmente da tradição grego-romana inserida dentro do chamado “Imaginário trasladado”, a evangelização franciscana abriu espaço para a inserção do modo de pensar dos religiosos sem que fosse necessário destruir as culturas índias.

Os Franciscanos, como já foi observado, foram a primeira ordem religiosa a chegar aos territórios de Nova Espanha e coube a eles a incumbência de criar os primeiros colégios no continente americano. A missão prioritária dos Franciscanos em terras mexicanas, como a das outras ordens que chegaram posteriormente, foi a de converter o gentio ganhando assim novos súbditos para a Coroa Espanhola. Porém esta função inicial derivou num trabalho muito mais abrangente que não só ganhou as almas dos indígenas para a fé senão que deu uma educação e uma profissionalização a estes. O que no começo foi apresentado como algo positivo para o projeto colonizador, com o tempo se converteu em um grande problema para a Coroa.

De acordo com Greiff, a educação dos indígenas propiciada pelas autoridades coloniais representou ironicamente , com o passar do tempo, um problema para estas:

A mediados del siglo XVI, las autoridades coloniales se mostraron interesadas por la educación de los indios y mestizos, pero al percibir inteligencias asombrosas entre los indios, optaron dar preferencia a la educación de criollos y españoles, y la educación se convirtió en exclusiva para la clase dominante.

Hubo colegios para indios y mestizos y otros destinados solamente a los criollos peninsulares. Las misiones religiosas que llegaban a la Nueva España gozaban de grandes privilegios otorgados por la Corona, lo cual permitió a los misioneros, durante los primeros años de conquista espiritual, actuar con muchas libertades. (GREIFF. 2003 <http://ciria.udlap.mx/franciscana/conferencias/degreiff.pdf>)

O empenho dos padres franciscanos em aprender a língua náhuatl, assim como algumas outras línguas menores, não só propiciou uma adequada conversão das comunidades senão que permitiu a interação entre as duas culturas e o acesso das comunidades locais à cultura européia:

Los frailes trabajaron por la difusión de la lengua principal, o sea, el náhuatl. Ese método trajo consigo la necesidad de una sólida formación lingüística en el misionero. Los más de los religiosos aprendieron el náhuatl y algunas otras lenguas mucho menos difundidas, en el territorio que había tocado a cada Orden. De otra manera tuvo origen toda esa literatura en lenguas indígenas, de fines prácticos tales como vocabularios, gramáticas, catecismos, sermonarios, confesionarios, etc. (RICARD: 1986 p.23)

Dentro do objetivo geral deste trabalho, a forja da identidade, é possível considerar que o lavoro empreendido pelo *Padre Bernardino de Sahagún*, assim como o realizado pelo seu companheiro de ordem Fray Toribio de Benavente, ajudaram consideravelmente, nos primórdios da colonização, para a formação de uma nova identidade cultural, produto da fusão das duas culturas, além de, como será observado, ter ajudado no processo de Conquista e por conseguinte ter incrementado o número de súditos da Coroa espanhola.

6.1.1 Fray Bernardino de Sahagún.

Dentro de um minucioso trabalho de observação das culturas locais, num estudo considerado por alguns como a primeira pesquisa antropológica levada a cabo nas Américas após a chegada de Colombo e já nas terras de Nova Espanha, o Padre Sahagún debruçou-se, durante quarenta anos, na tentativa de entender os costumes e os rituais indígenas como nunca até então nenhum europeu o tinha feito. A aproximação da cultura local, mesmo com um objetivo inicialmente nada antropológico, senão com a única finalidade de conhecer mais de perto a idolatria e assim poder erradicá-la, vai permitir que pouco a pouco se produza a fusão das duas culturas num primário exemplo de transculturação que com o tempo atingirá toda a América espanhola e portuguesa.

Neste processo de fusão, segundo Serge Gruzinski no seu livro *A colonização do imaginário* (2003), tanto espanhóis como indígenas aceitaram a existência de um mundo sobrenatural, mesmo que um não tivesse muita afinidade com o outro.

Para além dos enfrentamentos militares, políticos e econômicos, o aspecto mais desconcertante da Conquista espanhola é provavelmente, a irrupção de outras percepções do real que não eram as dos índios, assim como hoje em dia não são exatamente as nossas. A "realidade" colonial transcorria num tempo e num espaço distintos, baseava-se em outros conceitos de poder e de sociedade, desenvolvendo abordagens específicas da pessoa, do divino, do sobrenatural e do além. (SAHAGÚN, Vol. 1: 271)

Esta reflexão nos leva a pensar como a formação de um novo imaginário foi fortalecida pela aceitação nos dois grupos do fato da existência de um mundo sobrenatural que pelo menos em alguns aspectos poderia apresentar coincidências que serviriam para abrir um caminho de mão dupla que tanto serviu para que os cristãos entendessem a cultura indígena como para que estes últimos conhecessem os princípios básicos da religião que lhes estava sendo imposta.



Fray Bernardino de Sahagún

Para Fabregat, a semelhança entre alguns conceitos religiosos das crenças indígenas e a doutrina cristã facilitou o trabalho dos missionários que foram, paulatinamente, substituindo a fé demoníaca dos índios pela palavra do, para os cristãos, único deus verdadeiro:

De hecho, y en estas condiciones, es obvio que los misioneros, a menudo, se limitaron a sustituir unos conceptos por otros, y asimismo unas formas por otras, pues si reconocemos en los indígenas la existencia de ideas de comunión en el mismo sacrificio humano, los santos vistos como soluciones específicas de sus males, divinidades ejerciendo el poder

superior desde el más allá, la ofrenda festival a los dioses, el mismo sufrimiento y el sacrificio personales como formas de identificación con las fuerzas sobrenaturales (...) Se configura de este modo una ideación trascendente de la vida muy inclinada a ser fácilmente desplazada a otros conceptos religiosos, en este caso los del cristianismo, aunque tuviera que pasar por el cambio de signos – la serpiente por la cruz – y de los símbolos – Quetzalcóalt y Tonantzin por Cristo y la Virgen María – y en conjunto asumir el bautismo y los sacramentos en el contexto de una liturgia tan barroca como lo fuera la suya prehispánica. (FABREGAT, 2001: 23)

Podemos notar como o trabalho dos missionários e principalmente dos Franciscanos, empenhados na missão de estudar a língua para posteriormente aprofundar na observação das culturas locais, teve, indiretamente, uma grande repercussão sobre o processo da conquista, que sem a presença dos religiosos teria sido mais longo e com muito mais gasto de vidas e de meios econômicos.

Diante da desoladora paisagem após a conquista, o indígena se mostra confundido e sem muita esperança; seu mundo espiritual está agora derruído e a presença dos soldados não ajuda muito na sua aflição. Os religiosos, com a humildade refletida nas suas vestimentas, no seu modo de viver desprendido e principalmente na sua conduta mansa frente à brutalidade da tropa, aparecem para o indígena como uma saída para seu mundo caótico. Este fato será bem aproveitado pela Coroa espanhola, a qual considera que cada indígena convertido significa um inimigo a menos dos espanhóis. As conversões em massa não são unicamente a vitória da fé cristã sobre a herética, senão a prevenção contra futuras rebeliões indígenas. Por outro lado, a conversão e a aceitação do poder espanhol freou uma possível intervenção de outras nações européias à procura das riquezas americanas.

A obra de Sahagún, *Historia general de la Nueva España*, apesar de não ter obtido a repercussão imediata como algumas das publicações de outras ordens, pode ser considerada, desde uma perspectiva atual, um dos textos mais importantes não só do ponto de vista literário, mas principalmente desde o ponto de vista histórico, pois foi uma das poucas produções nas quais pode se contemplar o modo de vida e os costumes e rituais religiosos dos povos da Nova Espanha.

De muitas das manifestações culturais descritas pelo padre franciscano não nos teriam chegado registros se não fosse pelo minucioso trabalho de observação deste.

Na perspectiva lingüística, o livro oferece, ainda, um grande campo de exploração por ter sido em parte escrito em Nahuatl, a língua principal dos povos mexicanos. Uma língua que até hoje é estudada e que encontrou na literatura de Sahagún uma importante fonte de auxílio.

‘ No decorrer das suas mais de mil páginas, a *Historia general* oferece uma ampla visão das diferentes manifestações religiosas, das festas e rituais de sacrifício e solenidades da cultura asteca

No Livro sete (Volume um), o autor nos deixa um interessante registro do culto da Deusa Chicomecoátl que ele compara com a deusa grego-romana Ceres:

Esta diosa llamada Chicomecoátl era la diosa de los mantenimientos, así de lo que se come y de lo que se bebe. A esta a pintaban con una corona en la cabeza, y en la mano derecha un vaso y en la izquierda una rodelá con una flor grande pintaban: tenía su cueitl y uipilli y sandalias, todo bermejo, y la cara teñida de bermejo. Debió ser esta la primera mujer que comenzó a hacer pan y otros manjares y guisados. (SAHAGÚN, 2001. Vol.1: 61)

Este trabalho de comparação entre as deidades locais e os deuses da mitologia clássica grego-romana serve de passo prévio para a futura aproximação à religião cristã e portanto à porta de entrada para o processo de aculturação que se deu nestas primeiras décadas de colonização.

O trabalho, empreendido pelo autor, que ele mesmo compara com o de um médico que precisa primeiro conhecer a doença para depois poder tratá-la, vem marcado por esse objetivo de se aproximar das tradições e dos costumes sem para isso precisar destruí-los:

El médico no puede acertadamente aplicar las medicinas al enfermo (sin) que primero conozca de qué causa proceda la enfermedad; de manera que el buen médico conviene sea docto en el conocimiento de las medicinas y en el de las enfermedades, para aplicar convenientemente a cada enfermedad la medicina contraria (y porque), los predicadores y confesores médicos son de las ánimas, para curar las enfermedades espirituales conviene (que) tengan experiencia de las medicinas y de las enfermedades espirituales: el predicador

de los vicios de la república, para enderezar contra ellos su doctrina; y el confesor, para saber preguntar lo que conviene y entender lo que dijese tocante a su oficio, conviene mucho que sepan lo necesario para ejercitar sus oficios; ni conviene se descuiden los ministros de esta conversión, con decir que entre esta gente no hay más pecados que borrachera, hurto y carnalidad, porque otros muchos pecados hay entre ellos muy más graves y que tiene gran necesidad de remedio. Los pecados de la idolatría y ritos idolátricos, y supersticiones idolátricas y agüeros y abusiones y ceremonias idolátricas, no son aún perdidos del todo.

Para predicar contra estas cosas, y aun para saber si las hay, menester es de saber como las usaban en tiempo de su idolatría, que por falta de no saber esto en nuestra presencia hacen muchas cosas idolátricas sin que lo entendamos; y dicen algunos, excusándolos, que son boberías o niñerías, por ignorar la raíz de donde salen - que es mera idolatría, y los confesores ni se las preguntan ni piensan que hay tal cosa, ni saben lenguaje para se las preguntar, ni aun lo entenderán aunque se lo digan (SAHAGÚN, 2001Vol.1: .49)

Podemos concluir que o trabalho desenvolvido pela ordem franciscana teve como principal participação no processo de colonização e cimentação da futura identidade comum às duas culturas que agora tentavam uma aproximação intercultural, facilitar o convívio entre os dois povos criando as bases das relações interculturais que irão estreitando os laços entre uns e outros.

Apesar dos padres Franciscanos estarem submetidos a uma forte pressão ideológica, estes tentaram guiar os novos cristãos pelo caminho certo, mesmo que isso significasse afastá-los das negativas influências dos próprios espanhóis que dificilmente seguiam os preceitos da igreja e, desobedecendo as ordens da Coroa, os padres relutaram em ensinar o castelhano aos indígenas para evitar errôneas interpretações da palavra de Deus e dos ritos cristãos.

Atitudes como esta tiveram consequências imediatas e de longo prazo tanto para os Padres como para os próprios indígenas. Descontentes com o tratamento benevolente dados aos indígenas pelos missionários, as novas elites americanas, formadas quase exclusivamente por espanhóis, solicitaram à Coroa Espanhola que colocasse um fim neste procedimento da Ordem e assim, em 1570, o padre franciscano é pressionado pela Coroa que lhe retira o patrocínio para dar continuidade ao seu trabalho, e sete anos depois o

monarca Felipe II ordena a requisição de toda sua obra. Mesmo trabalhando a escondidas, suas últimas obras não terão a mesma motivação de pesquisa dos costumes religiosos e centrará o seu objetivo no método de reconhecimento das idolatrias como auxílio para os novos missionários. A obra literária de Sahagún ainda demoraria quase dois séculos para ser publicada.

Para os indígenas as consequências da tentativa de aproximação da Ordem à doutrina cristã se reverteria na proibição de estes entrarem no sacerdócio. Impedimento que se entenderá também por vários séculos.

O grande legado dos Franciscanos consistiu, como já foi observado, no aprofundamento do conhecimento do mundo indígena. Fato que facilitou a convivência, num controverso momento entre as duas culturas, e facilitou a assimilação de forma menos violenta por parte dos indígenas do modo de viver dos espanhóis e, por conseguinte, a formação de uma nova identidade desenvolvida através do convívio das duas culturas e não imposição da mais forte.

6.2 Os Jesuítas

Para os Jesuítas, como salienta Theodoro, a principal preocupação residia na vinculação entre a igreja e o Estado e converter a sua missão evangelizadora em missão histórica.

A visão institucional foi bem elaborada pelos jesuítas, capazes de meditar sobre as complexas relações entre o Estado e a Igreja. Os jesuítas possuíam uma grande preocupação em transformar a experiência missionária em obra histórica. Nesse sentido, procuravam adequar suas descobertas culturais, fruto de um convívio cotidiano com os índios, às narrativas européias. Ou seja, o trabalho de catequese se fazia acompanhar por uma preocupação constante de institucionalização da ação desenvolvida em conjunto pelo Estado e pela Igreja. As observações fragmentárias de substrato indígena só ganhavam existência quando podiam fazer parte da trama narrativa construída pelo relato bíblico.
(THEODORO, 1992: Cap.5 http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab/)

A narrativa jesuítica é produto da necessidade de adequar o imaginário do indígena às doutrinas cristãs de modo que os índios entendessem a palavra de Deus estabelecendo comparações entre a mitologia local e os predicados cristãos.

É por esta razão que os escritos da ordem são recheados de figuras literárias como a analogia e a metáfora, no intuito de aproximar as duas culturas através de má produção artística carregada de um forte substrato bíblico. As principais deidades indígenas passam agora a ganhar nova denominação e pouco a pouco o pensamento cristão vai substituindo o imaginário pagão. Os espetáculos teatrais apresentados com assustadora grandiloquência mostram ao aturdido índio a grandeza do poder do deus cristão e a fraqueza dos mitos locais. O jogo dramático foi a maneira encontrada pela ordem para se aproximar dos cultos locais e, numa estratégia bem calculada, mostrar, com exemplos próximos a sua realidade, os aspectos errados de suas crenças.

Na sua Dança pela canção “Tupansy Angaturama” pertencente ao ato IV do Auto escrito por Anchieta por ocasião do recebimento do Administrador P. Bartolomeu Simões Pereira em 1591, o autor nos da uma aproximação ao imaginário cristão da Santíssima Trindade que, representada através da analogia com algumas deidades indígenas, tinha como missão facilitar a compreensão do auto por parte das populações indígenas dos mistérios da fé crista:

Mãe de Tupã venturosa,
Eu sempre em ti acredito:
No me deixes que precisto
Caia na chama horrorosa.

Faze sair Anhangá:
Que de mim ele se ausente
E minha alma boamente
Se eu a ti me dedicar

Na lei de deus sempre vá.
Vem para iluminar
E firme crer em Tupã
Calcari malicia vã

Mae de tupã és María:
Vem protetora, ajudar-me!
Caqui não quero afastar-me,
Fico em tua companhia. (...)

(Anchieta. 1977. P. 266)

Nesta pequena dança que era interpretada por um coro de dez crianças indígenas temos representado as personagens de Tupã como Jesus, da Mãe de Tupã como a Virgem Maria e Anhangá como o diabo.

Fortalecidos pela Santa Sé, os Jesuítas empreenderam através de suas reduções um trabalho de evangelização que foi muito além da conversão ao catolicismo, durante três séculos e nos territórios ocupados atualmente por Paraguai e Brasil, os missionários desenvolveram um labor formativo, com as populações indígenas, que tinha como base assuntos tão diversos como a arquitetura, música, pintura, etc.

No aspecto literário, a narrativa jesuítica caracterizou-se pelo constante resgate de elementos da cultura indígena que permitisse, através das analogias, desenvolver uma narrativa caracterizada pela influência das sagradas escrituras.

A analogia e a metáfora se convertem em figuras literárias de auxílio neste resgate; o imaginário indígena ganhara novas vestimentas e assim, através principalmente dos autos teatrais, as deidades indígenas encontraram novas formas de expressão. Desta maneira o padre jesuíta José de Acosta serve de exemplo para ilustrar a preocupação da ordem em converter os índios, tomando como referência as fontes bíblicas. Partindo da idéia de considerar os índios como selvagens fica justificada pela imensa bondade de Deus a possível evangelização dos índios:

No hay género de hombres, por abyecto y animal que sea, ajeno a la salud del evangelio, pues a nadie llama Dios que no le dé el entendimiento y la gracia necesaria para obtener aquello a que lo llama. Y aunque es cierto que son muchos los llamados y pocos los escogidos, sin embargo ninguno es llamado y rechazado, sino el que tuvo en poco oír al que le llamaba. Conocida es a Dios desde todos los siglos la obra de sus manos¹³³; a nosotros nos toca, puesto que se nos manda ir a todos, no pasar por alto a nadie, llamarlos a todos, atraerlos a todos, acudir a todos. (ACOSTA Libro primero. Capítulo VI)

6.2.1 O Padre Anchieta

O jesuíta José de Anchieta é, sem dúvida, uma das figuras mais relevantes do conjunto de religiosos que aportaram no continente americano durante o primeiro século de

colonização. Anchieta, apesar de ser considerado o Apóstolo do Brasil e ter iniciado a viagem que o levaria a América desde Portugal, era espanhol.

Nascido em *Tenerife*, uma das ilhas que conformam o arquipélago das Canárias. ponto de origem de muitos imigrantes europeus e posteriormente porto de parada obrigatório para todos as empresas transoceânicas empreendidas pela coroa espanhola.

Quando Anchieta chega ao Brasil em 1553 se depara com uma realidade totalmente diferente da sua; encontra-se frente a uma civilização que tem uma visão concreta do seu imaginário, de seus deuses e os seus estão bem longe de poder ser entendidos por um grupo de religiosos europeus. O confronto se dará no mesmo momento do encontro entre ambas realidades: no instante em que os jesuítas pretendiam fazer os índios esquecer seus ideais e colocá-los frente à doutrina cristã e os seus dogmas sobre o bem e mal a umas pessoas que nem essas noções básicas tinham.

Num processo de falsa assimilação, os padres europeus tentaram se aproximar dos índios estabelecendo nexos entre os conceitos cristãos e tupis, criando assim o primeiro exercício do sincretismo brasileiro que marcará a nova identidade local. Mas sem um grande conhecimento da cultura indígena, os jesuítas só poderão atingir um grau de aproximação pequeno se comparado com o trabalho de pesquisa levado a cabo pela ordem franciscana.

Costuma-se dizer, nunca existem dois pares iguais. Assim, no processo, já citado, de identificação da cultura local, os padres jesuítas forçam uma ponte entre o imaginário tupi e o cristão, visando assim encontrar um meio de aproximação aos índios. Mas este processo de assimilação não foi bem sucedido. O fato de partir de uma visão alterada das crenças tupis que dificilmente o jesuíta entendia e portanto interpretava à sua maneira não ajudou muito na hora de tentar catequizar o indígena.

O fim, como no pensamento maquiavélico, justificou tudo e não permitiu em muitos casos ver os meios. A mitologia híbrida criada pelos jesuítas somente serviu de efêmera ponte entre dois mundos distantes, porém controlados por uma crença espiritual mesmo que diferente.

6.3 Os Dominicanos

A Ordem dos Dominicanos terá como principal objetivo a denúncia das atrocidades levadas a cabo pelos espanhóis no processo de colonização das terras indígenas.

A narrativa dominicana, com Bartolomé de las Casas como principal porta-voz, denunciará, ante a Coroa espanhola, os abusos cometidos pelos soldados na suposta pacificação dos indígenas.

Una vez vide que, teniendo en las parrillas quemándose cuatro o cinco principales y señores (y aun pienso que había dos o tres pares de parrillas donde quemaban otros), y porque dabán muy grandes gritos y dabán pena al capitán o le impedían el sueño, mandó que los ahogasen, y el alguacil, que era peor que verdugo que los quemaba (y sé cómo se llamaba y aun sus parientes conocí en Sevilla), no quiso ahogarlos (...) (LAS CASAS, 1986: 19)

6.3.1 Bartolomé de las Casas

Para entender o pensamento e o ideário de Bartolomé de las Casas, primeiro é preciso conhecer a trajetória que levou o frade, e posterior Bispo, a desenvolver as suas idéias sobre os indígenas e como os espanhóis deveriam tratá-los .

Desde a chegada dos primeiros conquistadores ao novo mundo e motivada pela própria rainha Isabel a Católica, surge na Espanha uma grande preocupação com o modo como o indígena deve ser tratado e qual será o melhor método para conseguir a sua evangelização sem que com isso seja necessário usar a violência, e sim, como a rainha deixara escrito no seu “articulo mortis”, com doçura e justiça. Algo um pouco antagônico à realidade se levamos em consideração a necessidade que os conquistadores tinham de mão de obra trabalhadora para levar adiante a sua verdadeira missão nas terras recém conquistadas, a exploração comercial a qualquer custo e não precisamente estava dentro deste objetivo, salvaguardar a vida dos indígenas e evidentemente tratá-los com a doçura e a justiça que uma rainha a mais de cinco mil léguas poderia desejar. Assim quase desde o primeiro momento a política levada a cabo com os indígenas foi derivada desta necessidade da produção e do extrativismo que a própria coroa através de seus “fiscais” controlava rigorosamente:

La causa por que han muerto y destruido tantas y tales e tan infinito número de ánimas los cristianos ha sido solamente por tener por su fin último el oro y henchirse de riquezas en muy breves días e subir a estados muy altos e sin proporción de sus personas (conviene a saber): por la insaciable codicia e ambición que han tenido, que ha sido mayor que en el mundo ser pudo, por ser aquellas tierras tan felices e tan ricas, e las gentes tan humildes, tan pacientes y tan fáciles a sujetarlas; a las cuales no han tenido más respecto ni de ellas han hecho más cuenta ni estima (hablo con verdad por lo que sé y he visto todo el dicho tiempo), no digo que de bestias (porque pluguiera a Dios que como a bestias las hubieran tratado y estimado), pero como y menos que estiércol de las plazas. Y así han curado de sus vidas y de sus ánimas, e por esto todos los números e cuentos dichos han muerto sin fe, sin sacramentos. Y esta es una muy notoria y averiguada verdad, que todos, aunque sean los tiranos y matadores, la saben e la confiesan: que nunca los indios de todas las Indias hicieron mal alguno a cristianos, antes los tuvieron por venidos del cielo, hasta que, primero, muchas veces hubieron recibido ellos o sus vecinos muchos males, robos, muertes, violencias y vejaciones de ellos mismos. (LAS CASAS, 1986: 16)

Quando Bartolomé chega às Índias, em janeiro de 1502, este panorama descrito é o primeiro problema com que vai se defrontar. Poucos meses após sua chegada conhece o levantamento dos índios contra os espanhóis e inclusive ele mesmo combate a estes. São estas as suas primeiras lembranças de uma longa vida dedicada à causa indígena. Pouco mais de três anos lhe serão suficientes para evidenciar o selvagem comportamento dos conquistadores e a má gestão dos governantes mais preocupados com a riqueza que o trabalho escravo dos indígenas pode lhes reportar do que com o cuidado com suas almas pagãs.

De volta à Espanha em 1516, começara seu árduo trabalho em prol de sua “nobre” causa e com muitas dificuldades consegue as suas primeiras vitórias; a perda do cargo de vários destes governadores corruptos e a promulgação de novas leis de amparo e proteção dos povos indígenas do novo mundo. Portando estas boas novas, o frade Dominicano e procurador dos índios volta à América muito animado, porém a realidade que se encontra do outro lado do Atlântico não será muito favorável. As novas ordenanças reais não terão muita validade numa terra tão distante tanto geograficamente como socialmente do lugar onde estas foram promulgadas. Bartolomé encontrará um evidente rejeição destas leis e

novamente deverá empreender o seu labor. Nesta ocasião, volta a Espanha com a pretensão de se encontrar com o próprio monarca Don Fernando II, porém este morre antes que o dominicano tenha a oportunidade de expor novamente as suas queixas.

Com o novo rei, a situação não melhorará muito e Frade Bartolomé deverá ainda esperar a sua oportunidade de ser ouvido. Em 1518 finalmente é recebido pelo Conselho de Índias e lá expõe as suas teorias sobre como considera que devem ser tratados os indígenas. Contrário às idéias do também religioso Sepúlveda, Bartolomé de las Casas promulga a separação dos índios do trabalho escravo, considerando que será impossível fazer com que eles entendam a palavra de Deus se estão submetidos a um regime de trabalho forçado. Com estas idéias vai sentar as bases do que serão as futuras reduções ou missões. Os índios devem permanecer isolados do contato com os conquistadores e ficar sob a proteção das ordens religiosas. Assim o frade concluía, pelo menos teoricamente, a dilatada história da liberação dos índios, luta iniciada em 1500 e que só foi ratificada várias décadas mais tarde quando os índios são declarados súditos livres da coroa e começam a trabalhar em troca de uma remuneração.

Mais uma vez, pouco tempo depois, as idéias do frade encontraram o rechaço direto dos encomendeiros, que durante décadas manterão esta postura de oposição até que, incitados pelo próprio religioso, começara a escravatura do povo africano que, trazido deste continente em poucas décadas, tomaram de grande parte do trabalho braçal relevando ao indígena que nem por isso melhora sua condição.

A obra de Bartolomé de las Casas, tanto seu legado escrito como o seu labor humanitário, pode ser vista desde uma perspectiva atual como uma ação digna de menção para as futuras gerações por ter tentado, na contracorrente da cobiça humana, proteger ao inocente como supostamente prega a palavra de Deus. Se sua intenção não foi bem encaminhada ou seus escritos foram exagerados para chamar a atenção, não é algo que a quase quinhentos anos de distância seja motivo de discussão. Cabe afirmar desde o ponto de vista social estudar a profundidade das suas idéias até hoje vigentes.

CAPITULO 7.

CONCLUSÃO

A verdadeira universalidade resulta do diálogo de culturas nacionais cada vez mais fortalecidas.

Carlos Newton Junior.

Na distância temporal de cinco séculos, a narrativa do período colonial americano se mostra altamente produtiva por trazer discursos reveladores de um momento crucial da história, um período marcado por uma ideologia de corte imperialista, com grandes marcas do sufocante catolicismo. Elementos que vão determinar não só os rumos da configuração narrativa das diversas produções literárias no novo mundo senão que através destes escritos vamos poder acompanhar, de modo gradual, como vai sendo forjada a identidade de um continente que se mostra imprevisível aos olhos dos recém chegados.

Temos a oportunidade de assistir como a soma de diversos fatores históricos vai determinar uma série de escolhas, umas mais afortunadas que outras, na hora de delimitar os traços comuns que com o tempo configurarão os rasgos de cada uma das nações da jovem América.

Vista aqui na perspectiva mais abrangente que nos permite a distância temporal, algo que resultaria impensável no século XVI, podemos observar com maior clareza como

o processo de forja da identidade foi caracterizado pelo férreo controle do imaginário, praticado na época pelo conjunto do estado e a igreja. Um controle que mantinha a fantasia criativa dos navegantes e cronistas dentro de uma rígida restrição literária.

A prática comum desta censura no discurso americano faz com que hoje a análise da narrativa colonial seja tão fecunda não só desde o ponto de vista literário senão também desde a perspectiva sócio-histórica, econômica, religiosa, etc.

A rígida vigilância do que poderia ser lido ou não, o que poderia ser escrito ou não e o que poderia ser pensado, levou muitos intelectuais tanto da Espanha quanto das colônias americanas a uma frustração criativa, que com o tempo derivará numa grave crise de consciência que perpassará o período colonial e chegará até as portas do século XX.

Em 1901, o autor basco Pio Baroja junto com Ramiro de Maeztu e Azorín, no seu “Manifiesto de los tres”, ao fazer um balanço final do que foi o império espanhol que acabava literalmente nesse histórico momento com a perda das últimas colônias ultramarinas de Cuba, Porto Rico e Filipinas, resume em poucas palavras o sentimento pessimista, em que se sumiu aquela geração a que o escritor pertenceu; a geração do 98. O *Sentimento trágico da vida*, como um dia denominaria Miguel de Unamuno, companheiro de geração de Baroja, será a marca registrada destes autores desiludidos com uma Espanha destruída, que tinha sido se forjado sobre fracos tópicos que terminaram por desmoronar-se. O Barroco dos ricos contrastes tinha derivado num sem-fim de conflitos existenciais. que evidenciavam a fragilidade de uma identidade nacional na qual nem os próprios conterrâneos se identificavam. Segundo Baroja, Espanha nunca teve uma formação sólida senão que sempre se movimentou através de convulsões nervosas que foram modificando o caráter nacional.

Entre convulsão e convulsão o espanhol revela, na visão do autor, um caráter apático e desinteressado dos assuntos que concernem ao seu país e a sua integração dentro da sua própria sociedade. Ancorada num passado imperial falido, Espanha se recusa a aceitar a sua nova condição e dar um passo à frente, abraçando novas formas de viver que em muitos casos estavam sendo marcadas por países como França e Inglaterra. Esta resistência cultural tem provocado nos países um atraso secular que se arrasta até hoje.

Parafraseando o pensamento do autor basco, a identidade nacional tem passado e passa na atualidade por um momento semelhante, um momento de convulsão marcado pela

necessidade de adequar-se a continua migração de massas humanas, principalmente daquelas que saindo dos países do terceiro mundo, aportam diariamente nas regiões supostamente mais favorecidas, principalmente da Europa e de América do Norte, alimentando o sonho de uma vida melhor, mas em muitos casos, sem negar as suas raízes.

Alguns pensadores atuais consideram que na atualidade a Europa está vivendo um processo de miscigenação forçada similar àquele pelo qual o continente americano, principalmente as regiões centro e sul, passaram um dia. Pela primeira vez na história não é América do Sul a que recebe as influências do outro lado do oceano, senão que é ela quem pode compartilhar a sua experiência com os países que um dia foram referência obrigatória para ditar os costumes e os padrões culturais.

Desde a chegada dos primeiros europeus ao continente americano, a elite intelectual do velho mundo tem se esforçado por ir traçando um modelo de identidade que se adequasse à nova realidade do continente recém descoberto.

Seguindo a linha de pensamento de Baroja, a primeira convulsão nervosa que sofreu o continente americano deu-se imediatamente depois do encontro dos dois povos. O impacto que provocou este foi a alavanca que deu pé a esta comoção inicial. O europeu viu-se forçado a dar um significado não só à terra como também ao morador dela, um ser de raros costumes e de difícil designação.

Levado pela urgência de apresentar o indígena ante aos olhos do velho continente, tanto os próprios navegantes cronistas como, mais adiante, as diferentes visões das três ordens se debruçaram na difícil tarefa de dar sentido à nova realidade americana num exercício marcado pelo chamado de “discurso do espelho”. América, produto da ilusão utópica dos principais intelectuais europeus, revela-se como uma terra propícia para o sonho, a realização da tão desejada recriação do paraíso na terra; uma idéia mítica que remonta a muitos séculos atrás.

Na atualidade, depois de muitos séculos e muitas convulsões nervosas, o velho mundo passa por um momento histórico de adequação de novas realidades, não só no que respeita ao número de emigrantes, que nos últimos anos tem crescido consideravelmente, senão em muitos outros aspectos sociais como a educação, a família, a religião, etc. Aspectos estes que só serão resolvidos adequadamente através da tolerância e principalmente por meio da não negação do outro, algo que caracterizou o processo de

colonização e limitou dramaticamente as possibilidades de um novo continente que tinha muito a oferecer dentro de uma nova ordem mundial.

Entender a identidade não significa exclusivamente assumir a compreensão dos elementos que nos unem a um certo número de semelhantes, significa também aceitar as diferenças entre as demais comunidades, integrando-as dentro de uma identidade comum que poderia ser chamada, de modo explícito, como raça humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, José de. *Predicación del Evangelio en las Indias.*

<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12926285889081497420624/p0000001.htm>

AGRA, Juan Olabarriá. *Identidad colectiva y derecha Política.* Madrid. Revista Cuadernos de Alzate. Revista vasca de la cultura y las ideas. No 24. 2001.

AINSA, Fernando. *De la Edad de oro a el Dorado: Genesis del discurso utópico americano.* México D.F: Fondo de Cultura Económica, 1998.

ANCHIETA, José de. Teatro de Anchieta. São Paulo. Edições Loyola. 1977.

BLANCARTE, Roberto. (Compilador) Cultura e identidad. nacional Fondo de Cultura Econômica. México, D.F. 1994.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta de Pero Vaz de Camina em Certidão de nascimento de Brasil. Rio Grande do Sul. Edelbra Gráfica e Editora Ltda. 1992

CARPENTIER, Alejo. *El arpa y la sombra.* México D.F Siglo XXI editores. 1987

CARPENTIER, Alejo. *De lo real maravilloso americano,* Buenos Aires: Calicanto Editorial, pp. 83-99. 1976.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo* México Colección Ideas, Letras y Vida D.F Cia.. General de Ediciones, S.A 1967.

CHAMORRO, Germán Vazquez. *La visión de los vencidos.* Cuadernos Historia 16. No 162. Madrid. 1985

CHANCA, Diego Alvarez. Carta de Diego Alvarez Chanca. Versión íntegra. Disponible em: <http://www.fortunecity.com/victorian/churchmews/1216/Chanca.html>

CHIAVENATO, Julio José. *Colombo. Fato e mito.* São Paulo. Editora Brasiliense

CORTÉS, HERNAN. *Cartas de Relación.* Edición de Mario Hernández Sánchez-Barba. Madrid. Dastin historia. Col. Crônicas de América. 2000.

.COLÓN, Cristóbal. Madrid. *Diario. Relaciones de Viajes.* Madrid. Sarpe. Biblioteca de la historia. 1992.

COLÓN, Cristóbal. *La Carta de Colón anunciando el descubrimiento.*

<http://www.ensayistas.org/antologia/XV/colon/>

COLÓN, Cristóbal. *Libro de las profecías.* Volumen preparado por Juan Fernández Valverde. Alianza Editoria. Universidad de Sevilla. Madrid. 1992.

COSTA LIMA, Luiz. *O controle do imaginário.* São Paulo. Editora Brasiliense, 1984

COSTA LIMA, Luiz. *Terra Ignota. A construção de Os sertões.* Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 1997.

CUETOS, María luisa Laviana. *La America española, 1492-1898. De las Indias a nuestra América.* Madrid. Historia 16. Col. Temas de hoy, 1996.

GIL Amador, Antonio Carlos. O choque cultural e a questão do outro
<http://www.tomgil.hpg.ig.com.br/colombo.htm>

GREIFF, Ma. Clara de. 2003. La biblioteca Franciscana y su contribución a La preservación del patrimonio bibliográfico. biblio.udlap.mx/biblionews/vol17.html

DEFOE, Daniel. *Las aventuras de Robinsón Crusoe.* Madrid. El barco de papel, 2002.

DEYERMOND, A.D. *Historia de la literatura española. La edad media*. Barcelona.
Editorial Ariel, 1984.

DÍAZ, J. TAPIA, A.de. VAZQUEZ, B. AGUILAR, F de. *La conquista de Tenochtitlan*.
Edición de Germán Goméz Chamorro. Madrid. Dastin Historia, 2002.

GRUZINSKI, Serge. *A Colonização do imaginário. Sociedades indígenas e occidentalização no México espanhol Séculos XVI – XVIII*; tradução Beatriz Perrone-Moisés. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GRUZINSKI, Serge. *Do Barroco ao Neobarroco*. Em Literatura e Historia na América Latina, organizado por Chiappini y Aguiar. São Paulo: EdUSP. 1993.

HERREN, Ricardo. *La conquista erótica de las Indias*. Madrid. Planeta Agostini, 1997.

HUBER, Siegfried. *O segredo dos Incas*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia limitada, 1958.

HAUBERT, Máxime. *La vida cotidiana de los indios y jesuitas en las misiones del Paraguay*. Madrid. Ediciones: temas de hoy, 1991.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 14 ed. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1981.

KAMEN, Henry. *Império*. 2 edición. Madrid. Aguilar, 2003

KONETZKE, Richard. *Descubridores y conquistadores de América*. Madrid. Editorial Gredos. Biblioteca universitaria, 1968.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Madrid. Sarpe. Biblioteca de la historia de España, 1986.

LEON-PORTILLA, Miguel. *Visión de los vencidos*. Madrid. Dastin Historia. Col. Crónicas de América, 2000.

MARÍAS, Julián. *La Europa transeuropea*. Madrid. La fundación de occidente. Entre Carlos V y Velásquez (1500-1660) Revista Cuenta y Razón del pensamiento actual, 1980.

MENDONÇA, Wilma Martins de. *Memória de nós O discurso possível e o silêncio Tupinambá nos relatos de viagem do século XVI*. Tese de doutorado. Recife. UFPE, 2002.

MIGNOLO, Walter, “*Lógica das diferenças e política das semelhanças : da literatura que parece história ou antropologia e vice-versa*” in Literatura e história na América Latina, textes réunis par Ligia Chiappini et Flávio de Aguiar, São Paulo : EDUSP, 2001, p. 115-135.

MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo. Nova Cultural. Col. Os pensadores, 1997.

MORNER, Magnus. La importancia biológica Del Mestizaje. Em *Europa América 1492 – 1992. La historia revisada*. Dirigido por John. H. Elliot. Ediciones El País, 1992.

MURILLO, Fernando. *Andrés Bello* Historia 16. Quorum. Serie Protagonistas de América. Madrid, 1987.

O' GORMAN, Edmundo. *La invención de América*. 7^a Edición. México. D.F Fondo de Cultura Económica. Col. Tierra firme, 2001.

OVIEDO, Gonzalo Fernández de. *Sumario de la natural historia de las Indias*. Madrid. Dastin historia. Col. Crónicas de América, 2002.

PAGDEN, ANTHONY. *América en la conciencia europea em Europa América 1492 – 1992. La historia revisada*. Dirigido por John. H. Elliot. Ediciones El País, 1992.

PIQUERAS, Ricardo.. *La conquista de América. Antología del pensamiento de Indias.* Barcelona. Ediciones Peninsula, 2001

PÓLO, Marco. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo.* 5 ed. Porto Alegre: L & PM, 1996

QUIROGA, Vasco de. *La Utopía en América.* Edición de Paz Serrano Gassent. Col. Crónicas de América. Madrid Dastin Historia., 2002.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México,* México, Fondo de Cultura Económica, 1986.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (Vol 1) Tradução Marina Appenzeller. Campinas SP: Papirus, 1985

SAHAGÚN, Fray Bernardino de. *Historia General de las cosas de Nueva España.* Madrid, Dastin S.L Col. Cronistas de América, 2001.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo.* Editorial Anagrama, S.A. Madrid. 1996

SILVA, Víctor. La compleja construcción contemporánea de la identidad: habitar “el entre” Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero18/compleja.html>

SOUSTELLE, Jacques. *A vida cotidiana dos Astecas nas vésperas da conquista espanhola.* Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1962.

THEODORO, Janice. *América barroca: tema e variações.* Versão on line:
http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/livros/ab//

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista de América. A questão do outro.* Martins Fontes. São Paulo. 1999

UREÑA, Pedro Henriquez . *Utopia es América* Disponível em:

<http://www.cielonaranja.com/phu-utopia.htm/>

VOGT, Carlos LEMOS, José Guimarães de. *Cronistas e viajantes*. São Paulo Abril Educação. Col. Literatura comentada, 1982.

ANEXOS

ANEXO 1

AS SOCIEDADES PRÉ-COLOMBIANAS

Os astecas

Jacques Soustelle, no seu estudo sobre a sociedade mexicana no momento da chegada das tropas espanholas, *A vida Cotidiana dos Astecas nas vésperas da conquista espanhola*, nos mostra um desenho muito aproximado do que foi esta civilização americana que na sua estrutura social guardava grandes semelhanças com o modelo espanhol da época. Este fato, sem dúvida, ajudaria na assimilação e fusão dos dois mundos. O espanhol e o mexicano se uniram para dar passo a uma nova ordem social.

A estrutura social, a organização em classes dos astecas, dependia quase exclusivamente do poder de decisão do soberano. Cabia a ele decidir quem ocuparia os cargos mais importantes. Em muitos casos, quem ocupava estes postos eram pessoas muito próximas a ele ou alguém de sua própria família, o que impossibilitava a ascensão ao poder de membros de outras classes inferiores.

Tenochtitlan, segundo Soustelle, estava dividida em trinta e cinco províncias e mais alguns estados. A sociedade Asteca estruturava-se em classes claramente diferenciadas., as quais dependiam totalmente do poder de decisão do supremo soberano. Cabia a ele decidir sobre a ocupação dos os cargos mais importantes de seu império: os reis e os governadores de cada província.

Cada uma das províncias rendia tributos à capital, assim como os estados dependentes que também pagavam seus impostos ao poder central. “O império compunha-se, no fim do reinado de Moctezuma, de trinta e oito províncias tributárias às quais é preciso acrescentar os pequenos estados de estatuto indeterminado que balisavam a estradas

das caravanas e dos exércitos entre Oaxaca e a fronteira meridional do Xoconochc” (SOUSTELLE, 1962: 22)

Em seu momento de maior esplendor, o império asteca chegou a ter mais de seiscentos estados tributários que tinham entrado no mundo asteca forçados pelas incansáveis tropas mexicanas. A presença destes estados inconformados com a sua situação será, como veremos mais adiante, uma situação favorável para os estrategistas espanhóis que fecharam acordos com alguns deles para acabar com o agora considerado inimigo comum: o império de Moctezuma.

O governo destas províncias dependentes da capital tinha como principal missão a arrecadação de impostos. Estes deviam entregar uma determinada quantidade de espécies e valores e às vezes uma cota de pessoas que seriam sacrificadas na capital. A atitude dos arrecadadores era muito severa com aqueles que não conseguiam atingir a meta predeterminada pela capital. Isto foi gerando uma grande desavença entre estes estados e o poder central.

A diversidade das terras conquistadas deu ao império uma singular característica; o reino dos astecas não tinha uma única língua senão uma grande quantidade de dialetos entre os que se destacava o Nauholt falado nas províncias centrais e na capital.

De igual modo que as cidades castelhanas da época, a estrutura das urbes mexicanas tinha uma organização na qual se dava importância especial à praça e aos edifícios consagrados ao culto das diferentes deidades do imaginário Asteca. A Teocalli, ou casa de Deus, era o ponto de confluência de todas as ruas da cidade e por sua vez o ponto o epicentro da cultura asteca,

A grandiosidade das construções astecas, assentadas sobre uma grande lacuna, impressionou de tal modo aos espanhóis que alguns cronistas chegaram a comparar Tenochtitlan com urbes européias tão importantes na época como Veneza ou Sevilha. A prodigiosa organização e a riqueza dos mercados da capital não tinha nada que invejar aos grandes centros urbanos do velho mundo.

A sociedade asteca dividia-se em quatro classes: a classe dirigente que por sua vez se subdividia em outras categorias, por um lado, na capital o sumo sacerdote e o por outro

lado, nos bairros e nas províncias, os sacerdotes e os funcionários que se encarregavam da recolha dos tributos.

Outra classe importante na sociedade asteca estava formada pelos negociantes encarregados da troca e venda das diferentes mercadorias produzidas pela capital ou pelas províncias ou estados subsidiários. A função destes negociantes era de vital importância para a manutenção do império. É por esta razão que, numa sociedade que estava liderada principalmente por religiosos e guerreiros, os mercadores encontraram a sua oportunidade de ascender na fechada hierarquia mexicana. Esta ascensão rendeu à classe uma série de privilégios, que de outra maneira teria sido inimaginável; os negociantes tinham o direito de ostentar, em contadas ocasiões, a sua riqueza, assim como se vestirem com orçamentos luxuosos que até então estavam reservados unicamente para as classes superiores. O direito de oferecer sacrifícios humanos era outro dos benefícios que esta classe adquiriu como agradecimento ao seu duro trabalho de andar pelos longos e recônditos caminhos do império.

A terceira classe na estrutura social asteca estava formada pelos chamados artífices ou, na nossa nomenclatura, os artistas. A eles cabia a função de cuidar dos aspectos estéticos do império, desde a edificação de templos até a simples modelagem das estátuas e os ornamentos que caracterizaram a arte mexicana.

Na base da pirâmide social asteca se situavam os escravos. Apesar de gozarem da pior condição dentre todos os habitantes do império, a concepção do escravo nesta sociedade diferia muito da escravidão à moda européia. Ao contrário da escravatura, que em poucos anos dominaria o continente e as ilhas do novo mundo, o modelo asteca faria com que os índios submetidos à coroa espanhola tivessem saudade de sua anterior condição como servo na sociedade mexicana. Sob o poder asteca, qualquer pessoa sujeita a um senhor era, em muitas ocasiões, considerada e tratada como um membro a mais da família. Alimentava-se e vestia-se corretamente. Além disso, tinha a possibilidade de ascender socialmente se conseguisse casar com uma mulher viúva de um marido nobre, como muitas vezes acontecia. Entre seus direitos estava o poder de acumular riqueza e mudar de status, fosse através de casamento ou da exploração de suas próprias terras. No mundo asteca o escravo poderia ter até seus próprios escravos.

Tristemente este modelo deixou de vigorar no mesmo dia em que as tropas de Cortez deram por finalizado o ataque à capital asteca e com este, se colocou um ponto final a um dos impérios mais importantes não só do continente americano senão do mundo conhecido na época.

Os incas

Nas páginas precedentes temos observado como estava organizada a sociedade mexicana, o grau de desenvolvimento que ela atingiu não somente no aspecto social senão que alcançaram também os campos artístico e tecnológico.

De igual modo, a civilização inca gozou de um prodigioso nível de organização social e cultural. Desde a perspectiva de sua estrutura social, o povo inca guardava muitas semelhanças com seus vizinhos de América central.

A pirâmide social, de acordo com o historiador alemão Siegfred Huber, já mostra algumas destas semelhanças:

No cume havia o Inca Capac, imediatamente depois vinha os hatun-rincriyoc, ou orejones “orelhas grandes”, como os chamavam os espanhóis. Entre os membros dessa casta se recrutavam os dignitários, os governadores, os chefes militares, os sábios, os sacerdotes do sol e de outra divindades e, por fim, o pontífice supremo, o Villac Umu, e os letrados. Sob a autoridade do Inca, exerciam poder absoluto. A continuação vinham os hatun-runa, a “grande massa”, que forneciam os funcionários subalternos. Estes, porém, não tinham qualquer iniciativa: Por fim, na base da escala social, os “servos negros”, os yunacona, que eram escravos ou prisioneiros de guerra (...) De modo geral, os “servos negros” odiavam seus senhores. (HUBER, 1958: 63)

Para a realeza Inca, apenas a nobreza e as classes dirigentes tinham algum direito adquirido, o resto da população era considerado somente como trabalhadores encarregados de manter este injusto modelo social e como recompensa a seu trabalho tinham unicamente o direito de viver, de estar vivo. Esta divisão hierárquica vem, sem dúvida, desmistificar a idéia do índio como um povo desorganizado sem nenhum tipo de estrutura sociopolítica definida

ANEXO 2

O FERRAGEIRO DE CARMONA

João Cabral de Melo Neto

Um ferrageiro de Carmona
que me informava de um balcão:
"Aquilo? É ferro fundido,
foi a fôrma que fez, não a mão.

Só trabalho com ferro forjado
que é quando se trabalha ferro;
então, corpo a corpo com ele,
domo-o, dobro-o, até o onde quero.

O ferro fundido é sem luta,
é só derramá-lo na fôrma.
Não há nele a queda-de-braço
e o cara-a-cara de uma forja.

Existe grande diferença
do ferro forjado ao fundido;
é uma distância tão enorme
que não pode medir-se a gritos.

Conhece a Giralda em Sevilha?
De certo subiu lá em cima.

Reparou nas flores de ferro
dos quatro jarros das esquinas?

Pois aquilo é ferro forjado.
Flores criadas em outra língua.
Nada têm das flores de fôrma
moldadas pelas das campinas.

Dou-lhe aqui humilde receita,
ao senhor que dizem ser poeta:
o ferro não deve fundir-se
nem deve a voz ter diarréia.

Forjar: domar o ferro à força,
não até uma flor já sabida,
mas ao que parece ser flor
se flor parece a quem o diga."

ANEXO 3

1. Diario de Colón. Libro de la primera navegación

Jueves, 11 de octubre [12.10.1492]

Puestos en tierra vieron árboles muy verdes, y aguas muchas y frutas de diversas maneras. El Almirante llamó a los dos capitanes y a los demás que saltaron en tierra, y a Rodrigo de Escobedo, escribano de toda la armada, y a Rodrigo Sánchez de Segovia, y dijo que le diesen por fe y testimonio como él por ante todos tomaba, como de hecho tomó, posesión de la dicha Isla por el Rey y por la Reina sus señores, haciendo las protestaciones que se requerían, como más largo se contiene en los testimonios que allí se hicieron por escrito. Luego se juntó allí mucha gente de la Isla. Esto que se sigue son palabras formales del Almirante, en su libro de su primera navegación y descubrimiento de estas Indias: "Yo (dice él), porque nos tuviesen mucha amistad, porque conocí que era gente que mejor se libraría y convertiría a Nuestra Santa Fe con Amor que no por fuerza, les di a algunos de ellos unos bonetes colorados y unas cuentas de vidrio (1) que se ponían al pescuezo, y otras cosas muchas de poco valor, con que tuvieron mucho placer y quedaron tanto nuestros que era maravilla. Los cuales después venían a las barcas de los navíos a donde nos estábamos, nadando. Y nos traían papagayos y hilo de algodón en ovillos y azagayas (2) y otras cosas muchas, y nos las trocaban por otras cosas que nos les dábamos, como cuenticillas de vidrio y cascabeles. En fin, todo tomaban y daban de aquello que tenían de buena voluntad. Mas me pareció que era gente muy pobre de todo. Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mujeres, aunque no vide (3) más de una harto moza. Y todos los que yo vi eran todos mancebos, que ninguno vide de edad de más de 30 años. Muy bien hechos, de muy hermosos cuerpos y muy buenas caras. Los cabellos gruesos casi como sedas de cola de caballos, y cortos. Los cabellos traen por encima de las cejas, salvo unos pocos detrás que traen largos, que jamás cortan. De ellos (4) se pintan de prieto, y ellos son de la color de los canarios, ni negros ni blancos, y de ellos se pintan de blanco, y de ellos de colorado, y de ellos de lo que fallan (5). Y dellos se pintan las caras, y dellos todo el cuerpo, y de ellos solos los ojos, y de ellos solo la nariz. Ellos no traen armas ni las conocen, porque les mostré espadas y las to-maban por el filo, y se cortaban con ignorancia.

No tienen algún hierro. Sus azagayas son unas varas sin hierro, y algunas de ellas tienen al cabo un diente de pece, y otras de otras cosas. Ellos todos a una mano son de buena estatura de grandeza y buenos gestos, bien hechos. Yo vi algunos que tenían señales de heridas en sus cuerpos, y les hize señas que era aquello, y ellos me mostraron como allí venían gente de otras islas que estaban cerca y los querían tomar y se defendían. Y yo creí y creo que aquí vienen de tierra firme a tomarlos por cautivos. Ellos deben ser buenos servidores y de buen ingenio, que veo que muy presto dicen todo lo que les decía. Y creo que ligeramente se harían cristianos, que me pareció que ninguna secta tenían. Yo, placiendo a Nuestro Señor, llevaré de aquí al tiempo de mi partida seis a Vuestra Alteza para que aprendan a hablar. Ninguna bestia de ninguna manera vi, salvo papagayos en esta Isla." Todas son palabras del Almirante.

2. Carta de Colón, anunciando el descubrimiento del Nuevo Mundo

Señor (6), porque sé que habreis placer de la grand victoria que Nuestro Señor me ha dado en mi viage, vos escribo esta, por la cual sabreis como en 33 días pasé a las Indias, con la armada que los Ilustrísimos Rey e Reina nuestros señores me dieron donde yo fallé muy muchas Islas pobladas con gente sin número, y dellas todas he tomado posesión por sus altezas con pregón y bandera real extendida, y no me fué contradicho. A la primera que yo fallé puse nombre San Salvador (7), a conmemoración de su Alta Magestal (8), el cual maravillosamente todo esto ha dado: los Indios la llaman Guanahani. A la segunda puse nombre la isla de Santa María de Concepción: a la tercera Fernandina: a la cuarta la Isabela: a la quinta la isla Juana (9), é asi a cada una nombre nuevo.

[...]

Yo entendía harto de otros Indios, que ya tenía tomados, como con-tinuamente esta tierra era Isla: é así seguí la costa della al oriente ciento siete leguas fasta donde facia (10) fin; del cual cabo vi otra Isla al oriente distante desta diez é ocho leguas, á la cual luego puse nombre la española (11): y fuí allí: y seguí la parte del setentrion, así como de la Juana, al oriente ciento é ochenta y ocho grandes leguas, por linea recta, la cual y todas las otras son fertilísimas en demasiado grado, y ésta en extremo: en ella hay muchos puertos en la costa de la mar sin comparación de otros que yo sepa en cristianos, y farto ríos y buenos y grandes que es maravilla: las tierras della son altas y en ella muy buenas sierras y montañas altísimas, sin comparación de la isla de Teneryfe, todas fermosísimas, de mil fechuras, y todas andables y llenas de árboles de mil maneras y altas, y parecen que llegan al cielo; y tengo por dicho que jamás pierden la foja, segun lo pude comprender, que los vi tan verdes y tan hermosos como son por mayo en España. Y dellos estaban floridos, dellos con fruto, y dellos en otro término, segun es su calidad; y cantaba el ruiseñor y otros pajaritos de mil maneras en el mes de noviembre por allí donde yo andaba. Hay palmas de seis o de ocho maneras, que es admiración verlas, por la diiformidad fermita de ellas, mas así como los otros árboles y frutos é yerbas: en ella hay pinares á maravilla, é hay campiñas grandísimas, é hay miel, y de muchas maneras de aves y frutas muy diversas. En las tierras hay muchas minas de metales é hay gente in estimable número.

La Española es maravilla: las sierras y las montañas y las vegas y las campiñas, y las tierras tan fermosas y gruesas para plantar y sembrar, para criar ganados de todas suertes, para edificios de villas y lugares. [...]

En conclusión, a fablar desto solamente que se ha fecho este viage que fué así de corrida, que pueden ver Sus Altezas que yo les daré oro cuanto hoberen menester (12), con muy poquita ayuda que sus altezas me darán: agora especería y algodon quanto Sus Altezas mandaran cargar, y al mastiga (13) cuanto mandaran cargar; é de la cual fasta hoy no se ha fallado salvo en Grecia y en la isla de Xio, y el Señorio la vendo como quiere, y lignaloe (14) cuanto mandaran cargar, y esclavos cuantos mandaran cargar, é serán de los idólatras; y creo haber fallado ruibarbo (15) y canela, e otras mil cosas de sustancia (16) fallaré, que habrán fallado la gente que allá dejó; [...]